3 1761 07149763 0

Goes, Damião de
Chronica d'el-rei
D. Manuel

DP
60H
G6
1909
v.2

IBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME LX)

CHRONICA

D'EL-REI D. MANUEL

POR

DAMIÃO DE GOES

VOL. II

ESCRIPTORIO
147 = RUA DOS RETROZEIROS = 147
LISBOA
—
1909

2822

BIBLIOTHECA

DE

Classicos Portuguezes

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA
DE
Classicos Portuguezes
Propriedade e fundação
MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVADO

(VOLUME LX)

CHRONICA

D'EL-REI D. MANUEL

POR

DAMIÃO DE GOES

VOL. II

ESCRIPTORIO

147=RUA DOS RETROZEIROS=147

LISBOA

—

1909

1105715

DP
604
G6
1909
v.2

LIBRARY
AUG 11 1966
UNIVERSITY OF TORONTO

CAPITULO XLII

Da crença, seita, cerimonias, e costumes dos Gentios Canaris, Bramanas, Naires, e do sitio da terra do Malabar, e cidade de Calecut.

Em quanto Vasquo da Gama repousa duas noites, e hum dia em terra, dos trabalhos donze meses do mar, antes de se ver ha segunda vez com el Rei de Calecut, não sera improprio a esta nossa Historia dizer alguma cousa da provincia, crença, e costumes da gente e Reis do Malabar, da qual este de Calecut he ho mais poderoso, chamado Çamori, dignidade, quomo entre nós Demperador. São estes gentios Canaris do Malabar mui cerimoniaticos, tem templos a que chamão pagodes mui grandes, e bem ornados, com muitas imagens, dellas afiguradas, quomo anjos, e diabos, e dellas quomo homens e mo-

lheres, e outras de diversos modos. Alguns destes pagodes tem rendas, e outros se entretem desmollas: fundão capellas, e casas de oração, a que deixão rendas pera hos Bramanas se manterem, e fazerem sacrificios, nos quaes usão grandes cerimonias. Hai muitas seitas delles, e tantas ordens de votos diferentes, que seria fazer um grão volume, se as quizesse dizer, per extenso, mas como meu officio seja escrever Chronica, e não costumes de gentes, nem historia geral, remeto o lector ao livro que fez Duarte Barbosa em lingoa Portuguesa, dos costumes de toda ha gente que ha do cabo da boa Sperança até a China, e Lequeos, no qual trata dos costumes, cerimonias, e seita destes Canaris, e Bramanas, e de toda a gente do Malabar, assas copiosamente, entre os quaes os Bramanas são sacerdotes per geração, e delles ha ordem separada de mais nobres, e outros populares que servem estes, e qualquer outra pessoa que lhes paga, e sobre tudo em levar cartas de humas provincias a outras, porque ainda que seja tempo de guerra hos deixão passar livremente. Trazem os Bramanas tres fios lançados ao collo sobraçados de hum braço ao outro, em sinal da Trindade, que crem, como nos: tem per fê que Deos veo ao mundo, e tomou carne humana, por salvação do genero humano. São pela mór parte homens doctos em Philosophia, e Mathematicas, são muito antigos na India, porque quando Alexandre foi ter a ella, ja hos havia, e eram de tanto tempo atras, que de seu principio, e em que tempo começarão, se não achava memoria. Megasthenes, e Strabo, scriptores Gregos lhes chamam philosophos da India, casão huma só vez, e as molheres delles fazem ho mesmo, nem depois que morre hum destes, nem ellas, pode ho outro mais casar. Tem os Malabares entre outras festas huma, que solennizão no

mes de Septembro, a qual começa a vinte, e dous dias Dagosto, neste dia hos meninos, com arcos de pao, e frechas de folhas de palma, começão a se tirar huns aos outros, e daquelle dia por diante hos outros moços maiores, e vai isto crecendo de dia em dia, até chegar aos homens, e vem a tanto que se ferem e matão huns aos outros, e os que morrem nesta festa se tem por salvos. Começão o anno no mesmo mes de Septembro, mas não em dia certo, nem hora, se não na que lhes seus feiticeiros (a que são muito dados) dizem que he boa, e fortunada, e se per seus feitiços, e astrologia achão boa conjunção, e hora fortunada no primeiro dia de Septembro, naquelle ho começão se não sperão até ho segundo, terceiro quarto, e dia, até se achar ha hora, ha qual sabida todollos homens, e molheres de idade de quinze annos pera riba poem humas bandas de panno sobellos olhos tão apertadas que não vem cousa nenhuma, e assi guiados per moços desta idade pera baixo, se vão de suas casas aos pagodes, onde depois que lhe dizem que estão defronte do idolo, desatão o pano que tem diante dos olhos, e se ha primeira cousa que vem he ho idolo, tem que todo ho anno serão bem afortunadas. Tem outros muitos agouros, em tanto que nas horas que achão serem infortunadas não querem receber dinheiro, ho que abasta quanto as cerimonias. Ha nesta terra do Malabar cinquo Reis, que não obedecem a nenhum outro, ho de Calecut, Cananor, Cranganor, Cochim, Coulam, allem destes hai o de Travancor, que he sujeito a el Rei de Narsinga, hum dos mais poderosos Reis de toda a India, de cujo estado tratarei adiante. Hos costumes desta gente do Malabar são varios, e tantos que seria longo processo dizer de todos, ho que farei somente dos Naires, que são homens nobres. Estes por lei do Regno não podem casar, com tudo

hos Caimães que são senhores ho podem fazer, tem todos mancebas Nairas de geração, porque se dormem com molher que não seja da casta de Naires, per lei os outros Naires hos matão ás cutiladas. Tem estes Naires de moradia dos Reis do Malabar certa contia cada mes que pode valer da nossa moeda duzentos reaes, com que se mantem honestamente com um page que os serve, pola terra ser barata, e elles de pouca vianda. Hos filhos destas mancebas Nairas não são de nenhum delles, senão da manceba, nem tem com elles conta, nem são seus herdeiros, senão hos filhos de suas irmãs, e não dos irmãos: andam núa da cinta pera riba, e pera baixo andam cachados com pannos de seda, e algodão, trazem sempre espadas, e rodellas, arquos, frechas, e lanças, e tambem espingardas que já has havião neste tempo, ainda que poucas, mas agora tem muitas, e muito boas, feitas na mesma terra. São homens muito ligeiros, e destros nas armas, ho qual exercicio aprendem desde meninos, com tudo não podem trazer estas armas senão depois que os el Rei, ou senhores: hos com que vivem fazem cavalleiros aos mestres que hos ensinão, a que chamam Panicães, são tão obedientes em moços, e depois de homens, que em qualquer parte que os achão se lanção de bruços diante delles, e os adorão quomo se fossem idolos: aho Rei arma cavalleiro o Panica que o ensinou. Estes Naires, e outras castas de gente que ha no Malabar tem tal modo, e ordem em suas gerações, que o tecelão nunca pode ser çapateiro, nem o çapateiro alfaiate, nem o alfaiate carpinteiro, nem o carpinteiro ferreiro, e assi todolos outros, de modo que hão de continuar nos officios de seus pais, e avós, e se hum destes vem a ter amizade com molher que não seja da geração de seu officio, os mesmos parentes, e amigos delle ho matão. E pois já dixe das seitas, idola-

trias, e costumes do Malabar em geral, razão he que em particular diga da cidade de Calecut, pois tanto trabalho nos deu descobrilla, e tantos ha communicação della, como se ao diante verá. Esta cidade está situada aho longo de hum arrecife quomo costa brava, he muito grande em distancia mais que em fabrica, porque has casas são muito afastadas humas das outras, com muitos jardins, das quaes sós has del Rei, e hos pagodes são de pedra, e cal, telhas de tijollo, todallas outras são palhaças, cubertas de folha de palma, e isto per lei. He muito graciosa de jardins, pumares, e hortas; tem muitas noras, e tanques daguoa, cuberta, e cerquada de palmares, e arequães que a fazem muito mais graciosa, he muito abundante, assi de mantimentos da terra, quomo dos que lhe vem de carreto. Hos naturaes são gentios, quomo todolos outros da terra do Malabar, habitão nella muitos mouros mercadores, delles ha mui riquos, tanto que havia então alguns que tinham cinquoenta, e sessenta naos de seu. Aos mercadores estrangeiros, e de qualidade que vão a Calecut, per ordenança del Rei se dá hum Naire, pera o guardar, e servir, e hum scrivão chetim, que são homens que sabem de mercadoria, e muito entendidos em conta, e hum corretor pera lhe vender suas mercadorias, e comprar outras, hos quaes ho mercador paga á sua custa pera ajuda do que hos mercadores a que comprão lhe dão hum tanto por cento, segundo a qualidade da mercadoria. Na cidade se acha todo genero de mercadorias, em tanto, que ha muita abundancia que de todas estas cousas os nossos nella virão, e lhe fez espanto: ha qual cidade he cabeça de toda ha terra do Malabar, e ho Rei era ho mais riquo, e poderoso de todolos Reis daquella provincia, antes que hos Portugueses viessem á India, mas agora por não querer nossa amizade,

per conselho dos Mouros, diminuio muito em seu estado, e ho de Cochim ho acrecentou pela boa, e verdadeira que com nosco sempre teve.

CAPITULO XLIII

Do que Vasquo da Gama passou com el Rei de Calécut a segunda vez que se com elle vio, e do que lhe aconteceo até partir de Pandarane.

Vasquo da Gama desejoso de tornar perás naos, quisera aho outro dia ir dar has cartas a el Rei, ho que se dilatou até ho terceiro dia, no qual em companhia do mesmo Catual, e de um feitor del Rei lhas levou e hum presente das milhores cousas que trazia de Portugal, de que el Rei fez pouco caso, ho que Vasquo da Gama entendendo lhe dixe, que se não espantasse da pouquidade do presente, porque se el Rei seu senhor soubera de certo, que lhe havia Deos de deparar esta viagem, que os presentes forão taes, quaes requeria sua Real pessoa, mas que se ho dito senhor ho deixasse tornar a Portugal, que ho presente com que mais gosto levaria, serião muitas naos que cadanno haviam de vir áquelle porto de Calecut, de que receberia tanto proveito, quanto nunca recebera de nenhuma outra gente que a elle viesse, do que el Rei ficou satisfeito e com alegria tomou as cartas da mão de Vasquo da Gama scriptas em Portugues, e Arabigo, pedindo-lhe que has não mandasse ler, nem interpretar per homens mouros de nação, porque todos lhe eram suspeitos, ho que não dizia sem causa, porque já tinha sabido per Monçaide quomo os mouros o tinham mexericado com el Rei

per via do mesmo Catual que o acompanhava, dizendolhe que era ladrão, cossairo, que se guardasse delle, e mandasse prender, e castigar, e lhe tomasse as naos, porque com ellas avia de fazer muito mal antes que se partisse, como ho tinha feito per todollos portos onde chegara. El Rei mandou ler a carta em Portugues por Monçaide, por não haver na cidade outrem que entendesse a lingoa Hispanhola, ha qual lhe interpretou de verbo a verbo, e ha em Arabigo mandou ler pelo mesmo Monçaide, e per guzarates gentios que fallavão arabigo. Ho que feito el Rei despedio Vasquo da Gama dizendolhe que podia estar na Cidade se quisesse, ou irse para as naos, e se guardasse de conversar os mouros, porque sabia que nam folgarão com sua vinda, do que lhe Vasquo da Gama deu muitas graças, e se despedio delle acompanhado do Catual e feitor del Rei até sua pousada, e logo no dia seguinte que foi ho derradeiro de Maio partio para Pandarane com os seus, até onde ho acompanharam muitos Naires e antes de chegar a Pandarane, o Catual, que ficára em Calecut passou por elle, e segundo depois claramente se vio, era pera ho não deixar embarcar, e o deter em terra, ho que tudo urdiam hos mouros, ha experiencia do que foi pedir ho Catual a Vasquo da Gama, que mandasse chegar as naos a terra, e lhe entregasse has velas, e governalhos, do que se Vasquo da Gama excusou, no que o Catual insistio todo aquelle dia, e ao outro, que eram dous de Junho, assentaram ambos que se levassem a terra dessas cousas que trazia de Portugal has que lhe parecesse que era pera com ellas poder comprar speciarias, e o que lhe fosse necessario, e que o deixaria ir peras naos, o que Vasquo da Gama logo pos em obra e tudo o que lhe trouxerão entregou ao mesmo Catual, e assi Diogo Diaz que ficava por feitor, e Alvaro

de braga por scrivão. Isto feito, Vasquo da Gama se recolheo a frota sem mais querer tornar a terra, e por el Rei de Calecut não tomar má suspeita do que se fazia, lhe mandou dizer pelo feitor os agravos que recebera do Catual, e que por lhe não fazer outros mores determinava não ir mais a terra, ao que el Rei respondeo, que se informaria do negocio, e se o Catual fosse culpado, o mandaria castigar, e que por os nossos estarem mais seguros ouvesse por bem que se fossem pera Calecut, porque la havia muito mais mercadores que em Pandarane, aos quaes poderião com mor brevidade vender o que levavam, e delles comprar ho que quizesse, ho que Vasco da Gama ordenou que se fizesse logo, e ao outro dia partirão pera Calecut Diogo diaz, e Alvaro de braga com outros Portugueses, acompanhados de naires del Rei e de hum seu feitor, que lhes fez o custo todo ho caminho, e pagou ho carreto das cousas que levavam. Despois dos nossos estarem em Calecut mandava Vasquo da Gama cada dia dous, e tres Portugueses a ver ha Cidade, e aquelles tornados mandava outros, pera assi pouquo a pouquo ha verem todos, aos quaes os gentios no caminho, e na Cidade fazião muito gasalhado, dandolhes de comer, e camas pera dormirem, e andavão tão seguros pela terra como se estiverão em Portugal, e dos da terra, assi mouros como gentios, vinhão muitos, ás naos, a quem Vasquo da Gama mandava fazer bom gasalhado, na qual amizade estiverão os nossos até ho começo do mes Dagosto, e porque se chegava o tempo em que haviam de partir, mandou Vasquo da Gama dizer a el Rei per Diogo diaz, que para confirmação da paz, e amizade que el Rei seu senhor queria ter com elle determinava de deixar em Calecut um feitor, mas que o não queria fazer sem sua licença, ho qual recado el Rei de Calecut tomou mal,

ou polo não entender bem, ou por cuidar que se queria Vasquo da Gama partir sem lhe pagar os direitos acostumados, assi da ancoragem das naos, como da fazenda que tinha já vendida, pelo que respondeo a Diogo diaz que se fosse muito embora, mas que primeiro lhe mandasse pagar seis centos xeraphins, que val cada hum trezentos reaes, que devia aos officiaes de sua fazenda: a este recado não respondeo Vasquo da Gama a proposito; pelo que mandou el Rei logo poer guardas em Diogo Diaz, e Alvaro de Braga, e na fazenda que tinhão em terra, ho que sabendo Vasquo da Gama lhe mandou pedir os presos, e fazenda. e vendo que lhe não queria mandar nada sperou até que viessem ás naos algumas pessoas de qualidade, em que podesse fazer represaria, estas forão seis homens honrrados Malabares, com dezanove criados, com hos quaes, quomo hos teve na nao, se fez a vela, e com vento contrario foi surgir quatro legoas a la mar de Calecut, sperando que lhe viesse algum recado da terra, mas vendo que lhe não vinha se fez na volta do mar, onde lançou ancora, tam afastado della, que quasi a nam viam. Estando assi lhe mandou el Rei dizer que sespantava muito do que tinha feito, que se não fosse, porque loguo despacharia hos Portugueses que mandara a Calecut, e que por elles lhe mandaria ha resposta das cartas que lhe trouxera del Rei de Portugal seu irmão. Com este recado se fez á vela, e á boca da noite veo surgir diante da cidade, donde a ho dia seguinte el Rei mandou Diogo diaz, e Alvaro de Braga com hos que ficaram em terra, mandando por Diogo diaz huma carta pera el Rei dom Emmanuel, e dizer a Vasquo da Gama, que se quizesse deixar feitor, e officiaes com fazenda em Calecut, que elle os mandaria guardar per seus Naires, de maneira que se lhes não fizesse agravo nenhum,

e que a fazenda que ficava em terra lha nam mandava sperando que o feitor, e officiaes tornasse, pera ficarem em Calecut, e fazerem della seu proveito, e se hos nam quisesse deixar que lha mandaria. Vasquo da Gama nam se fiando deste recado, mandou pedir a fazenda a el Rei, o que se fezesse lhe mandaria os Malabares, que quanto a deixar feitor, que ho tinha por excusado. A ho outro dia pela manham veo ter á nao Monçaide, pedindo a Vasquo da Gama, que o levasse consigo pera Portugal, por quanto vinha fugindo de Calecut, onde se tornasse era certo que os Mouros ho mattariam, que do que lhe ficava em terra fazia pouco cabedal, por salvar a vida. Vasquo da Gama o recolheo, e fez bom gasalhado atte ser nestes Regnos, onde se fez Christão, quomo atras fica dito. Neste mesmo dia ás dez horas vieram á capitaina sette almádias, em que el Rei mandava toda ha fazenda que ficara em terra, das quaes has tres se chegaram mais, e dixeram que mandasse hos Malabares, que elles mandariam ha fazenda. Vasquo da Gama mais cobiçoso de trazer estes homens a Portugal, que da fazenda, respondeo que tudo erão mentiras, que nam vinha alli toda ha fazenda, que os Malabares havia de levar consigo a Portugal, pera elles mesmos dizerem a el Rei seu senhor hos agravos que recebera del Rei de Calecut, e dos Mouros da terra que dixessem aos parentes, e amigos dos dictos Malabares, que lhes prometia de lhes fazer muito boa companhia, e que sperava com ajuda de Deos de hos tornar a trazer áquelle porto sãos, e salvos. Ho que dicto mandou tirar ás bombardadas ás almadias, que com medo se acolherão, ho que el Rei de Calecut sentio muito, e se tivera sua armada no mar, mandara commeter has nossas naos, mas tinha ha varada em terra, por ser inverno, e naquellas partes não navegarem se não

no veram, que lá he no tempo do nosso inverno. Com tudo andando as nossas naos em calmaria, huma legoa abaixo de Calecut, has mandou commeter com sessenta barcos, a que chamam tónes, em que hia muita gente de guerra; dos quaes hos apartou huma trovoada, e chuveiro com que lhes Deos acodio. Dalli tomou Vasquo da Gama sua derrota caminho de Melinde, mas antes de sair da costa do Malabar screveo huma carta a el Rei de Calecut, em que lhe contava todalas traições, que lhe os Mouros da terra tinham ordenadas, e mao trato que recebera do Catual, e doutros officiaes, pelo que se partira sem se despedir delle, com tudo que hia muito desejoso de o servir, e lhe certificava que el Rei dom Emanuel seu senhor avia dalli por diante de fazer muito cabedal de sua amizade, e que elle mesmo em pessoa sperava de tornar a trazer os Malabares. A qual carta lhe mandou per hum criado dos mesmos Malabares que fez poer em terra. El Rei a recebeo bem, e della mostrou contentamento, e a fez ler ás molheres, parentes, e amigos dos Malabares, que Vasquo da Gama consigo levava. Navegando assi com calmarias, foi ter a huns ilheos onde o vierão cometter oito navios de remo pequenos, que vinham todos metidos debaixo de huma ramáda, quomo balsa, dos quaes fez fugir os sete, e tomou hum em que achou coquos, e jagra, que he açuquar de palmeiras em pó, e muitos arcos, frechas, espadas, e outras armas. O capitão destes navios era hum cossario, per nome Timoja, natural de Onor, homem que fez depois muitos serviços a estes regnos, quomo se ao diante dirá, deste lugar se foi Vasquo da Gama a huma ilheta que chamão Anchediva.

CAPITULO XLIIII

Do que Vasquo da Gama passou em Anchediva, e dalli atte chegar ao Regno.

Esta ilha de Anchediva he pequena, de muitos arboredos, abundante de pescados do mar, e marisquo, ha nella muito boa aguoa, he de muito bons ares, está situada junto de terra firme, onde Vasquo da Gama mandou espalmar as naos. Neste tempo entre outros homens da terra, que vinham ver os nossos, hum delles era criado de hum grande senhor por nome Cabaio, que allem de muitas terras, que tinha pelo sertam possuia, a ilha, e cidade de Goa, bom cavalleiro, e que mantinha a sua custa muita gente de guerra, e sobre tudo estimava muito homens estrangeiros, e lhes dava grandes soldos, e ordenados. Este desejoso de aver as nossas naos, e gente per manha, pela fama que tinha de serem homens de guerra, sob cor de amizade mandou visitar Vasquo da Gama, offerecendo-lhe mantimentos, e dinheiro, com o demais que lhe fosse necessario, mas o messageiro se devertio tanto no recado, que Vasquo da Gama suspeitando que era espia, o mandou prender, e metter a tormento, no qual confessou que o Cabaio o mandara pera ver que gente havia nas naos, e a ordem dellas, pera com este aviso as mandar cometter, e a elles, se os podesse tomar, ter por seus soldados, tendo antes disto dito a Vasquo da Gama que era Christão trazido aquellas partes minino, e posto que as mostras fossem de Mouro, que no caração tinha a fé de Jesu Christo, tudo em lingoajem Italiana que fallava assaz bem, mas o tormento lhe fez confessar a verdade, que era judeu natural do Regno de

Polonia da cidade de Posna, na qual eu estive duas vezes em negocios a que el Rei dom Joam terceiro, que sancta gloria aja, me mandou áquellas partes, cabeça, e Metropoli da Polonia maior, cidade grande, bem cerquada, e muito abastada de mantimentos. Quomo Vasquo da Gama soube que o Cabaio armava sobrelle, com a môr diligencia, que pode, acabou daparelhar has naos, e a huma sesta feira cinco dias Doutubro se fez á vela cominho de Melinde, levando consigo este judeu, a que sempre fez muita honra, e bom gasalhado, pelo achar homem, que tinha experiencia de muitas cousas da India, e doutras provincias, e o trouxe a Lisboa, onde se fez Christão, e lhe chamarão Gaspar da Gama, do qual se el Rei dom dom Emanuel depois servio em muitos negocios na India, e o fez cavalleiro de sua casa, dandolhe tenças, ordenados, e officios de que se manteve toda sua vida abastadamente. Neste caminho de Anchediva até Melinde andou Vasquo da Gama com calmarias, e tempos contrarios, mais de quatro meses, em que lhe morrerão trinta homens, e ha primeira terra, e povoaçam que viram foi a cidade de Mágadaxo situada no fim daquelle golfam na costa da Ethiopia, cento, e treze legoas de Melinde, de que direi em seu lugar: diante da qual ancoraram aos dous dias de Fevereiro, e por ser de Mouros a mandou esbombardear de tam perto, que fez muito damno aos moradores, e naos que estavam surtas no porto. E correndo a costa dez legoas contra Melinde lhe sairam de huma villa de Mouros chamada Páte oito terradas, que sam navios pequenos de guerra, com muita gente, dos quaes se desfez as bombardas, e por lhe escacear o vento as nam seguio. Dalli foi surgir huma segunda feira sete dias de Fevereiro diante da cidade de Melinde, onde antes de ter lançado ancora o mandou el Rei visitar

com refresco da terra, seguindo logo o Principe que o veo ver a bordo, e por sinal de amizade mandaram com elle hum embaixador a El Rei dom Emanuel. Neste porto de Melinde esteve Vasquo da Gama cinco dias, nem quis mais sperar, porque se lhe passava o tempo em que havia de dobrar o cabo de boa Sperança, acabo dos quaes se fez á vela a huma sesta feira doze dias de Fevereiro, e por levar já muito pouca gente, sendo atraves de huma villa, que se chama Tagata, mandou despejar, e queimar a nao de que era capitam Paulo da Gama; por ser muito velha, e e a elle recoleo na sua, e da gente partio com Nicolao Coelho. Seguindo assi sua viagem aos xxviij. de Fevereiro se achou diante da ilha de Zanzibar, que está cinco, ou seis legoas da terra firme daquella costa de Ethiopia, povoada de Mouros, que tem trato per todolos lugares daquella costa, principalmente na cidade de Mombaça pera onde navegam em navios pequenos, sem cuberta, de hum só mastro, que levam carregados de mantimentos. He esta ilha muito viçosa de rios, fontes, criações, fructas, tanto que nos matos nascem laranjeiras, e outras arvores despinho que dão muito boa fructa. Ho senhor da qual mandou visitar Vasquo da Gama com refresco da terra, pedindolhe que o quizesse ter por seu amigo. Dalli partio o primeiro de Março, e ha primeira terra que tomou foram has ilhas de S. George onde surgio, e sem fallar com o Xeque de Moçambique, se fez á vela sem tomar porto até a agoada de Sam Bras, onde fez agoada, lenha e carnajem, e seguindo dalli sua viagem (sem em todo o caminho atras poder tomar nenhum dos portos, em que deixara os degradados) dobrou o cabo de boa Sperança aos xx. dias de Março, donde cortou direito á ilha de Santiago, até hos vinte cinco dias Dabril, que acharão sonda de vintacinquo braças,

na qual paragem com temporal se apartou Nicolao Coelho de Vasquo da Gama, e sem o mais poder ver, navegou rota abatida pera o Regno, onde chegou a Casquaes aos dez dias de Iulho do anno de mil e quatrocentos, e noventa, e nove, de quem el Rei soube has primeiras novas do que passaram nesta viagem. Vasquo da Gama foi ter a ilha de Santiago, e por seu irmão Paulo da Gama vir muito doente de etheguidade, e a sua nao fazer muita agoa, com o desejo de o trazer vivo a Portugal, fretou huma caravella, e deu a capitania da sua nao a Ioão de Sá, mandandolhe que a concertasse, porque sem isso nam vinha pera poder navegar. Ho que feito se partio, e pela doença de Paulo da Gama ir em crecimento lhe foi forçado tomar a ilha terceira onde falleceo, per cujo respeito Vasquo da Gama fez alguma detença, e depois de o ter enterrado no mosteiro de S. Francisco, e mandado fazer suas exequias como convinha a hum tão honrado homem, e tam bom cavalleiro como elle foi, se fez a vela, e chegou a Lisboa aos xxix dias do mes Dagosto, do mesmo anno, avendo já dous, e quasi dous meses que partira do mesmo porto, com cento, e quarenta, e oito homens, dos quaes tornaram ao regno cincoenta, e cinco, de cuja vinda el Rei levou muito contentamento, e lhe fez muita honra, dandolhe titulo de dom para elle, e seus irmãos, e descendentes delles todos, e o fez depois almirante da India, e Conde da Vidigueira de juro. A Nicolao Coelho fez fidalgo de sua casa, e assi a elles quomo a todolos outros que tornarão fez merce a cada hum segundo a calidade de seu serviço, e pessoa. Deixou Vasquo da Gama postos nesta viajem cinco padrões, São Raphael no rio dos bons sinais, S. George em Moçambique, Sancto Spirito em Melinde, Santa Maria nos ilheos, que se per este respeito chamão de Sancta

Maria, situados entre Bacanor, e Baticala, e ho outro em Calecut chamado S. Gabriel. Com os quaes, per virtude das bullas dos Papas Nicolao quinto, e Sixto quarto cóncedidas aho Infante dom Henrique filho del Rei dom Ioam primeiro, e a el Rei dom Afonso quinto, sobrinho do dito Infante filho del Rei dom Duarte, tomou licitamente posse perá coroa destes regnos de tudo o que descobrira até o regno de Calecut, como ho dantes fezeram os outros capitães, ate a parajem do rio de Lopo Infante, das quaes bullas me pareceo desnecessario poer aqui ho treslado, ha huma por conterem muita lectura, e ha outra porque quem per coriosidade as quiser ler as achará na torre do Tombo destes regnos, onde ao presente estão em meu poder.

CAPITULO XLV

De como ho corpo del Rei Dom Ioam foi levado da Sé de Sylves ao convento da Batalha, e do casamento de Dom George seu filho; e de dom Afonso Condestabre, e da morte do Principe dom Miguel.

Em quanto as novas desta espantosa viajem trazem os animos dos homens ocupados com varios pareceres, huns tendo este descobrimento per proveitoso polas muitas riquezas, que da India podião vir, outros por damnoso, pois tudo o que se della sperava avia de ser a troco de dinheiro, e sangue dos Portuguezes, tratarei algumas cousas que no regno passaram ate ser tempo doutra vez fallar no mesmo negocio, das quaes ha primeira foi a trasladaçam do corpo del Rei dom Ioão segundo deste nome, que foi pelo modo seguinte. No começo desta Chronica fica dito quomo este invencivel Rei morreo na

villa Dalvor, no regno do Algarve no anno de mil, e quatrocentos, e noventa, e cinco, no mes de Octubro, e foi enterrado na Sé de Sylves, cidade do mesmo regno, e avendo já quatro annos que fallecera, El Rei dom Emanuel ordenou, que seus ossos se trasladassem ao convento da Batalha, da avocação de nossa Senhora da Victoria, da Ordem de Sam Domingos dos pregadores. E pera se isto fazer com ha solemnidade requerida, elle em pessoa foi á cidade de Sylves, levando com sigo dom George filho bastardo do mesmo Rei dom Ioam, e perante sim fez abrir o ataude em que se metera o corpo, o qual acharam inteiro, e has taboas do ataude quasi de todo comestas, e gastadas de cal virgem, que lhe lançaram, e do corpo sahia hum tam bom cheiro, que a todos fez espanto, e depois se soube por verdade ter o Senhor Deos por elle feito alguns milagres depois da sua morte. O qual corpo ao presente esta ainda inteiro, com barba, e cabellos no peito, pernas, e braços, e o estomago tão teso, e a pelle tam côrada, como se fosse vivo. E o Infante dom Henrrique Cardeal de Portugal me dixe, que no anno de mil, e quinhentos, e cinquenta e cinco, que he sessenta annos depois do falecimento del Rei dom Ioam, que estando elle no convento da Batalha, mandara abrir a sepultura deste glorioso Rei, e vira o corpo inteiro do modo arriba dito, e sentira sair delle hum suavissimo odor. Partido el Rei dom Emanuel de Slyves, logo na primeira jornada se adiantou, deixando dom George com o corpo del Rei seu pai, e toda a outra companhia, e se veo afforrado á Batalha, onde o estavam sperando os Prelados, e senhores do regno que nam forão a Sylves, com os quaes, e com todolos Religiosos do Convento veo receber a tumba hum bom pedaço fora do lugar a pe. Despois de o corpo ser na Egreja, e lhe

fazerem todolos officios dos defunctos em pontifical, foi sepultado na mesma capella, onde jazia enterrada a Rainha Donna Isabel sua mãi, filha do Infante dom Pedro. Neste anno de mil, e quinhentos, aos xxv. dias do mes de Maio deu el Rei titulo a dom George de Duque de Coimbra, e senhor de Monte mór o velho, alem dos que já tinha de Mestre das Ordens de Sanctiago, e de Avis, e ao derradeiro dia do mes o casou, sendo em idade de vinte annos, com donna Beatriz de Vilhena, filha de dom Alvaro, irmão de dom Fernando segundo Duque de Bragança do nome, e de donna Phelippa filha unica, e herdeira de dom Rodrigo de Mello, Conde que fora de Olivença, quemo na terceira parte desta Chronica se mais per extenso relata, e has vodas se fezeram em Lisboa, sendo presentes el Rei, e a Rainha donna Leanor sua irmam, que criara a dita donna Beatriz em sua casa, desno tempo del Rei dom Ioam seu marido, e lhe queria tanto como se fora sua filha, o que mostrou nas honradas vodas que lhe fez em seus proprios paços e riquas joias, enxoval, e outras cousas que lhe deo de sua propria fazenda. No mesmo dia fez el Rei Condestabre de Portugal a dom Afonso, filho bastardo do Duque dom Diogo seu irmão, o que el Rei dom Ioam matou em Setubal, como em seu lugar fica dito, e o casou dahi a poucos dias com donna Ioanna de Noronha, filha do marques de Villa real dom Pedro de Meneses. Este dom Afonso houve o Duque dom Diogo da Marquesa de Villa Fermosa, andando em Castella, per caso das terçarias do principe Dom Afonso de Portugal, e da princesa donna Isabel de Castella, como se na Chronica del Rei dom Afonso quinto contem, e logo depois que el Rei dom Ioão matou o Duque dom Diogo, mandou poer em gram segredo este dom Afonso em Portel, em guarda de Antam de fa-

ria seu camareiro, e guarda roupa, e alcaide mór da mesma villa, mandandolhe que o criasse como filho dalgum lavrador, sem se saber quem era, mas tanto que el Rei dom Ioam faleceo, a Infante donna Beatriz, mãi do Duque dom Diogo, sua avó, mandou por elle a Portel, e o criou em sua casa como convinha a seu neto. No mesmo anno estando el Rei em Syntra lhe veo recado dos Reis de Castella, como aos dezanove dias do mes de Iulho falecera na Cidade de Granada o Principe dom Miguel seu filho, e da Rainha Princesa donna Isabel sua molher, o qual ao tempo que morreo era de idade de xxij meses, do que el Rei mostrou pouco sentimento, e o mesmo se fez em Castella, porque nem lá, nem qua se pos por elle dó, nem se fezeram por seu falecimento as acostumadas ceremonias que se usam fazer pelos taes principes quando morrem.

CAPITULO XLVI

De como el Rei casou com a Infante donna Maria, filha del Rei dom Fernando, e da Rainha donna Isabel, reis de Castella, e Daragam, e do titulo que acrecentou, pelo descobrimento da India, aos outros titulos que ja tinha.

Morto o Principe dom Miguel, passado ja hum anno, dez meses que el Rei era viuvo, os Reis de Castella desejosos de sua aliança, o mandaram cometer secretamente por pessoas religiosas, com a Infante donna Maria sua filha, porque a Infante donna Ioanna mais velha era ja casada com dom Phelipe Archeduque Daustria, senhor dos estados de Flandres, e de duas filhas que ainda tinham,

donna Maria, e donna Catherina, que depois casou com el Rei Henrrique de Inglaterra, oitavo do nome, desejavam de casar com elle donna Maria, por ser a mais velha, do que se excusou per algumas vezes, mas depois da morte do Principe, vendo quam necessario era fazer-se, e que em nenhuma parte podia ser milhor, nem mais util a elle, e a seus regnos que em Castella, deu orelhas a estes recados, e sobrelles mandou dom Ioão Emanuel seu camareiro mor por embaixador aos Reis, o qual sem ter acabado, o que tocava a sua embaixada, faleceo lá de doença, do que el Rei foi mui enojado, e sentio muito sua morte, pela boa vontade que lhe tinha, e criaçam que nelle fezera, per cuja morte el Rei encarregou deste negocio Rui de Sande, homem fidalgo, e bom cavalleiro, pessoa muito aceita aos Reis de Castella, pelos bons serviços que lhes fezera nas guerras de Granada, no que houve pouca dificuldade, porque quomo elles estavam desejosos de se fazer este casamento, tiveram sobella conclusam delle poucos conselhos, o que assentado, e impetrada a dispensaçam em Roma per caso do parentesco que entrelles havia, ha Infante donna Maria fez seu procurador bastante a dom Alvaro, irmão do Duque dom Fernando de Bragança, que a este tempo estava em Portugal, pera em seu nome receber el Rei por seu marido, per palavras de presente, quomo fez em Lisboa, huma segunda feira dia de Sam Bartholomeu, vinta quatro dias Dagosto, deste anno de mil, e quinhentos, no qual dia se compriam dous annos, que ha Rainha Princesa falecera em Çaragoça. Os reis deram em casamento á Infante sua filha, dozentas mil dobras douro da banda, de trezentos, e sessenta, e cinco maravedis cada dobra, pagas em tres annos seguintes, despois do matrimonio consumado, e pera sustentamento de seu estado,

lhe deram cadanno quatro contos e meo de maravedis, assentados nas rendas de Sevilha, e quomo tiveram aviso de ha el Rei ter recebida por seu procurador, lhe ordenaram sua casa: o que feito partio da cidade de Granada no fim do mes Doctubro deste anno de mil e quinhentos, e fez sua entrada neste regno pela villa de Moura. Ha pessoa principal, que ha acompanhou ate ha araia de Poatugal, foi dom Diogo Furtado de Mendoça Arcebispo de Sevilha, Patriarcha de Alexandria. Os que el Rei mandou pera ha irem receber foram dom Iaimes, Duque de Bragança ha quem ho patriarcha ha entregou, por pera isso levar procuração, os outros forão dom Alvaro, e dom Afonso Bispo Devora seus tios, e dom Rodrigo de Mello, que depois foi Conde de Tentugal, e Marques de Ferreira, filho mais velho do dito dom Alvaro, sendo ainda moço de pouca idade, e dom Francisco Coutinho Conde de Marialva, e de Loulé, com outros muitos fidalgos, e cavalleiros. De Moura veo ha Rainha a Alcacer do sal, onde ha el Rei estava esperando, no qual dia que foram xxx. de Octubro os recebeo o mesmo Bispo Devora. Acabadas has festas que se em Alcacer fezeram a tam real, e tam bemaventurado casamento, El Rei, e ha Rainha partirão pera Lisboa, onde se has festas renovaram, e forão levados da ribeira com muitos triumphos á Sé, e dahi aos paços Dalcaçova, que até aquelle tempo foram o verdadeiro, e proprio apousento dos Reis destes regnos. Despois del Rei ter casado fez merce a Rui de Sande pelos serviços que lhe fezera neste casamento, de titulo de Dom, parelle, e pera todos seus descendentes, e o fez veador da casa da Rainha, alem de muitas outras merces, tenças, dinheiro, e ordenados, no que os Reis de Castella o quiseram tambem imitar, dando ao dito Rui de Sande o habito de San-

ctiago, com huma boa comenda. Neste mesmo anno despois del Rei ser casado acrecentou ao titulo que rinha de Rei de Portugal, e dos Algarves, daquem, e dalem, Mar em Africa, senhor de Guinê, o titulo da conquista, navegaçam, e comercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India, titulo tão honroso quanto o he ha mesma conquista.

CAPITULO XLVII

De como el Rei determinou de passar em Africa fazer guerra aos mouros, e dos apercebimentos que pera isso fez.

El rei posto que fosse casado de pouco, e não tivesse ainda filhos da Rainha sua molher, contra vontade, e parecer de muitos do seu conselho determinou passar em Africa, no anno de mil, e quinhentos, e hum, do que a Rainha particularmente mostrava mui grande descontentamento, aqueixando-se disso per suas cartas a el Rei dom Fernando seu pai, e á Rainha donna Isabel sua mãi, mas tudo isto aproveitava pouco pera el Rei deixar de poer em obra a vontade, e desejo que tinha de imitar os Reis seus antecessores, e serlhes companheiro na gloria que alcançaram nas conquistas das cidades, villas, castellos, e lugares que na terra destes infieis, elles per suas pessoas, passando em Africa ganharam, pera o que mandou screver toda ha gente que no regno avia de que se podia servir em feito de guerra, dos quaes todos ellegeo vinta seis mil homens, que lhe abastavam pera sua empresa. Destes erão os seis mil de cavallo, e oitocentos acubertados, e os de mais besteiros, espingardeiros, de pé e de ca-

vallo, e piaens lanceiros, a fora servidores, e gente de mar, do qual negocio el Rei depois de ter feitas grandes despesas, e assi ha gente nobre que com elle avia de ir, desistio pela razam seguinte. Neste mesmo tempo veo recado certo á senhoria de Veneza, quomo o Turquo com quem entam tinha guerra, mandava fazer uma grossa armada pera lhes tomar, e destruir as terras, ilhas, e cidades que tem na Grecia, a cujo poder se nam atrevendo a resistir sem ajuda dos Reis Christãos, recorreram logo ao Papa pera ser intercessor entrelles, e el Rei, pera que os quisesse ajudar com esta armada que já tinha prestes, ao Papa pareceo bem ha petição dos Venezeanos, pelo que com embaixadores que a isso expressamente mandaram a el Rei, lhe screveo, e encomendou muito ao Nuncio que entam estava nestes regnos, que os ajudasse Estes embaixadores chegaram a el Rei estando nos seus passos de Sanctos o velho, a preposição da qual embaixada foi, que ha Senhoria, e republica de Veneza, confiada de sua grande bondade, e posta no extremo perigo de perder tudo o que em Grecia ganhara, e possuia, lhe mandava pedir socorro, e ajuda com aquella armada que tinha prestes ou parte della, porque a do Turquo era ja no mar, e que o socorro dos outros Reis, e principes de Italia lhes não poderia vir tam asinha, como o seu, por muito que se apressassem, o que fazendo faria mór serviço a Deos, do que por ventura lhe cuidava fazer em seguir sua vontade, sem saber o fructo que della podia tirar, e que o do socorro que lhe pediam era certo, porque elles tinham por mui averiguado, que sabendo o Turquo que esta sua armada hia buscar ha sua, que em lugar de seguir a diante, a mandaria tornar atras, do que se resultaria grande bem a toda a Christandade, porque se Deos, (per seus peccados delles) permittisse

virem os Turquos ao fim do que desejavam, estava certa a perda que se disso havia de seguir, da qual aos Reis Christãos caberia boa parte. El Rei movido de piedade lhes respondeo, que sobrisso tomaria o parecer dos do seu conselho, e que de sua petiçam lhes daria reposta com brevidade, no qual o voto, e parecer dos mais foi, que elle ficasse no regno, e da armada que tinha prestes mandasse trinta naos, e caravellas em ajuda dos Venezeanos, e que esta despachasse logo, pois o substancial de todo este negocio era fazer-se com brevidade.

CAPITULO XLVIII

De como dom Ioam de Meneses Capitam Darzilla, e dom Rodrigo de Monsancto Capitam de Tanger, foram sobre humas aldeas que estão junto Dalcacerquibir, e do que nisso fizerão.

Atras fica dito da victoria que dom Ioam de Meneses ouve contra Barraxa, e Almandarim no anno de mil, e quatrocentos, e noventa, e cinco, depois da qual o mandou el Rei dom Emanuel vir ao regno, e o tornou a mandar á mesma villa por capitam, e governador no anno de mil e quinhentos, e hum, no qual tempo era capitam de Tanger dom Rodrigo de Monsancto. Chegado dom Ioam a Arzilla com cento, e cinquoenta lanças, que el Rei acrecentara as mais que lá havia, determinou ir sobre humas aldeas que estam atraves Dalcacerquibir, e porque se requeria pera o negocio mais gente da que elle podia levar, avisou a dom Rodrigo do que queria fazer sobre o que se ajuntarão em hum dia certo, e deram nas aldeas, em que por acharem

os mouros descuidados captivaram cento, e oitenta, e matarão muitos dos que se quiserão defender, dos quaes vendo cinco cavalleiros Christãos que se hiam recolhendo pera fora de huma das aldeas sete de pé com cinco mouras, derão nelles, mas os mouros se defenderam tam esforçadamente que lhes mataram tres cavallos, e os feriram a todos. Com tudo elles depois da briga durar hum bom spaço mataram hos sette mouros sem se delles querer dar nenhum á paisam, entre hos quaes havia hum que era sposado, e levava consigo a sposa, a qual vendo o negocio travado de maneira que podia perder a sperança de o nunca mais ver, lhe dixe: O' sperança de minha vida que vos farei, que vos vejo matar sem vos poder valer se nam com lagrimas, o que dito remeteo a hum dos Christãos dos que já estavam a pé, com que o sposo andava travado, e o afferrou de sorte que se lhe nam acodiram os outros alli o mataram. Saqueadas as aldeas os capitaens se começaram de recolher com a cavalgada, de que dom Rodrigo levava a dianteira, em que allem dos captivos avia novecentas cabeças de gado vacum, e outro muito meudo, cavallos, azemallas, e asnos. E sendo já afastado huma legoa das aldeas, lhes sahio o Alcaide de Alcacerquibir a pique, com mil, e duzentas lanças, com que deu na retaguarda em que vinha dom Ioam, e o seguio ate tres legoas Darzilla sem lhe querer fazer rosto. Pelo que parecendo aos mouros, que hiam os Christãos atemorizados apertaram tam rijo com elles que foi necessario a dom Ioão fazer volta, em que lhes matou perto de cincoenta dos de cavallo, do que assanhados, deixada ha escaramuça se começaram da juntar dando mostra de quererem dar batalha, o que vendo dom Ioão mandou dizer a dom Rodrigo, que não caminhasse, porque determinava pelejar, dom Rodrigo

lhe respondeo, que se contentasse com a merce que lhe Deos tinha feita, o que lhe pareceo bem, e mandou que caminhasse a cavalgada. Os Mouros no tempo que foram, e vieram estes recados, vendo estar os nossos quedos pareceo-lhes que querião pelejar, do que receosos se recolheram, sem os quererem mais seguir, os quaes chegaram a Arzilla sem faltar nenhum, posto que alguns viessem feridos, donde se dom Rodrigo de Monsancto tornou pera Tanger, com ha parte que lhe coube da cavalgada. Os que se acharam na rectaguarda, e volta que fez dom Ioão, foram dom Ioão Coutinho, que depois foi Conde do Redondo, filho mais velho de dom Vasquo Coutinho, Conde de Borba, Pero Nunez da Sylva, Gonçalo Mendez Çacoto, Rui Cotrim da Castanheda, Antonio Alvarez Vaquinha, Antonio Dabreu, Rodrigo de Vasconcellos, e outros de que não soube os nomes.

CAPITULO XLIX

De quomo el Rei de Fez veo correr a Tanger, e do que se nisso passou.

Alguns dias depois destes dous capitães terem feita esta entrada, soube dom Ioão per hum mouro, que andava el Rei de Fez, e seus irmãos no campo com doze mil de cavallo, e muita pionajem, e que a commum opiniam era que vinha dar vista a Tanger, e dahi a cerquar Arzilla, e que era ja tam junto de Tanger que nam poderia avisar dom Rodrigo se nam por mar, que por terra era impossivel, por todo o campo andar cuberto de gente, dom Ioam agastado desta nova mandou tirar alguns tiros grossos, pera fazer sinal a Tanger, e sabendo que fi-

cara na villa huma cadela de hum morador de Tanger, que avia pouco que se dalli fora, screveo huma carta a dom Rodrigo, que mandou meter em cera, e atar ao percoço da cadella, a qual mandou que posessem á boca da noite na praia, e que despois de bem açoutada a deixassem ir. A cadella fez seu caminho tam depressa, que sendo dom Ioam avisado ao Domingo da vinda del Rei de Fez, ella amanheceo á segunda feira ás portas de Tanger, no qual dia el Rei de Fez apareceo com toda sua gente, e no mesmo mandou que corresse a cidade ha mór parte da de cavallo, ao que dom Rodrigo sahio a repique, mas quomo ha gente fosse muita, o fezeram recolher per força das tranqueiras pera dentro, o que nam foi sem grande resistencia, porque antes de se recolher sosteve o peso dos inimigos per spaço de duas horas, e mea contadas pelo relogio, no qual spaço lhe matarão hum seu filho, e oito cavalleiros, entre hos quaes foi hum Baltasar Lourenço muito valente homem e feriram muitos, e a elle de huma lançada com que lhe pregaram o rosto com o pescoço. Recolhidos assi os nossos pera dentro das tranqueiras, os Mouros os levaram de roldão ate has portas da cidade, mui mal tratados, pelo que conveo a dom Rodrigo fazer volta por os mouros não entrarem com elles, que tam baralhados hiam, e o mesmo fez dom Gracia de Meneses que já estava junto da porta, e com elle dom Lourenço filho de dom Francisco Dalmeida, que depois foi Vicerei da India, e Gonçalo Mendes Çacoto, Pero Leitão Adail, e Penna Roia, Antonio Nunez, e Rui Martinz Mazmorreiro de Tanger, e Lopo Martinz seu primo, os quaes juntos deram nos mouros com tanto impeto, que teverão os outros tempo pera se recolher na cidade, foi isto tam travado que nam ouve mais tempo, por nam poderem fechar ha porta,

que correrem ha tranca ate meo, o que fez Rui Martins, que foi o derradeiro que entrou, e isto com tanto esforço, que dizendo lhe Pero Leitam, e Diogo Banha, que corresse ha tranqua toda, dixe que tal cousa nam faria, por honra de Portugal, que viessem os Mouros, que elle lhes defenderia ás lançadas, o que estava por correr da tranqua, os quaes comtudo chegaram tam perto, sem elle fazer pé atras, que o capitam dos corredores, per nome Çolei malave deu com o terçado huma cotilada na porta, em que deixou hum bom sinal, e quisera cometer ha entrada: mas vendo a determinaçam dos Christãos se recolheo pera o arraial, e el Rei de Fez tomou seu caminho pera Arzilla.

CAPITULO L

De como el Rei de Féz foi correr Arzilla, com o qual dom Ioam de Meneses pelejou, em que de huma e da outra parte morreram alguns cavalleiros.

Partido el Rei de Féz do campo de Tanger chegou Arzilla a cabo de quatro dias; mas quomo dom Ioam estava de sobraviso, em os atalaias dando sinal de sua vinda, sahio ate o rio doce com quinze, ou vinte de cavallo, pera descobrir o campo, porque os demais, e de pé, mandou que ficassem na villa velha, que se diz a porta de Féz, pera dalli sairem quando fosse necessario. Chegado ao rio doce, e vendo a multidam da gente que el Rei trazia, e has muitas bandeiras, que andavam espalhadas pelo campo, se veo recolhendo seu passo a passo, pera onde deixara ha gente, defendendose o milhor que podia dos corredores dos mouros que lhe vinham nas costas, os quaes o apertaram tanto, que sendo já junto donde

deixara ha gente fez volta a elles, em que se achou com sós quatro de cavallo, porque os outros que com elle foram, eram já recolhidos. Mas vendo os de dentro que dom Ioam voltava, sairam obra de cinquenta de cavallo, dos que estavam mais perto, e deram todos nos mouros, com tanto esforço, que os levaram ate junto de huma tranqueira, que estava abaixo datalaia dos paos, matando, e ferindo muitos delles. Os outros Christãos, que ficaram na villa velha, vendo que dom Ioam se alongava no alcance, quiseram sair pera o ajudarem, o que nam poderam fazer, porque muitos dos Mouros lhe vinham cortando os vallados, e tinhão já tomado o caminho por onde elle dera nos outros, pela qual razam os que depois sairam de dentro, nam poderam chegar a dom Ioam, o qual, cuidando que tinha toda ha gente junta consigo, quisera passar adiante, mas vendo os poucos que eram, e que os do campo acodiam aos que elle seguia, fez volta perá villa, na qual foi mui mal tratado dos Mouros, porque lhe mataram alguns cavalleiros, e feriram muitos e a elle com huma lança darremesso, que lhe passou hum coxete, com tudo chegou onde estavam os que deixara na villa velha, com os quaes, e com os que andavão com elle fez huma comprida volta sobre os Mouros, e os lançou fora da tranqueira, dos quaes mataram, e feriram muitos, e captivaram alguns, e assi se recolheo perá villa. Entre os Mouros, que morreram, foi hum capitam dos principaes del Rei de Féz, de cuja morte mostrou grande sentimento. Dos Christãos morrerão nesta volta Pero leitam filho bastardo do Adail Pero leitam, e hum froes que andava em hum cavallo acubertado, e Marquos Hungaro. Aconteceo aqui hum caso mui gracioso, mas pouco util a quem o passou, que foi hum escudeiro de Moleinacer, irmão del Rei

de Féz, que andava com elle no campo, ho qual escudeiro como sabia que el Rei vinha com tençam de tomar Arzilla, depois que sesta escaramuça acabou, cuidando que era ha villa entrada, se veo do campo (onde andava desviado dos outros mouros) meter na Villa, ao qual se fez a honrra que se faz aos captivos. Has pessoas que se acharão neste feito foram dom Bernardim dalmeida, filho do Conde Dabrantes, dom Pedro Dalmeida seu irmão, Pero Moniz da Silva, Rui de Sousa, Gonçalo Mendez Çacoto, Ioam de Vasco Goncellos, Sancho de Vasco Goncellos, Ioam de Figueredo, George Vaz de Novaes, e outros que nam pude alcançar os nomes.

CAPITULO LI

Darmada que el Rei mandou em ajuda dos Venezeanos contra os Turquos, e do sucesso da viagem que fez.

Assentado que se desse aos Venezeanos o soccorro que pedião mandou el Rei que tomassem da armada que tinha prestes pera sua passagem trinta naos, navios, e caravellas dos melhor epuipados, e artilhados, de que deu ha capitania a Dom Ioam de Meneses, filho de dom Duarte de Meneses Conde de Vianna, capitão que fora Dalcacer, e alferez môr del Rei dom Afonso quinto. Ho qual dom Ioam de Meneses per seus merecimentos foi mordomo mór del Rei dom Ioão segundo, e del Rei dom Emanuel, e Conde de Tarouqua, commendador de Cezimbra, capitam, e Governador da Cidade de Tanger, e depois Prior do Crato, per falecimento de dom Diogo Fernandez

Dalmeida. Por sota capitão desta armada hia Rui Telez de Meneses cunhado do mesmo dom Ioam de Meneses, irmão de sua mulher. Ha capitania desta armada desejou muito de haver o dito dom Diogo Fernandez Dalmeida, Prior que então era do Crato, por ser contra Turquos, e nisso insistio muito, e por lha el Rei não querer dar, se foi agravado pera Rodes, onde residio quatro annos, e fez muitos, e assinados serviços á ordem, entre hos quaes foi ha famosa vitoria que houve de uma armada de gales do Turquo, ho qual no fim destes quatro annos, tornou ao regno chamado per el Rei, e faleceo em Almeirim. Antes que dom Ioam de Meneses partisse de Lisboa el Rei por lhe gratificar os muitos serviços que delle tinha recebido, lhe deu titulo de Conde da Villa de Tarouqua, na comarqua da Beira. Nestas trintas velas mandou el Rei tres mil, e quinhentos homens de guerra, em que entravam muitos seus criados, afora marinheiros, e outra gente de serviço. Alem destes navios, e gente de socorro, mandou outra armada debaixo da bandeira do mesmo Conde, em que hia muita gente nobre, pera ficar por fronteira na Cidade de Ouram, se podesse ganhar o castello Mazalquibir, situado na boca da barra da mesma Cidade, ho que encomendou muito, e em grande segredo ao Conde. Prestes ha armada, se fezerem á vela do porto de Bethelem a quinze dias do mez de Iunho deste anno de mil, e quinhentos, e hum, com vento prospero chegaram ao cabo de Sancta Maria, onde estavam esperando ho Conde alguns navios do regno do Algarve, que haviam de ir com elle. Aos capitães dos quaes, e aos que com elle hiam de Lisboa declarou entam como per mandado del Rei, e regimento que pera isso levava seu, o primeiro negocio que haviam de fazer, era poer cerquo

a Mazalquibir. Seguindo dalli sua viagem chegou ao porto deste Castello de Mazalquibir, e por ser já tarde se fez na volta do mar com tenção de ao outro dia pela manhã cometer o lugar, que lhe estorvou ser o vento tão contrario que o não deixava chegar, no que andou tres dias, nos quaes os da terra se proverão do que lhes era necessario. Tomado o porto, que foi hum sabado vespera de Sanctiago, vinte tres dias de Iulho, ho Conde com toda a gente que lhe pareceo necessario sahio das naos, levando consigo ha bandeira Real, ficando elle no seu batel, por os fidalgos da frota lhe pedirem que nam desembarcasse. Assi que toda a outra gente guiada per seus Capitães, em boa ordenança foi commeter ha Villa, ate chegarem aos muros, e lhe porem scadas, sem os de dentro lhe fazerem nenhuma resistencia, mas depois que os teverão encravados, e cegos no que cuidavam fazer, e os verem andar ja como vencedores, espalhados ao redor dos muros, sairam de dentro quatrocentos de cavallo, homens que em seu trajo pareciam nobres, e acompanhados de pionajem os quaes derão com tanto esforço nos nossos, que sem nenhuma resistencia, e com muita desordem, os fezeram todos recolher pera os bateis, no qual alcance mataram os mouros vinte, em que houve alguns homens fidalgos. Ho Conde desesperado de poder ganhar a villa, lhe pareceo excusado cometella outra vez, e com parecer de todolos capitães determinouse partir dalli. Ho que assentado despedio pera o regno ha frota que com elle viera ao efeito de Mazalquibir, e elle seguio sua viajem.

CAPITULO LII

Do que o Conde passou nesta viajem depois que partio de Mazalquibir ate tornar ao Regno.

Partido o Conde de Mazalquibir, o primeiro porto que tomou foi o de Aliquante, e dalli passou por Iuiça, descorrendo pelas outras ilhas, ate chegar ha de Sardinia, onde surgio diante da Cidade de Calhere, e foi mui bem recebido do Regedor, e moradores da Cidade, donde depois de ter tomados os mantimentos que lhe erão necessarios se partio, e sendo atraves da parajem da cidade de Tunez ouve vista de huma carraca, e dous galeoens, que seguio ate se lhe renderem. Estas velas erão de Genoa, e hiam carregadas de mercadorias de Genoeses, e outros mercadores Christãos, Turquos, Mouros, Iudeus pera Cidade de Ouram, com ha qual presa tornou arribar ao porto de Calhere, onde fez descarregar todallas mercadorias dos Turquos, Mouros, e Iudeus, e as fez repartir pela frota, per inventairo que disso mandou fazer. Allem destas mercadorias tomou nestas naos sessenta Mouros, e Turquos de resgate, e alguns Iudeus, e Christãos captivos a que deu liberdade, e a carraca com todalas mercadorias que eram de Christãos, e de qualidade pera se poderem levar a terra de infieis, soltou livremente aos Geneoses, mas os galeoens não, porque teve necessidade delles pera esta viajem. Isto feito partio outra vez do porto de Calhere, levando consigo o Vicerei de Sicilia, que com medo darmada dos Turquos, que se dezia andar no mar, não ousou de partir dalli senam em companhia do Conde, o qual pos no Cabo

Passaro no mesmo regno de Sicilia, e dalli navegou a Cidade de Cotrom, que he na Apulha, no regno de Napoles, donde atravessou a Vellona, que he na Grecia, senhorio dos Turquos, no qual lugar vieram ter com elle tres gales sotis dos Venezeanos, que o guiarão ate a ilha do Corfú, onde a la mar tres, ou quatro legoas, o sahio a receber o geral darmada da Senhoria de Veneza, com vintacinco gales grossas, e cinco galeoens festejandosse ambalas armadas, com muitos tiros dartelharia, e som de muitos instrumentos de guerra, e por o tempo ser calma as galês meterão á toa as naos no porto de Corfú, onde depois de todas ancoradas, ho géral, e governadores da ilha mandaram muitos presentes de fructas, e refrescos ao Conde, e a todolos capitães darmada. Ho Conde, posto que fosse requerido, e rogado pera sair em terra, e repousar dos trabalhos da viajem, o não quis fazer, com tudo a todolos capitães, que quiserão pousar em terra, deu pera isso licença, aos quaes todos se fez muita honra, e gasalhado em quanto alli estiverão. Com tudo como a gente de guerra, e do mar he naturalmente soberba, e brigosa, alli em Corfú se armou huma briga entre os darmada, e os soldados Venezeanos, e gente da terra, em que matarão dos nossos mais de setenta homens, e dos Venezeanos, e da terra muitos, e foi negocio, em que pera o apacificarem tiverão ho Conde, e o geral dos Venezeanos, e os governadores da terra muito trabalho. Ho Turquo sabendo desta armada, e doutras que os Reis, e senhores Christãos fazião pera socorrer aos Venezeanos, e que Nigroponte, sobre quem particularmente determinava ir, era ja provido pela Senhoria de Veneza, vendo que adespesa que fezera com ha armada que trazia no mar era por demais, a mandou recolher aos portos, pelo

que o geral dos Venezeanos dixe ao Conde que dalli por diante seria excusada sua demora, nem fazerse mais despesa da fazenda del Rei seu senhor, da que ja tinha feita, em favor, e ajuda da Senhoria de Veneza, a qual merce os deixava em tamanha obrigação, quanta elles nunca poderião servir aos Reis de Portugal, e que pois a armada do Turquo era recolhida e della se não temião ja, que elle da parte de Senhoria lhe fazia saber que, quando lhe aprouvesse, se podia tornar pera o regno, no qual os embaixadores de Veneza seriam mui cedo a dar as graças a el Rei da grande merce que lhes fezera: ha resposta do Conde foi de muitos offerecimentos, dizendo que faria tudo o que ha Senhoria ordenasse pello assi trazer por regimento del Rei seu senhor. Depois desta pratica esteve a armada alguns dias em Corfú, refazendosse do caminho, e aparelhandosse pera o que avia de fazer. Tomados mantimentos, se partio o Conde, e quasi pela mesma derrota, que fezera á ida tornou ao regno com toda sua frota junta, posto que no caminho com tormenta se derramassem algumas vezes, com a qual se perderão os dous galeoens Genoeses. O primeiro lugar que tomarão do regno foi Sacres, no cabo de S. Vicente, em dia de Natal, e dalli vierão a Lisboa, onde se repartio o despojo da carraca per todos, e da quinta parte que tocava a el Rei fez merce ao Conde.

CAPITULO LIII

Da fundaçam do Mosteiro de Bethelem, e da Torre.

NA Chronica do Principe dom Ioão dixe o mais compendiosamento que pude os trabalhos, que o Infante dom Henrique tomou, e despesas que fez com as naos, que mandava a descobrir pella costa Dafrica, o qual como catholico Christão em todollos portos, donde ordinariamente estas naos partiram, edificou casas doraçam, em que tinha capellaens pera administrarem os Sacramentos da Egreja áquelles que andavam nestas viajens. Entre estas casas huma era de advocaçam de Bethelem no surgidouro de Rastello, huma legoa da cidade de Lisboa, na qual, por ser lugar donde mais naos partiam a fazer estas viajens, e tornavão, tinha certos Freires sacerdotes da ordem da cavalleria de Christus, de que elle era governador, e administrador. Desta casa tinha feita doaçam á mesma ordem, com algumas herança de pumares, fontes, e terras que comprara pera se manterem os Freires, com encargo de todollos sabbados dizerem huma Missa por sua alma, o que sempre se fez, e faz depois que esta capella se converteo no sumptuoso mosteiro, que no mesmo lugar fundou el Rei dom Emanuel depois que Vasquo da Gama tornou da India, o que certo he muito de louvar em el Rei, que com não ter mais conquistado da India que saber que se podia ir a ella per mar, foi tanta sua fé em Deos, que, como se ja tivera ajuntados muitos thesouros da conquista della, logo de sua propria fazenda mandou abrir os alicerces ao redor desta capella, sobre os quaes se fez hum dos

grandes, e magnificos edificios de toda Europa, de que antes que falecesse deixou acabada uma huma gram parte, e no que ficou por fazer, posto que el Rei dom loão seu filho continuasse com grande despeza, lhe falta ainda muito pera se acabar na perfeição que requere huma tal obra. As causas que moverão el Rei dom Emanuel a fazer tamanha despesa, foi uma grande devoção que tinha em nossa Senhora, a cujo nome dedicou toda esta machina, pondolhe o mesmo sobrenome que tinha de Bethelem, a outra por o lugar, em que edificava este mosteiro, ser hum dos frequentados de todo o mundo, de naos, que cada dia nelle entrão de diversas partes, pera os que viessem acharem nos religiosos consolaçam pera suas almas, e consciencias, recebendo nelle os sacramentos da Egreja e ouvindo os officios divinos que se nelle fazem com muita solemnidade. A terceira causa foi pera no mesmo mosteiro fazer ho jazigo, e sepultura de sua real pessoa e da Rainha donna Maria sua molher, e filhos, posto que naquelle tempo ainda nam tivesse nenhum. A Egreja deste mosteiro tem duas portas, das quaes a da travessa, que está contra a praya, he a mor, e mais sumptuosa, na qual mandou poer em pé, na columna do meo da porta, a imagem do Infante dom Henrique primeiro author destas navegaçoens, talhada de vulto em pedra, armado com cota darmas, e a espada nua na mão, alevantada pera riba, do qual modo se afigurão todollos Reis, e principes que em pessoa se acharão em feitos de guerra, e nelles forão vencedores. A outra porta he a principal, posto que não seja tamanha como a porta da travessa, polo causar huma fermosa, e comprida varanda de pedra talhada, que de sobrella sae de longo do caminho publico, ate o cabo de todollos jardins, e edificio deste mosteiro,

sobella qual esta ho dormitorio dos Frades. Nesta mandou el Rei poer a sua imagem, de huma parte, assentada em geolhos, em hum setual, cuberto de vestidos roçagantes, e da outra banda, tambem em geolhos, em outro setual a Rainha donna Maria sua molher. Estas duas imagens são talhadas de vulto em pedra lioz, e os rostos ambos tirados assaz bem ao natural. De fronte deste edificio mandou el Rei fazer a torre de sam Vicente, que se chama de Bethelem, fundada dentro na aguoa, pera guarda deste Mosteiro, e do porto de Lisboa, edificio que ainda que em si não seja grande em cantidade, com tudo ha instructura delle he magnifica. Ha qual torre se vela de noite, e de dia, de modo que nenhuma vela pode passar sem ser vista, e obedecer ás salvas que lhe della fazem com a artelharia, nem foi menos liberal el Rei dom Emanuel na grandeza destes edificios, que no serviço do culto divino, porque aos Freires, que tinham a cargo esta capella de Bethelem, que dali mudou per licença do Papa a Egreja de nossa Senhora da Concepçam em Lisboa, que fora Synagoga dos Iudeus, deu rendas, de que vivem abastadamente, e na mesma casa fundou huma commenda, e esta de Bethelem, pela muita devoção que tinha ao glorioso S. Hieronymo, deu aos Frades de sua ordem, dos quaes ao presente he povoada com muita observancia, e exemplo de bom viver, pera sustentamento dos quaes deu o direito da vintena, que sa paga na casa da India, das mercadorias de partes que a ella vem, e por acrecentar a instituiçam da Missa, que ho Infante dom Henrique fundara na quelle lugar, ordenou que estes frades dixessem outra, na qual ao lavar das mãos o sacerdote dixesse ao povo que rogasse a Deos pela alma do Infante dom Henrique, primeiro fundador daquella casa, e

assi pola del Rei, e de todos seus sucessores. Agora porei silencio aos negocios do regno, pera outra vez fallar nos da India, e nam sespante o lector deu passar com o tempo adiante, e tornar agora com elle atras, porque ho faço pera juntamente, e sem intervallo contar o que se passou na segunda armada que el Rei mandou á India que partio de Lisboa no anno de mil, e quinhentos, e tornou no de quinhentos, e hum, como se logo vera, a qual ordem terei em todallas outras armadas que depois forão deste Regno á India ate o tempo em que Afonso Dalbuquerque foi governador.

CAPITULO LIV

Da segunda armada que el Rei mandou á India, de que foi por Capitão Pedralvres Cabral.

CHEGADO Nicolao Coelho da India como atras fica dicto, pela informação que deu a el Rei da terra, e calidade da gente, determinou de mandar lá huma armada de treze velas, de que deu a Capitania a Pedralvres Cabral, e por Sota Capitão Sancho de Thoar, os outros capitães erão Simão de Miranda, Aires Gomes da Silva, o mesmo Nicolao Coelho, Nuno Leitão, Vasquo dataide, Bartholomeu Diaz, que descobirio o cabo da boa Sperança, Pero Diaz seu irmão, Gaspar de Lemos, Luis Pirez, Simão de Pina, Pero Dataide dalcunha inferno, e por feitor darmada Aires Correa, que avia de ficar em Calecut por feitor, e por scrivaens de seu cargo Gonçalo Gil Barbosa e Pero Vaz Caminha. Estas naos mandou el

Rei aparelhar de todalas cousas necessarias a feito de guerra, porque ja sabia que havião de ter disso necessidade pelos negocios, que acontecerão a Vasquo da Gama, assi na India, como na costa da Etiopia, na qual hiam mil, e quinhentos soldados. No regimento que el Rei deu a Pedralvres Cabral, hum dos pontos mais substanciaes era, que trabalhasse muito pela amizade del Rei de Calecut, porque sua vontade era fazer huma fortaleza naquella Cidade, onde seus naturaes, e officiaes estivessem seguros dos da terra, e mouros, e podessem fazer as cousas que comprissem a seu serviço, e que quando não achassem em el Rei de Calecut vontade de o querer por amigo, em tal caso de sua parte lhe declarasse guerra, e lha fezesse, alem do que lhe mandou, que trabalhasse muito por tomar Melinde, para de sua parte agradecer a el Rei o gasalhado que fezera a Vasquo da Gama, e lhe dar hum presente que lhe mandava, e entregar o seu embaixador, e offerecer sua amizade para o que lhe delle comprisse. E porque el Rei foi sempre mui inclinado ás cousas que tocavam a nossa sancta fé catholica, mandou nesta armada oito frades da ordem de S. Francisco, homens letrados, de que era Vigario frei Henrique, que depois foi confessor del Rei e Bispo de Cepta, os quaes com oito capellaens, e hum vigario ordenou que ficassem em Calecut, para administrarem os sacramentos aos Portugueses, e aos da terra que se quisessem converter á fé. Prestes esta armada, estando ja em Rastello, el Rei se foi ao Mosteiro de Bethelem, onde mandou dizer Missa em pontifical, tendo consigo dentro na cortina Pedralvres Cabral, na qual ouve pregação, que fez o Bispo de Cepta dom Diogo Hortiz, que depois foi de Viseu, Castelhano de nação, animando todos aos trabalhos, que hiam tomar,

por serviço de Deos, e de seu Rei, apontando aos capitães, e aos outros fidalgos, que hiam na armada, muitos louvores de seus antepassados, com que não tão sómente fez enveja aos que ficavam no regno, mas antes os incitou a quererem muitos delles fazer osta viajem, se o tempo lhe então dera pera isso lugar. Acabada a Missa o Bispo benzeo huma bandeira, em que estavão pintadas as armas Reaes do regno, a qual depois de benta el Rei entregou de sua propria mão a Pedralvres Cabral. Entregue a bandeira el Rei levou Pedralvres á sua ilharga até os bateis das naos que o estavam sperando na praia, onde com os outros capitaens, e gente nobre lhe beijou a mão e se depediram delle.

CAPITULO LV

De como a frota partio do porto de Bethelem, e do descobrimento da terra de sancta Cruz, a que chamão do Brasil.

Ao outro dia pela menhãa que foram nove de Março de mil, e quinhentos, partio a frota do porto de Bethelem com bom vento de foz em fora, e aos catorze houve vista das ilhas de Canarea, e aos vintadous com vento prospero passou pela ilha de Sanctiago, avante da qual se apartou da frota com tormenta a nao, de que era capitam Luis Pires, que arribou a Lisboa desbaratada, per cujo respeito andou Pedralvres Cabral ao pairo com toda a armada dous dias, mas vendo que não aparecia, seguio sua viajem e navegando a soeste, aos xxiiij dias

do mes Dabril viram terra, do que forão mui alegres, porque polo rumo, em que jazia, vião não ser nenhuma das que até então eram descubertas, Pedralvres Cabral fez fazer rosto para aquella banda, e como forão bem á vista mandou ao seu mestre que no esquife fosse a terra, o qual tornou logo com novas de ser muito fresca, e viçosa, dizendo que vira andar gente baça, e nua pela praia, de cabello comprido, e corredio, com arcos, e frechas nas mãos, pelo que mandou alguns dos capitaens, que fossem com os bateis armados ver, se era isto assi, os quaes sem sairem em terra, tornaram á capitaina afirmando ser verdade o que o mestre dixera. Estando ja sobrancora se alevantou de noite hum temporal, com que correram de longo da costa ate tomarem hum porto muito bom, onde Pedralvres surgio com as outras naos, e por ser tal lhe pos nome Porto seguro. Surta ha frota mandou Pedralvres alguns dos capitaens nos esquifes ver ha terra, que logo tornaram com dous homens que estavão pescando em huma almadia, dos quaes se quisera informar da calidade della, mas achouos tam barbaros, que allem de não haver lingoa que os entendesse, nem per acenos sabião dar sinal de cousa que lhes perguntasse, com tudo lhes mandou dar de vestir, cascaveis, manilhas de latam, espelhos, e outros brincos, e ajaezados os fez poer em terra, os quaes contentes do bom tratamento tornarão logo á frota com outros de companhia, carregados de milho, farinha, favas, e outros legumes, e fructas da terra, que davam a troquo de papel, Panno de linho, cascaveis, spelhos, e outras cousas desta calidade. Achando Pedralvres tanta familiaridade, e simpreza nesta gente, ordenou que ao outro dia dixesse frei Henrique Missa em terra, onde em amanhecendo mandou armar hum altar debaixo de huma

muito grande arvore. A Missa foi de Diacono, e Subdiacono, officiada com todolos frades, capellaens das naos, e sacerdotes que hiam narmada, e outras pessoas que entendiam de canto, em que houve pregaçam, sendo presentes muitos dos da terra a todo o officio divino, com grande espanto, e acatamento. Acabada a Missa Pedralvres se recolheo aos bateis com toda a gente, acompanhando-o os da terra com grandes festas, cantares, saltos, e tregeitos que faziam em sinal dalegria, tangendo cornos, e buzinas, lançando frechas pera o ar, com outras mostras de contentamento, alevantando as mãos ao Ceo, com o que davam graças a Deos pela merce que lhes fezera em lhes deixar ver gente daquella calidade, no que hiam tam enlevados, que muitos delles seguirão os bateis ate lhes a agoa dar pelos peitos, e outros nadando, e alguns em almadias ate chegarem ás naos. Neste porto seguro fezerão as naos augoada, carnagem, e tomaram outros mantimentos, e refrescos, que os da terra davam por cousas de pouca valia. Estando alli a armada, lançou o mar hum peixe na praia mais grosso que hum tonel, e tão comprido como dous, a cabeça, e os olhos como de porco, sem dentes, as orelhas da feição das de Elephante, o rabo de hum covado de comprido, e outro de largo, apele como de porco, de grossura de hum dedo. Antes que Pedralvres partisse deste lugar, mandou poer em terra huma Cruz de pedra, quomo por padrão, com que tomava posse de toda aquella provincia, pera Coroa dos regnos de Portugal a qual pos nome de sancta Cruz, posto que se agora (erradamente) chame do Brasil, por caso do pao vermelho que della vem, a que chamam Brasil, e assi despachou pera o regno Gaspar de Lemos no seu navio, com novas deste descobrimento, no qual mandou hum homem

dos da terra a el Rei, o que feito, deixando alli dous degradados, de vinte que levava, se partio aos dous dias do mes de Maio, tomando sua derrota pera o cabo de boa Sperança.

CAPITULO LVI

Dalgumas particularidades da terra de Santa Cruz, e costumes da gente della.

Esta terra de Santa Cruz que jaz na demarcação, e conquista destes regnos, com a que descobriram, conquistão os Reis de Castella, a que chamam Antilhas, e Perú são tamanhas, com outras provincias juntas a ellas, correndo de Norte a Sul, que por sua grandeza lhe poseram os Cosmographos deste tempo nome, mundo novo, as discripçoens do sitio, e clima das quaes deixarei aos mesmos Cosmographos, cujo o tal officio he e eu seguindo o que toca ao meu direi algumas particularidades desta provincia de Santa Cruz, e dos costumes da gente de que he habitada. A terra he muito viçosa, muito temperada, e de muitos bons ares, muito sadia, tanto que a mor parte da gente que morre he de velhice, mais que de doenças, tem muitas, e grandes ribeiras, e muitos bons portos, e muitas fontes de muito boas agoas, a mais da terra he de montes, e valles, chea de bosque, em que ha arvores de desvairadas sortes, entre as quaes he a arvore do balsamo, e o pao brasil, ai muitas ervas odoriferas, e medicinaes, dellas differentes das nossas, entre as quaes he a que chamamos do fumo, e eu chamaria

erva Santa, a que dizem que elles chamão Betum, de cuja virtude poderia aqui poer cousas milagrosas, de que eu via a experiencia, principalmente em casos desesperados, de aposthemas ulceradas, fistolas, caranguejas, polipos, frenesis, e outros muitos casos. Esta erva trouxe primeiramente a Portugal, Luiz de goes, que depois sendo viuvo se fez na India dos da companhia de nome de Jesu. A gente desta provincia he baça, de cabelo preto, comprido, e corredio, sem barba de mea estatura são tão barbaros que nenhuma cousa crem, nem adoram, nem sabem ler nem screver, nem tem egrejas, nem usam imajens, de nenhum genero, ante as quaes possam idolatrar, nem tem lei, nem peso, nem medida, nem moeda, nem Rei, nem senhor, obedecem somente áquelles que nas guerras que tem huns com os outros, sam mais valentes, e destes fazem cabeça, em quanto não cometem covardia, andão nús, e se alguns se cobrem sam os nobres, com vestidos que fazem de penas de papagaios, e outras aves de diversas cores, tecidos com fio dalgodam, os vestidos sam humas faldras que lhe chegam da cintura ate os geolhos, e barretes, e humas tiras, ou capellas que poem ao redor dos braços como manilhas, tudo das mesmas pennas. As molheres crião cabelos, e os homens os tosquiam de sua fronte ate mea cabeça, os que persumem de galantes trazem as orelhas, e os beiços, narizes, e faces furados, e nos buracos ossos dalimarias, e pedras de diversas cores por pendentes, muito bem polidas, e outros que fazem de huma das arvores, que fundem, e fiquam da dureza, e cor dalambre muito fino, o que tudo fazem pera assi parecerem mais feroces, e pera acrecentar esta ferocidade pintão os corpos de muitas cores, assi os homens, quomo as molheres, as quaes não trazem pendentes de pedra nos beiços, e

faces, senão contas que fazem de huns buzios grandes, que ha no mar muito finos, que ellas estimam muito, e delles fazem tambem pendentes, e lunas que trazem nas orelhas, e ao pescoço por galantaria. São grandes frecheiros, em tanto que em qualquer parte do corpo de hum homem, ou animal, por pequeno que seja, a que apontão, tocão sem quasi nunca errarem, e o que eu acerca disto vi direi aqui. No anno de mil, e quinhentos, e treze estando el Rei dom Emanuel em Santos o velho tendo despacho em huma casa de madeira, que alli então estava, na panta do caes, posta sobella agoa, George Lopez bixorda que naquelle tempo tinha o trato do pao brasil que trazem desta terra de santa Cruz veo a fallar a el Rei e com elle trez homens desta provincia, assas bem dispostos que então vierão em huma nao que de la chegara, os quaes vinhão vestidos de penas, com as faces, beiços, narizes, e orelhas cheos de grossos pendentes, tudo do modo que arriba dixe, cada hum delles trazia seu arco, e frechas, vinha com elles hum homem Portugues, que sabia a lingoa, per quem lhes el Rei fez perguntar algumas cousas, e quando fallaram na destreza que tem no tirar, dixerão que se sua Alteza o queria ver que logo lho amostrariam, no qual comenos a mare vazava, e vinhão pelo rio abaixo alguns pedaços do cortiça tamanhos como a palma de huma mão, ou pouco mais, contra as quaes logo armarão os arcos, e a quantas dellas tirarão, indo pela agoa abaixo, pregarão em cada huma sua frecha, sem errarem nenhum tiro, o que eu vi, porque estava na mesma casa quando isto passou. Os arcos sam de pao brasil, e as frechas de canas empenadas com pennas de papagaio, as pontas sam de pao, e osso de pescado, tam fortes que passam com ellas uma taboa. Mantemsse de caça, principalmente de papa-

gaios, e bogios que ha muitos na terra, e outras muitas aves, e alimarias, comem tambem lagartos, cobras, ratos, e outros bichos peçonhentos. Pescam em almadias feitas de codea darvores, em que navegam, de que algumas dellas são tamanhas que cabem nellas trinta, e quarenta homens: o seu pescar não he com redes, senam com cabaços que metem por debaixo dagoa, indo huns remando as almadias, e outros com paos batendo nagoa, do qual movimento o peixe amedrontado, vem buscar a face dagoa, e os que tem os cabaços metidos nella, acodem por baixo ao peixe, e assi tomam quanto ham mister. Comem pão feito de humas raizes brancas, tamanhas quomo cinouras, a que chamam mandioca, as quaes sam tam peçonhentas, que se has alguem comer cruas morre subitamente. Estas raizes pisam em humas pias de pedra, e depois de bem pisadas lhe spremem o çumo, que he per fim muito mais peçonhento, que ha raiz, e depois de o terem bem espremido põe ha massa a secar em cestos que pera isso tem, e seca ha moem em farinha, a que chamão caistus, de que fazem hum pão tão saboroso, que os nossos Portuguezes o comem de milhor vontade que pão de muito bom trigo: usam tambem pão de milho. Ha na terra muitas favas, feijoens, e outros legumes de muitas cores, que comem, não tem vinhas, mas fazem vinho de milho, e da mesma farinha caistus, que he como cerveja, ou cidra, de que bebem, e se embebedão a meude, e depois de bebados sam muito traidores, e maliciosos. Ha tambem na terra muito algodão, que as molheres fião, de que fazem cordas, e redes, que usam por camas, penduradas no ar, em paos, ou arvores, mas delle não fazem pannos, porque não sabem tecer. São muito dados a agouros, feitiços, e deste officio ha entrelles homens, e molhe-

res, a que chamão pagés, aos quaes crem tudo o que dizem, e os tem em muita estima, e acatamento. Estes trazem huma cabacinha feita como cabeça de homem com boca, narizes, olhos, e cabellos, posta sobre huma frecha, dentro da qual fazem fumo com folhas secas de erva Betum, e do fumo que sae desta cabeça tomão elles pellos narizes tanto, ate que com elle se embebedam e depois de bem torvados, fazem geitos e cerimonias como demonhinados, dizendo o que lhes vem a vontade, ou o que lhes o diabo ensina, tudo o que então dizem lhe crem, e tem por cousa certa. Estando assi neste desatino ameação a muitos de morte, e em qualquer tempo que depois morrem, dizem os outros que vivera muito mais se o pages o não ameaçara, a qualquer lugar a que vem lhes fazem muita festa, e os recebem com danças, e cantares, e lhes dão tudo o que hão mister: alem disto lhes abrem, e concertam os caminhos per onde passão, e por festa lhes comunicam as mais fermosas molheres da terra casadas, e solteiras. No casamento nam tem mãi, grao de parentesco, que do pai, e filhas e irmão, e irmãa, daqui pera baixo casam todos sem diferença, os casados cada vez que querem dèixam as molheres, e tomam outras, e se em quanto as tem em casa cometem adulterio mataõnas, ou as vendem, quando parem no mesmo dia se vam lavar aos rios, ou fontes, e fazem logo todollos serviços ordinarios de casa, e os maridos se lanção nas redes, que sam as suas camas, em que estam certos dias, onde lhes os parentes, e amigos vam dar o prófaça do filho, ou filha, que lhes nasceo. Os quaes nam tem poder nas filhas, se não os irmãos, estes as casão com quem querem, e vendem quando tem necesidade. O que vendem nam he por dinheiro, que nam tem moeda, nem fazem della conta, salvo a

troquo de outras cousas que ham mister; estimam muito pouco as molheres, e as tem quomo captivas, pera se dellas servirem, as quaes são commuas a todos, excepto as casadas em quanto o sam. O casamento delles nam he mais questarem homem, e molher em huma só casa, nam usam vodas, nem cerimonias matrimoniaes quando se assi ajuntam em um casal: sam commummente folgazoens, e muito alegres, porque quomo nam tem guerra, seu officio he bailhar, comer, e beber. Tem hum certo genero de bailhar, em que andam todos ao redor, quasi quomo as rondas de Flandres, sem se mudarem do lugar em que começam, cantando todos per hum tom cantigas, em que contam suas valentias, e feitos de guerra, dando muitos asovios, e fazendo mui grande estrondo com hos pes. Ao redor desta ronda andam outros, que dam de beber aos dançantes, sem cessarem de noite nem de dia, nas quaes danças se embebedão todos, ou os mais delles. As casas em que vivem sam muito compridas, feitas de madeira, cubertas de colmo, muradas ao redor, duas, e tres vezes com paos, e estaquas muito fortes, o que fazem por caso de terem sempre guerra, huns vezinhos com os outros, nas quaes casas vivem muitos juntos, os casados tem seus repartimentos, e outros vivem em commum, todollos que vivem dentro em huma casa destas se tem por irmãos, e assi se chamam, e morrem huns pollos outros, como se fossem verdadeiros irmãos de pai, e mãi. Estes homens não fazem guerra por cobiça de riquezas, nem menos de assenhorearem provincias, porque tudo isto estimam mui pouco, fazemna por serem acatados de seus vezinhos. Quando hão de começar alguma guerra ajuntamsse em huma casa quatro, ou cinco dos mais velhos, daquelles que sendo mancebos derão mostras de valentes, e forão

bons capitaens, depois de assentados, como em coroa poendo seu vinho, ou beberajem no meo de que bebe cada hum o que quer: em quanto assi estam ninguem ousa de lhes fallar, nem chegar a elles, e o que alli concluem he o que os outros hamde fazer sem lho poderem contrariar. São tam obedientes ao que estes velhos assentão e ordenam no conselho, que ainda que saibam que a execuçam disso lhes ha de custar as vidas, nam deixarão de poer em obra o que os velhos ordenaram. Começa entrelles a guerra pella mor parte nos meses de Fevereiro, e Março, e porque a terra he de muitas ribeiras, o mais della he em almadias, a que elles chamão canoas, levam consigo molheres pera lhes guisarem o comer, e farinha somente, porque todollos dias saem em terra a caçar, e dormir, e da caça que matão, e peixe que tomão se mantem, e sem mais outra provisam correm do longo da costa quarenta, e cinquoenta legoas, fazendo suas entradas, e assaltos nas povoaçoens dos inimigos. Elegem por capitão o mais valente, e esforçado dantrelles: este os governa em quanto não comete covardia, porque se a faz fica desacreditado entrelles pera sempre, o qual capitam antes que partam pera guerra anda todollos seroens, e manhans prégando, e bradando ao redor das casas, animando os perá guerra, e ensinando como se ham de aperceber, e o que ham de fazer, e levar comsigo, declarando-lhes que homens são os com que hão dir pelleijar, e que manhas tem e modo de fazer guerra, contando-lhes tambem suas proprias façanhas, e valentias, e quantos homens matou na guerra, e o modo que nisso teve. O mais do guerrear desta gente he de assalto, e ciladas, pera tomarem os outros desprovidos. Sam tão destros no tirar, que nas guerras, que tem com os Portugueses lhes me-

tem as frechas pelas junturas das armas, pelo que se acostumarão a huns laudeis de panno de linho, que os cobre da cabeça ate os pés, imbutidos dalgodão, tão grossos que as frechas embação nelles, mas estes frecheiros lhes não tirão jagora por este respeito senão aos olhos, e são nisso tão certos que matam muitos. Allem dos arcos, e frechas usão umas espadas de pao muito duro, e pesadas, com as quaes onde acertam do primeiro golpe esmeução qualquer membro em que tocam, os que matam na guerra, e alguns dos que captivão principalmente os velhos, comem logo, e os outros vendem, ou levão presos em cordas com que todos entram triumphando pellos lugares onde moram, mas a carne humana que comem não he entrelles cousa geral, porque não comem se não a dos que captivam, e tem por inimigos. Os que lhe morrem na guerra enterram no mesmo lugar, e se he perto de suas povoaçoens os levão consigo pera os la enterrarem, no que ha grandes choros, lamentaçoens, e por do, assi os homens como molheres se trosquiam, sobellas covas, fazem fogo, comem, e bebem certos dias, nos quaes convites contão as façanhas e proezas do defuncto. Aos Christãos que captivão, se tem barbas ou cabellos tosquiãolhe os da cabeça, e arrincãolhe a barba, com todollos outros cabellos do corpo. Aos que captivão na guerra dão molheres pera os servirem, e dormirem com ellas, e se delas hão filhos os senhores os vendem, ou comem, tratão muito bem estes captivos de comer, e beber, e as molheres que os servem, trabalhão por lhes dar bom penso. Quando querem fazer alguma festa matão hum destes captivos, e a molher, com que teve conversação ainda que delle tenha filhos he a primeira que lhe lança huma corda ao pescoço, o que feito o atão os homens com ou-

tras pelo meo do corpo, braços, e pernas, e assi o amarrão no meo da casa a hum piar, e o pintão, e empenão de penas de aves. Pera estas festas fazem muita beberajem, e ajuntão muita caça, para banquetearem todolos que a ellas vem, e ao mesmo captivo desatão do piar algumas vezes, e atado com a corda que tem pela cintura, o fazem bailhar, e alegrar com a beberajem que lhe dão a meude. Isto dura tres dias, nos quaes não fazem outra cousa que comer, beber, e bailhar, o que feito levam o captivo a hum curral, solto dos pes, braços, e mãos, e as molheres, e mininos o tem por cordas que lhe ficam atadas na cintura, tirando por elle de huma parte pera outra arremessando-lhe laranjas, e outras fructas, das quaes elle apanha do chão as que pode para lhes tornar a tirar com ellas e com pedras se as pode aver, e per todo o caminho vão dando de beber ao captivo, que disso vae muito alegre, e assi os que o levão, que tambem vão bebendo, cantando, e saltando, e desque sae de casa ate chegarem ao lugar em que se hade fazer a execução vão dizendo ao paciente muitas injurias e que o ham de comer por vingança delle, e de todos seus parentes, amigos, ao que responde muito alegre que lhe não dá disso nada, pois que morre com muito esforço como o deve fazer hum valente homem, e que se o hão de matar, que já elle matou, e comeo muitos dos seus delles, que allem disso vai consolado, por saber que tem irmaons e parentes que hão de vingar sua morte. Depois de chegados ao curral, vem o que o teve preso bailhando contrelle todo pintado com huma gorgeira de penas de cores, que lhe cobre todo o pescoço, e parte dos hombros, com huma espada grande de pao na mão chea tambem de pennas gritando, e asoviando contra o preso, para o ferir, mas

elle trabalha quanto pode pera lhe tomar a espada das mãos, o que lhe as molheres, e mininos que tirão pelas cordas estorvão tirando por elle de huma parte pera outra, ate que o da espada o fere á sua vontade, e lhe faz saltar os meolos fora da cabeça, porque este he o derradeiro golpe que lhe dão, nem lhe pode dar mais, segundo seu costume, o que feito lha corta, e as mãos, e todo o mais do corpo lanção as molheres em huma fogueira que pera isso tem feita, onde o chamusquão quomo a hum porco, e depois de bem chamusquado o abrem com huma cana tão aguda quomo faca, e lhe tirão as tripas, as quaes chamusquadas ao mesmo fogo comem as molheres, e mininos, e a carne do corpo talhão os homens em postas, e mandão dellas em presente huns aos outros: com esta vianda em sinal de vingança fazem móres festas, e bebem muito mais daquelle seu vinho, ou beberajem do que o dantes fezerão. Hai nesta provincia de Santa Cruz huma gente a que chamão Papanazes, que vivem nos desertos com molheres, e filhos, não tem casas, nem lugares, nem camas, nem redes pera dormirem, vivem deroubos, e rapina: são homens pela môr parte de meão estura, andão nûs: forão antiguamente senhores de toda aquella terra, e per guerras, os que habitão de longo da costa do mar os lançarão della, pelo que são seus capitaens inimigos, fazem continua, e crua guerra a todolos que vivem em casas, tem lingoajem sobre si, com tudo entendemse bem huns aos outros, usam o mesmo modo de comerem os captivos. Estes todos per nenhum delicto fazem justiça, se não per homicidio, que he deste modo. Os parentes do homicida o hão dentregar aos parentes do morto, os quaes o afogão, e enterrão presentes huns, e os outros com muitos plantos, e choros, comendo, e bebendo per

muitos dias, e assi fiquam amigos, e se per caso o homicida foge, e se não pode delle fazer entrega aos parentes do morto, então lhes dão as filhas, e irmãs do homicida, ou se as não tem, as parentas mais chegadas por captivas dos parentes mais chegados do morto, e assi fiquão amigos. Desta gente tão barbara, e tão inculta hai já muitos que se converterão á Fê de nosso Senhor JESU CHRISTO, e que são aliados per casamento quomo nós outros, e vivem do mesmo modo que o nós fazemos.

CAPITULO LVII

Do que Pedralvres Cabral passou, depois que partio da terra de Sancta Cruz, ate chegar a Calecut, e do sitio da ilha, e cidade de Quiloa.

Partido Pedralvres Cabral desta terra de Sancta Cruz a hum Domingo xxiiij. de Maio se armou hum bulcão, e tras elle huma trovoada com tanta força de vento, e tão de subito, que a vista huns dos outros çoçobrarão quatro naos, sem dellas escapar cousa viva, das quaes erão capitães Bartholomeu Diaz, Aires Gomez da Sylva, Vasquo Dataide, e Simão de Pinna, has sete que ficarão se apartarão humas das outras, no qual trabalho andarão ate os xvj dias de Iulho em que se ajuntarão as seis, porque a de Pero Diaz foi ter ao estreito Darabia, e á cidade de Magadaxó, donde tornou a este regno com sôs seis homens, depois de ter passado muitos perigos, e trabalhos. Estas seis naos depois de terem do-

brado o cabo de boa Sperança, foram lançar ancora de fronte de huma terra fresca, de muitas ribeiras, arvoredos, e criaçoens, da qual nenhum dos naturaes ousou vir ás naos, nem na praia quiserão comunicar com os nossos, nem venderlhes mantimentos de que tinhão muita necessidade, pelo que se fez a vela, e navegando de longo da costa com vento bonança escorreo Çofalla, ate ser junto de duas ilhas questão perto de terra firme, a que agora chamão as primeiras, junto de huma das quaes estavão surtas duas naos que Pedralvres por se alevantarem seguio, e as tomou sem se defenderem. O senhor destas duas naos se chamava Xeque Foteima, tio del Rei de Melinde que vinha de Çofalla com muito ouro que fora resgatar com os da terra, e com medo das nossas naos, cuidando que erão de cossairos se acolhia, do qual sabendo que estava avante de Çofalla, e o modo da terra, e trato della o deixou no mesmo lugar em que o tomarão com suas naos, ouro, e outras mercadorias que trazia, e se partio caminho de Moçambique onde chegou aos xx. dias de Iulho, e fez auguada pacificamente, tomando mantimentos, e pilotos ate a ilha de Quiloa. Neste caminho indo sempre de longo da costa vio muitas ilhas, e mui bem aproveitadas, todas do senhorio del Rei de Quiloa, cujo regno conthem desno cabo das correntes, ate perto da Cidade de Mombaça, que são quasi quatrocentas legoas de costa, afora muitas ilhas que jazem de longo della, que rendem muito ao Rei. Este Rei, e os naturaes, e moradores da ilha são da seita de Mafamede, pella mór parte pretos, e alguns delles baços: Fallão todos aravia, andão muito bem ataviados ao trajo Mourisco, e Turquesco, tem trato per toda aquella costa ate o estreito do mar da Arabia. A Cidade, e ilha de Quiloa estão cem legoas alem de Moçambique

quasi apegadas com terra firme, a ilha he muito viçosa de frutas, ortaliça, e boas agoas, hai pelo sertão muitas criaçoens de gado grosso, e meudo, e muita caça, e montaria, e no mar muitos, e bons pescados, he muito fertil de sementeiras. A Cidade he grande e muito populosa, as casas são de pedra, e cal, de muitos sobrados, e terrados, mui bem guarnecidas e caiadas da banda de dentro, e de fora, e mui bem alfaiadas, pola gente de terra ser rica, as naos em que navegam sam de cavilha, cosida com cairo, breadas com incenso bravo, por na terra não aver breu. Depois que Pedralvres chegou a Quiloa que foi a vintaseis de Iulho fez saber ao Rei, que se chamava Abraemo, de sua vinda, e de como lhe trazia cartas del Rei seu senhor, e que se queria ver com elle pera lhas dar, que ordenasse onde isso avia de ser, porque elle não podia sair em terra, por lho assi defender seu regimento. Com este recado mandou Afonso Furtado, que hia por scrivão da feitoria que se avia de fazer em Çofalla, e com elle sete dos melhor ataviados da frota, pera o acompanharem, el Rei folgou de os ver, e lhes fez bom gasalhado, respondendo a Pedralvrez que sua vinda fosse mui boa, que dava graças a Deos por ver gente de terras tão longadas das suas naquelle seu porto, e de um tamanho Rei, e senhor, quomo tinha sabido que era el Rei de Portugal, e que pois se não podia ver em terra, que fosse no mar, com o qual recado lhe mandou muito refresco per hum dos principaes de sua casa, e dizer que se viessem ao outro dia, pera o que se poserão de festa todollos capitaens cada hum em seu batel encaminhando perá Cidade, donde el Rei ja partira, acompanhado de almadias, com gente ataviada de pannos de tella douro, brocados, escarlatas, e outros de seda, e algodão, todos com terça-

dos cingidos, punhaes, e agomias, ao lado delles, de ouro, e pedraria de muito preço: tangendo muitas bozinas, anafis, e trombetas, e outros instrumentos, ao que lhe dos bateis respondião com as nossas, e das naos, questavão de festa, com artelharia. Neste tempo el Rei de Quiloa na sua almadia, e Pedralvres Cabral no seu batel se ajuntarão bordo a bordo, onde depois de feitas as cerimonias, e cortesias requeridas, lhe deu as cartas que levava del Rei, scriptas em Arabigo, e em Portuguez, de que logo fez ler as scriptas em Arabigo, e mostrou grão contentamento do contheudo nellas, fazendo grandes offerecimentos a Pedralvres, dizendolhe que dalli por diante elle se tinha por irmão, e alliado del Rei de Portugal, e que em ter hum tão grande, e poderoso Rei por irmão, e amigo se tinha por mui ditoso nisto, e em outras praticas estiverão hum bom pedaço, onde antes que se despedissem ordenarão que ao outro dia fosse Afonso Furtado a terra, pera, com elle assentar paz, e amizade: mas tudo se fez ao contrario, porque el Rei de Quiloa induzido pelos mouros, quando lhe Afonso Furtado foi fallar, o achou mudado dando excusas mais cheas dodio que de amizade. Com tudo parecendo a Pedralvrez, que esta vontade se lhe poderia mudar, esteve ainda alli tres dias, mandandolhe sempre recados damigo, mas sabendo per Molei Homar, irmão del Rei de Melinde, que alli então estava, quomo el Rei de Quiloa mandava fortalecer a ilha, e cidade se partio pera Melinde, onde chegou aos dous dias do mes Dagosto. O que sabido por el Rei, na mesma hora o mandou visitar com muitos, e bons refrescos, com estes que trouxerão o refresco mandou Pedralvres visitar el Rei de Melinde, e dizerlhe que trazia cartas del Rei, com hum presente, e assi o seu embaixador, que elle mandara a Portugal, do

que mostrou levar tanto contentamento, quomo se ganhara hum grande thesouro, e com o que levou o recado mandou hum homem fidalgo de sua casa fazer grandes offerecimentos a Pedralvres, pelo que logo ao outro dia mandou Pedralvres as cartas, que levava a el Rei per Aires Correa, e o presente, acompanhado dos milhor ataviados da frota, com trombetas e ataballes. Sabido por el Rei o aparato com que Aires Correa hia, o mandou receber á praia pelos principaes de sua corte. Desembarcados forão todos assi os nossos, quomo os que os vierão receber ate os paços per entre duas renques de molheres, que tinhão perfumadores nas mãos, com muito bons cheiros, na qual ordem chegarão á casa em que os el Rei estava sperando, assentado em huma cadeira lavrada douro, e prata. Aires Correa em chegando fez sua cortesia, apos o que deu a el Rei as cartas que lhe el Rei dom Emanuel screvia em Arabigo, e Portugues, e lhe entregou pela mão o seu embaixador, e deu o presente, sobello que passadas muitas praticas el Rei rogou a Aires Correa, que os dias que alli estivesse a armada fosse seu hospede, o que fez com licença de Pedralvrez. Ao outro dia desejoso el Rei de se ver com Pedralvres, e sabendo pelo que já passara com Vasquo da Gama, e pello que Aires Correa dixera, que era excusado insistir com elle que viesse a terra, lhe mandou recado que no mar o queria ver, o que se assi ordenou. El Rei por mostrar atodo o povo o rico presente que recebera, mandou poer hum jaez douro da gineta, que com as outras peças do presente vinha, em hum cavallo muito fermoso, no qual cavalgou, e nelle veo ate se meter na almadia, em que foi fallar a Pedralvrez, que o já estava sperando com todolos capitaens da frota, cada hum em seu batel,

todos de festa. Na visitação ouve muitos offerecimentos, e comprimentos damizade, onde se despedirão hum do outro, depois de terem fallado per hum bom spaço: e porque a tenção de Pedralvrez era partirse logo por não perder o tempo que lhe servia, pedio dous pilotos a el Rei que lhe logo mandou dar. Deixou Pedralvres alli dous degredados, pera se informarem do sertão, e verem se podião ir per terra á corte do Emperador da Ethiopia, Rei do Abexi, a que erradamente chamão Preste Ioão, cousa que lhe el Rei muito encomendou quando partio do regno, dos quaes hum se chamava Ioam Machado, e o outro Luiz de Moura, do qual Ioam Machado, e dos bons serviços que fez naquellas partes a estes regnos se fará adiante menção. Isto feito Pedralvres partio do porto de Melinde aos vij. dias do mes Dagosto, e aos vinte dous chegou á ilha de Anchidiva, onde esteve alguns dias refazendose do trabalho do mar, e dalli foi ter a Calecut, aos treze dias do mes de Setembro de mil, e quinhentos.

CAPITULO LVIII

Do que Pedralvres Cabral passou em Calecut

O mesmo dia que Pedralvres Cabral chegou ao porto de Calecut o vierão visitar á nao da parte del Rei dous Naires de sua casa, com hum mercador Guzarate homem rico, com os quaes Pedralvrez mandou Ioão de Sa, que era hum dos que forão na viajem de Vasquo da Gama, e por lingoa Gaspar da Gama que vinha com elle, pelos quaes mandou pedir licença a el Rei pera o ir ver, e dar as cartas, e presente que lhe trazia del Rei seu senhor, e pelo mesmo lhe mandou quatro Malabares dos que levara Vasquo da Gama, vestidos á Portuguesa, do que el Rei de Calecut levou muito contentamento. Com o recado que trouxerão tornou Pedralvres a mandar os mesmos, e com elles Affonso Furtado, e Aires Correa, com os quas assentou el Rei, que se vissem em huma casa junto da praia a que elles chamão Cerame, á qual casa (dados arrefens de huma e de outra parte) el Rei veo acompanhado de todolos senhores, e Naires que antão andavão em sua corte, com muitos instrumentos, entre os quaes erão vinte trombetas, dezasete de prata, e tres douro, lavradas de obra muito sotil, entresachada de pedraria. Depois del Rei ser no Cerame, Pedralvres se veo aterra com alguns dos capitaens, cada hum em seu batel, deixando por capitão das naos Sancho de Thoar; o qual em chegando á praia tomarão do batel em hum andor, em que acompanhado de muitos Caimaens, Panicaens, e Naires, que hiam a pé, foi levado ate o Cerame, onde achou el Rei vestido de pannos dal-

godão, seda, e ouro, e arraiado de tanta, e tão rica pedraria, que não somente lhe fez espanto quando a elle chegou, mas ainda as chamas, que dellas sahião, lhe impedião a vista. A casa estava emparamentada, e alcatifada, e nella muitas, e grandes tochas de prata, sobre que stavão huns candieiros do theor, alumeados com azeite, com cuja claridade se escurecia o dia. Antes de entrar no Cerame o vierão receber alguns senhores dos que ficarão com el Rei, onde seis passos antes de chegar ao estrado sobre que jazia lançado em hum catel, estavão dous seus irmãos e hum pouco mais adiante huma cadeira de prata, em que o el Rei mandou assentar, e dalli per interprete lhe perguntou quomo vinha, e quomo lhe fora em sua viajem, e quomo ficava el Rei de Portugal seu irmão, ao que depois de ter respondido lhe deu as cartas, que lhe levava del Rei, e o presente. Alli assentou logo Pedralvres com elle boa parte dos negocios a que hia, e entre outras cousas lhe concedeo que toda a gente darmada podesse andar mui seguramente em terra, e fazer seus negocios, quomo os naturaes, que pera ha fazenda, e officiaes del Rei seu irmão, lhe mandaria dar huma casa em que todos estivessem seguros, e podessem fazer o que lhes comprisse. O que assi assentado, Pedralvres se tornou ás naos, acompanhado ate os bateis dos senhores per mandado del Rei. A cabo de tres dias lhe mandou Pedralvres Cabral recado per um cavalleiro por nome Francisco Correa, pedindolhe, que lhe mandasse dar ha casa, que lhe prometera, pera segurança dos officiaes, e fazenda del Rei seu senhor, a qual lhe el Rei de Calecut mandou dar muito boa, pelo que ordenou Pedralvres que Aires Correa se fosse a terra, e despois de lá ser, e ver a calidade da casa mandasse levar das naos a fazenda que lhe parecesse ne-

cessaria, o que assi fez, e porque estas casas erão de hum Mouro Guzarate, que logo começou tratar pouca verdade aos nossos, Aires Correa pedio outras a el Rei, que lhe logo mandou dar, muito melhores, e mais juntas da praia, de hum Mouro per nome Cojebequij, que era hum dos mais ricos homens daquella cidade, aquem por se afeiçoar á nossa nação, e ser muito amigo, e servidor dos Portugueses, destruio despois el Rei de Calecut, e lhe tomou fazenda, que valia mais de oitocentos mil cruzados, o qual Cojebequij sendo eu moço vi despois neste regno, onde veo requerer satisfação de suas perdas a el Rei dom Emanuel, e pedirlhe merces, as quaes lhe fez, e deu officios honrados na India comque se tornou contente pera sua terra. Destas casas fez el Rei de Calecut doação pera todo sempre aos Reis de Portugal, e disso mandou fazer o padrão em huma lamina douro, com letras talhadas ao boril, com o seu sinal sculpido, e sello douro pendente. Alem disto mandou, que sobella mesma casa se posesse huma bandeira com as Armas Reaes de Portugal, pera se saber que a tinha dado aos Portugueses. Neste tempo teve el Rei aviso, que partira da cidade de Cochim huma nao, que vinha da ilha de Zeilão, em que mercadores levavão elephantes pera o regno de Cambaia, entre os quaes havia hum bem ensinado á guerra, que lhe não quiserão vender, pelo que mandou pedir a Pedralvres Cabral que a mandasse tomar, porque era de seus inimigos, ao que logo mandou Pero Dataide, e com elle Duarte Pacheco Pereira, Vasquo da Sylveira, e Ioão de Sá, com os quaes el Rei mandou alguns mouros, pera verem o que os nossos fazião. Quando el Rei mandou este recado a Pedralvres, esta nao era ja á vista da Cidade de Calecut, pelo que Pero Dataide se fez logo á vela, e a foi cometer dando-lhe

caça, e sem a querer abalroar, por a sua nao ser muito somenos que a dos Mouros, que era de mais de seiscentos toneis, lhes mandou que amainassem, do que se elles rindo e zombando começarão a dar gritas, e tirar frechas, e descarregar algumas bombardas de ferro que trazião, ao que os nossos lhe responderão com bombardas tão a meude que a fezerão acolher já sobella noite á barra de Cananor, onde se meteo entre quatro naos de Mouros, que alli estavão surtas, mas tudo isto lhe não veo, porque dalli a tirarão ao outro dia, a pesar das quatro naos, e de todolos de Cananor, que lhe acudirão, e a levarão a Calecut, do que el Rei espantado veo ha praia ver a nao, da qual, e de tudo o que nella vinha que era de grão valor lhe fez Pedralvres Cabral serviço em nome del Rei seu senhor. Ao dia seguinte informado el Rei de Calecut pelos Mouros, que forão com Pedro Dataide, de quão animosamente os nossos o fezerão, mandou pedir a Pedralvres, que lhe mandasse os que forão naquelle feito, pera se poder gabar que vira homens, que merecião ser vistos de todolos Reis, e senhores do mundo, aos quaes fez a todos merces, e em especial a Duarte Pachequo Pereira, por lhe os Mouros dizerem, que nunca virão homem tão animoso, nem tão esforçado, e que elle fora a causa unica de se aquella nao tomar, do qual, e das façanhas que fez na India e em outras partes, se dira ao diante.

CAPITULO LIX

De quomo per treição dos Mouros de Calecut foi morto Aires Correa, e outros Portugueses, e do que sobre isso Pedralvres Cabral fez.

Os Mouros de Calecut receosos, que os Portugueses fossem dalli por diante mais favorecidos del Rei, e dos da terra que elles começarão de buscar todolos meos, e modos que poderão pera desfazer em nosso partido, comprando secretamente as speciarias que avia na cidade, e vinhão de fora, e as que o feitor Aires Correa punha em preço, por meo dos gentios, atravessavão, lançando sobrelle, de maneira que as que alcançava, era a preços desarrezoados, do que Pedralvres agastado por aver ja tres meses que alli estava, mandou dizer a el Rei, que se lembrasse quomo lhe prometera carga pera as suas naos do dia que alli chegara a vinte dias, e que se carregarião primeiro que nenhuma das questavão no porto, o que tudo se fazia ao contrario, porque nem as naos erão carregadas, nem o feitor per nenhum preço podia cobrar speciarias, e sobre tudo que no porto se carregavão naos de mercadores, o que se não podia fazer sem o elle, ou seus officiaes saberem, no que em tudo contrariava ao que lhe prometera, que mandasse prover nisto com brevidade, porque era ja tempo de se partir. Deste recado mostrou el Rei desgosto, dizendo, que de tal cousa não era sabedor, e que pois os Mouros usavão com elle manhas, e com lho elle mesmo ter defeso carregavão secretamente suas naos despecearias, que lhe dava licença pera das mesmas naos, pagando-lhes o custo, tomar

as que lhe fossem necessarias. Pedralvres com este recado não ficou muito satisfeito, porque sabia já per experiencia que era el Rei de Calecut vario, e mudavel, e via que o recado era cheo dalgum conselho armado em seu perjuizo, pelo que pos em duvida tentar o negocio, em lugar onde os agravados serião mais poderosos, e mais favorecidos que os nossos, mas movido por requerimentos que lhe cada dia mandava de terra Aires Correa, dizendo-lhe, que sem tomar especearias das naos dos Mouros a armada tornaria de vazio pera o regno, porque elle se não atrevia a achar mais da que já tinha comprada, e isto com protestos de damnos e interesses, mandou recado ao capitão, e mestre de huma nao, de que era senhorio hum Mouro rico de Calecut, per nome Cogecem Micide, que estava já fora do porto carregada de mercadorias, e ancora a pique, que se não fezesse á vela por o el Rei de Calecut assi mandar, do que não fazendo caso, mandou aos mestres da frota, que cada hum em seu batel armados lhe fossem metter aquella nao ha toa dentro no porto, o que fezerão sem contradição. O que sabendo o senhorio da nao se foi logo aqueixar a el Rei, e apos elle outros seus achegados, e amigos. Finalmente, que com ha resposta que acharão em el Rei, e odio que tinhão aos nossos por serem Christaons, se ajuntarão os mais dos Mouros da cidade, e com mão armada forão dar na casa da feitoria, em que poderia aver ate setenta homens Portugueses, bem descuidados do que lhes aconteceo. Aires Correa mandou logo arvorar huma bandeira em lugar que se podia mui bem ver da frota, pelo que Pedralvres, por estar em cama doente de febres, mandou a Sancho de Thoar, que com todolos bateis da frota se fosse a terra, e visse se podia socorrer aos nossos, dos quaes os mouros neste

comenos ferirão, e matavão com frechas muitos dos questavão sobellas paredes da casa defendendo que não quebrassem as portas. Isto durou tanto, que avia já ao redor da casa mais de quatro mil Mouros, e Naires, que tambem os ajudavão, os quaes vendo que não podião ganhar a casa, com petrechos derrubarão hum lanço da parede, per onde começarão dentrar, o que os nossos vendo se sairão em ordenança per huma porta da casa que respondia ha praia, seguindo-os os mouros, matando, e ferindo nelles, ate chegarem onde já Sancho de Thoar estava com os bateis, que pera recolher os que vinhão fogindo mandou saltar alguns em terra, a que se os que vinhão fugindo acolherão, e juntos sembarcarão os que poderão escapar, com ha agoa ate os peitos. Morrerão, e ficarão captivos nesta peleja cinquoenta dos nossos, em que entre os mortos foi hum Aires Correa. Os que se salvarão forão os mais delles feridos, de que depois morrerão alguns, e a casa foi saqueada, e roubada de tudo o que nella avia. Entre estes que se acolherão á frota foi hum frei Henrique, com algumas feridas nas costas, e quatro frades dos seus, e Nuno Leitão, que sempre trouxe a par de sim hum filho de Aires Correa, per nome Antonio Correa, moço de dez annos, ate chegar á praia, onde hum marinheiro, avendo dô de tão fraca idade, o tomou, e levou ás costas a hum dos bateis, o qual Antonio Correa, que ainda vive, fez depois muitos, e assinalados serviços a estes regnos, quomo se em seu lugar dira. Esta desaventura acontaceo, aos xvj. dias de Dezembro do mesmo anno de mil, e quinhentos, do que movido Pedralvres Cabral, vendo que em todo aquelle dia, que esteve sem fazer mudança, nem dar sinal de querer fazer guerra á cidade, el Rei de Calecut lhe não mandava nenhum recado, nem disculpa

de hum tão grave caso, ao outro, com conselho dos capitaens, e pessoas principaes darmada cometeo dez naos de Mouros que estavão no porto, no que ouve assas de resistencia, mas em fim depois de ter morto mais de seiscentos, as naos forão entradas, nas quaes se achou alguma pouca despecearia, e outras mercadorias, e mantimentos, e tres Elephantes que Pedralvres mandou matar, e salgar pera provisão darmada, e alguns mouros que achou escondidos pelas naos mandou repartir pela frota, pera servirem no que fosse necessario, por nella aver falta de gente, pela muita que ja era morta. Isto feito mandou poer fogo a estas dez naos, que todas arderão á vista da Cidade, sem por causa da nossa artelharia ousar pessoa nenhuma lhes acodir, nem no tempo da peleja, nem depois de lhes terem posto fogo. Entrestas naos foi huma a do Mouro Cogecem Micidi de Calecut sobre que se armou esta briga, na qual se não achou nenhuma speciaria, donde manifestamente se vio que ou os Mouros enganarão el Rei de Calecut, dandolhe a entender que estava carregada, ou que el Rei movido per conselho dos seus (que pela môr parte favoreciam aos Mouros) consentio na mesma treição. Queimadas as naos em que se passou boa parte da noite, logo ao outro dia pela menhãa mandou Pedralvres esbombardear a Cidade, o que se fez tão bravamente, que muitos se sairão della, e assi o mesmo Rei, aos pés do qual hum pelouro de bombarda matou hum Naire muito seu privado. Tendo já os nossos bem á sua vontade esbombardeada a cidade, e derribado muitas casas, e morta muita gente, Pedralvres se fez á vela pera Cochim, por saber que o Rei desejava nossa amisade, aonde chegou aos vinta quatro dias de Dezembro do mesmo anno de mil, e quinhentos.

CAPITULO LX

Do que Pedralvres Cabral passou em Cochim, e Cananor, e dahi ate chegar a Lisboa.

ESTA cidade de Cochim está situada apar de hum rio que se mete no mar junto della, e fazem ilha. O porto he limpo, e seguro, os edificios são quomo os de Calecut, e das outras povoaçoens do Malabar. Ha nella muitos mercadores Mouros e gentios. Ha terra he pobre, com tudo graciosa, o principal trato que tem he da pimenta: o estado do Rei he muito somenos em gente, e riqueza que o de Calecut, ao qual naquelle tempo obedecia, e era obrigado a servir nas guerras, que tinha com outros Reis, e lhe era tão sugeito, que quando succedia Rei novo em Calecut, vinha fazer sua entrada em Cochim, e quomo entrava na cidade, depunha logo o Rei, ficando em sua mão tornarlhe o regno, ou dallo a quem lhe aprouvesse, mas com o favor dos nossos se exentou destes trabalhos, e se fez muito rico, e poderoso. Os costumes destes de Cochim são quomo de todolos outros habitadores do Malabar, do que atras fica dito o necessario. Quomo a armada surgio, Pedralvres mandou visitar el Rei per hum Jogue, que em Calecut se veo meter na frota, e fezera Christão, a quem pos nome Miguel, e por sobre nome Jogue, quomo era sendo gentio, os quaes são homens religiosos a que chamão Jogues, que andão por todas aquellas provincias pregando suas seitas, muito abstinentes de vida. Com a visitação lhe mandou dizer, que atroquo de dinheiro, e outras cousas lhe mandasse dar pimenta, e das drogas que então ou-

vesse na Cidade, pera quatro naos, a que ainda faltava carga. El Rei lhes respondeo que sua vinda fosse mui boa, que se tinha por ditoso em elle vir áquella sua Cidade, que quanto á carga podia livremente mandar comprar o que lhe fosse necessario, que tudo lhe venderião pelos preços acostumados, por segurança do que lhe mandava doûs Naires, dos principaes de sua casa, por arrefens dos que fossem a terra. De tão bom recado ficou Pedralvres mui satisfeito, e na mesma hora ordenou, que fossem a terra por feitor Gonçalo Gil Barbosa, e por scrivaens Lourenço Moreno, e Sebastião Alvrez, e por lingoa Gonçalo Madeira de Tanger, que fallava bem Arabiga, e com elles cinco degradados pera os servirem, os quaes el Rei mandou receber ha praia per pessoas principaes de sua corte, e lhes fez muito gasalhado. Gonçalo Gil Barbosa, e Lourenço Moreno depois de darem a el Rei de Cochim o recado de Pedralvres Cabral, lhe apresentarão algumas peças de prata, e outras cousas que lhe per elles mandou, do que el Rei ficou mui contente, e depois de fallar com elles sobre o negocio da carga os despedio, e mandou apousentar em huma casa segura, dandolhes Naires pera guarda de suas pessoas, e logo ao outro dia se entendeo na compra da pimenta, e drogas, que avia na cidade, no que em tudo se fazia per mandado del Rei tanta diligencia, e verdade como se o negocio fora todo seu. Fazendose a carga vierão recados a Pedralvres dos Reis de Cananor, e Coulão, Reis ricos, e poderosos na terra do Malabar, que se quisesse vir tomar carga a seus portos, que tudo lhe darião per preços arrazoados, e as naos se carregarião com mór brevidade que em nenhuma outra parte do Malabar, com outros offerecimentos damizade, do que se Pedralvres excusou, dizendo, que

quando em Cochim não achasse a carga, que avia mister, que então ha iria tomar ha sua terra delles, que a boa vontade, que lhe mostravão, lhes serveria quando comprisse. Aqui se vierão pera Pedralvres dous Indios irmãos Christaons, naturaes da cidade Cranganor, hum delles per nome Ioseph, e o outro Mathias, pedindolhe que os quisesse levar consigo a Portugal pera ahi irem a Roma, e a Hierusalem, com que Pedralvres muito folgou, e os mandou agasalhar na sua nao. Tendo Pedralvres Cabral feita a carga da pimenta que lhe era necessaria em Cochim, e Cranganor, que he dalli cinco legoas, tudo em spaço de vinte dias, lhe mandou dizer el Rei de Cochim, que de Calecut era saida huma armada de vinte naos, e outros navios que o vinhão buscar per mandado del Rei, pera pelejarem com elle, na qual vinhão quinze mil homens de guerra, e logo ao outro dia, que erão nove dias do mes de Ianeiro apareceo ha armada, pelo que Pedralvres, que já estava prestes pera se partir, se fez ha vela com tenção de os ir cometer, mas pelo vento ser contrario lhes não pode chegar, nem elles ousaram abarloar as nossas naos, com medo da artelharia, o que vendo seguio sua viagem pera o regno, deixando em Cochim Gonçalo Gil Barbosa, e Lourenço Moreno com outros Portugueses, o qual sendo atraves de Cananor, veo a elle em hum zambuquo, hum Naire per quem lhe el Rei mandara dizer, que a carga que lhe faltava quisesse ir tomar áquella sua cidade, na qual lhe faria mui bom gasalhado, e lhe darião tudo o que fosse necessario, onde se logo foi pera tomar canella e algumas outras drogas, que lhe faltavão. No portó desta cidade entrou Pedralvres Cabral, aos xv. dias do mes de Ianeiro, de mil, e quinhentos, e hum. A qual he grande, e bem povoada, as casas são ao modo das

outras do Malabar, tem huma baia mui grande, e de bom porto, he muito abastada de carnes, pescados, fructas, e outros muitos mantimentos. O Rei he gentio, e hum dos tres principaes Reis do Malabar, que são o de Calecut, e Coulão, e elle o terceiro, mas não tão poderoso quomo os outros dous, aqui tomou Pedralvres algum gengivre, e quatrocentos quintaes de canella, e outras drogas o que sabendo el Rei de Cananor, cuidando que o fazia por lhe faltar dinheiro, lhe mandou dizer que carregasse quanto quisesse, que elle mandaria pagar tudo ha sua custa, que bem sabia que em Calecut fora roubado, e saqueado, o que lhe Pedralvres muito agradeceo, e aos messageiros mostrou hum grande cofre cheo de cruzados, respondendo a el Rei que não comprava mais drogas por ja ter toda a carga que as naos podião levar. Isto feito, e as drogas recolhidas tudo em hum só dia, Pedralvres partio dalli aos xvj. dias do mes de Ianeiro, levando consigo hum embaixador, que el Rei de Cananor mandava a el Rei dom Emanuel, e sendo ja perto da costa de Melinde, tomou huma nao grande de Cambaia, carregada de muitas mercadorias, que era de hum Mouro per nome Milicupij, senhor de Barroche, a qual soltou, com dizer ao capitão que com el Rei de Cambaia, nem com seus vassalos, e amigos, não queria se não toda a paz, e amizade, e que assi o podia dizer a Milicupij, porque naquellas partes não tinha el Rei de Portugal seu senhor guerra senão com os Mouros de Meca, e com el Rei de Calecut, polas treiçoens, e enganos que fezera a seus capitães, e assi se despedio delle, com lhe não tomar mais que hum piloto, que lhe pedio pera o guiar no caminho, que lhe ficava por fazer daquelle golfão, o qual tendo ja atravessado, deu com tormenta a nao de Sancho de Thoar

em huns baixos na costa de Melinde, á qual mandou Pedralvres poer fogo, pera que os da terra se não podessem aproveitar do que nella hia, com tudo el Rei de Mombaça mandou pescar a artelharia que lhe depois servio contra nós, quomo se em seu lugar dirá, de modo que nenhuma outra cousa se salvou que a gente. Dalli sem poder tomar Melinde, navegou ate Moçambique, onde deu pendor as naos, e mandou descobrir per Sancho de Thoar o porto de Çofala, mandando-lhe que com as novas do que achasse, se fosse rota abatida pera o regno. Feita aguada, e concertadas as naos Pedralvres Cabral se fez á vela, e dobrou o cabo, aos vinte, e dous dias do mes de Maio, dia do Spiritu Sancto, e dalli veo ter ao Cabo Verde, onde achou Pero Diaz, que lhe desaparecera quando hia perá India quomo fica dito. Do Cabo Verde sem tomar outro porto, chegou a Lisboa ao derradeiro dia de Iulho de mil, e quinhentos, e hum, estando el Rei em Syntra, que de sua vinda foi mui alegre, posto que com alguma tristeza por caso da gente que morrera nas naos que çoçobraram.

CAPITULO LXI

Do casamento do Duque de Bragança dom Iaimes, e da mudança que quisera fazer de sua vida, estado e partida de Dom Vasquo da Gama pera India a segunda vez.

Dom Iaimes Duque de Bragança filho do Duque dom Fernando foi homem prudente, e muito dado a religiam, mais desejoso de nella servir a Deos, que nam em outro estado. Pelo que contra sua vontade, e com desgosto, por comprazer a el Rei, e a Rainha donna Leanor seus tios, e a Duquesa donna Isabel sua mãi, posto que naquelle tempo andasse muito doente de humor malenconico casou em idade de vinte, e hum annos, no anno de mil, e quinhentos, e hum, com donna Leanor de Mendonça, filha legitima de dom Ioam de Guzmam, terceiro Duque de Medina Sidonia, Conde de Niebla, com aqual senhora lhe deram grande dote de dinheiro, baixellas, e ornamentos de sua casa, e a trouxeram a Portugal no anno de mil, e quinhentos, e dous, moça sem ainda ter idade pera se entrelles poder consumar o matrimonio, do que o Duque desgostoso, com a vontade que trazia de servir a Deos em religiam mais que no estado matrimonial, induzido, e aconselhado per frades da ordem de S. Francisco da observancia a que chamam de Piedade, de quem era, e sempre foi muito devoto, determinou de se ir fora do regno, pera em Hierusalem tomar abito de religiam, e nelle passar todo o discurso de sua vida, e antes de o poer em obra screveo huma carta a el Rei, que depois deile ser ido lhe deu hum destes

religiosos, na qual lhe pedia que nam tomasse a mal a determinaçam, que elle o fazia por se nam achar apto, nem pera o matrimonio nem pera reger os bens, e casa de que lhe sua Alteza fezera merce, pelo que lhe pedia por amor de Nosso Senhor IESU CHRISTO que de tudo fezesse merce a seu irmam dom Dinis, com o mesmo titulo de Duque, no que faria serviço a Deos, e a elle assinada merce. Dada esta carta ao messageiro que a trouxe, o Duque se partio de Villa Viçosa com hum só companheiro a cavallo, sem outro nenhum criado, tomando o caminho de Castella, ate chegar a Cidade de Calataud, no regno Daragam, onde foi achado per algumas das pessoas que el Rei dom Emanuel mandou tras elle, per mar, e per terra, em aqual Cidade como foi conhecido lhe fezeram os governadores, e todalas outras pessoas nobres que nella viviam, muita cortesia, e dahi se tornou ao regno, e fez vida com sua molher, de que ouve dom Theodosio que o sucedeo, e donna Isabel, que casou com o Infante dom Duarte filho del Rei dom Emanuel. Depois da morte da qual senhora oito annos, elle se casou no de mil, e quinhentos, e vinte, per vontade del Rei dom Emanuel, com huma dama fermosa, prudente, e discreta, per nome donna Ioanna de Mendoça, de que ouve filhos, e filhas, s. dom Iaimes que faleceo solteiro, dom Constantino, que foi camareiro mór del Rei dom Ioam terceiro, e Vicerei da India, dom Fulgencio que he clerigo, dom Theotonio tambem clerigo, e vive com el Rei dom Phelippe de Castella, donna Ioanna que casou em Castella com o Marques Delche, filho herdeiro do Duque de Maqueda, donna Eugenia que casou com dom Francisco de Mello conde de Tentugal, filho herdeiro de dom Rodrigo de Mello Marques de Ferreira, donna Maria, e don-

na Vincencia ambas freiras professas: a qual senhora ainda vive, com honrada casa, e estado que lhe o Duque seu marido deixou. Neste anno de mil, e quinhentos, e dous mandou el Rei no mes de Fevereiro huma armada a India, de que foi por capitam dom Vasquo da Gama, do sucesso da qual e do que na India fez, e passou em toda a viagem, direi no anno de mil, e quinhentos, e tres em que tornou a estes regnos.

CAPITULO LXII

Do nascimento do Principe dom Ioam, e da armada que el Rei mandou ao Estreito.

Como atras fica scrito, el Rei dom Emanuel casou na Villa Dalcacer do sal com a Rainha dona Maria, huma sesta feira trinta dias do mes Doctubro de mil, e quinhentos, nas casas de Rui Gago, e dalli se vieram a Lisboa, onde a Rainha pario o Principe dom Ioam, nos paços Dalcoçova, huma segunda feira, seis dias do mes de Iunho de mil, e quinhentos, e dous, no qual dia foi na Cidade tamanha tempestade de chuvas, coriscos, e trovoens, que nenhum dos antiguos se lembrava doutra tal, per cujo nascimento se fezeram na Cidade, e no regno muitas festas. E passados os oito dias do parto, o Principe foi baptizado na cappella de sam Miguel dos mesmos paços, no qual dia se acendeo o fogo nelles. Baptizou-o dom Martinho da costa Arcebispo de Lisboa. Levou-o a pia dom Iaimes Duque de Bragança: as madrinhas foram a Infante donna Beatriz mãi del Rei dom Emanuel, e a Rainha donna

Leanor sua irman. O padrinho foi Pero pasqualigio embaixador de Veneza, que em nome da Senhoria, viera dar as graças a el Rei pelo socorro que lhes mandara contra o Turquo, como atras fica dito. A este Embaixador armou el Rei cavalleiro de sua mão, e lhe deu licença que podesse trazer no escudo de suas armas a insignia de Sphera dourada, allem do que lhe fez muitas merces, com que se tornou pera Veneza mui satisfeito, onde no Senado publicamente dixe muitos, e assinados louvores del Rei, o que de novo confirmou a boa amizade que os Venezeanos tinham, de muito tempo atras, com os Reis destes regnos. Neste anno mandou el Rei huma armada de naos, caravellas, e galés ao Estreito de Gibaltar, de que foram por capitaens, em duas capitanias separadas, George de Mello, e George Daguiar, pera irem sobella villa de Targa donde tornaram desbaratados com perda dalguma gente que deixaram morta, e outra que trouxeram ferida.

CAPITULO LXIII

De como el Rei mandou Ioam da Nova a India por capitam de quatro naos, e do que passou ate tornar ao regno.

Com a informaçam que dom Vasquo da Gama deu a el Rei das cousas da India, e da Ethiopia, modo, e trato da gente destas provincias, assentou de ordinariamente mandar cada anno huma armada aquellas partes, e porque ha de que fora por capitam Pedralvres Cabral lhe pareceo sufficiente pera se as cousas de Calecut appacificarem, e reformarem as amizades com o Rei da terra, nam quis mandar no anno de mil, e quinhentos, e hum mais que tres naos, e huma caravella grande de que deu a capitania a Ioam da Nova galego de naçam, bom cavalleiro, que em Africa tinha feito muitos serviços ao regno e servia entam de alcaide de Lisboa, officio que naquelle tempo se nam confiava senam de homens fidalgos de boa consciencia, por ser hum dos principaes da Cidade, que entam servia hum só homem, e nam tantos como o agora fazem. Os outros capitaens eram Diogo Barbosa criado de dom Alvaro, irmam de dom Fernando Duque de Bragança, cuja a nao era, e Francisco de novaes criado del Rei, e da caravella Fernam vinet de naçam Florentim criado de Bartholomeu Marchione Florentim, senhorio da caravella, mercador muito rico, residente na cidade de Lisboa. Partio esta armada do porto de Bethelem aos cinco dias do mes de Março do anno do Senhor de mil, e quinhentos, e hum. Na qual viagem, sendo ja da banda do Sul, acharam huma ilha a que

poseram nome da Conceiçam, e sem lhes mais acontecer caso que de contar seja, chegaram a Moçambique na entrada Dagosto, e dalli foram ter a Quiloa onde acharam hum Antonio Fernandes degradado, carpinteiro de naos que deu huma carta a Ioam de nova de Pedralvres Cabral, em que contava o mesmo que Pero dataide deixara scripto em huma carta que acharam metida em hum çambarquo, pendurado em huma arvore na agoada de sam Bras, em que relatava os negocios de Calecut. De Quiloa navegou a Melinde, onde lhe el Rei deu larga informaçam de todo o negocio de Pedralvres Cabral, pelo que se partio logo perá India, e com bom tempo chegou no mes de Novembro a ilha de Anchediva, donde depois de fazer agoada se foi a Cananor, pera se ver com o Rei, que lhe fez muito gasalhado, e offereceo carga peras naos se alli a quisesse tomar, e dinheiro se lhe comprisse, mostrando ser muito amigo del Rei dom Emanuel, do que tudo lhe deu as graças, dizendolhe que nam podia fazer nada sem primeiro ir a Cochim, no qual caminho tomou per força huma nao de Calecut, que depois de despejada mandou queimar. Antes que Ioam da Nova partisse de Cananor lhe mandou el Rei de Calecut recado per hum portugues per nome Gonçalo Peixoto, que no dia em que mataram Aires Correa se salvara em casa de Cojebequij, disculpandosse do que acontecera a Pedralvres Cabral, dandosse por sem culpa do que entam passara, pedindo-lhe que quisesse como amigo illo ver, e tomar carga naquelle seu porto, onde acharia tudo o que lhe fosse necessario, pelo qual Gonçalo Peixoto Cojebequij mandou dizer a Ioam da Nova que se nam fiasse del Rei de Calecut, que tudo eram falsidades, pera o acolher a mam, e o matar, e tomar as naos: ao qual recado nam quis res-

ponder, nem Gonçalo Peixoto quis tornar a Calecut. A chegada de Ioam da Nova a Cochim foi pera os nossos resucitar, e tornar de novo ao mundo, porque ainda que os o Rei favorecesse muito, e mandasse de noite, e de dia guardar pelos seus Naires, andavam tam atemorizados dos Mouros da terra, que lhes parecia, que nam podiam escapar de os matarem, sem mais verem pessoa nenhuma do regno. El Rei de Cochim fez muita honra, e gasalhado a Ioam da Nova, mandando-lhe logo dar todo o aviamento necessario pera carga das naos, offerecendo-lhe alem disso dinheiro, e todalas cousas que delle, e de seu regno, e vassallos lhe comprisse. Carregadas as naos das specearias que o feitor Gonçalo Gil Barbosa tinha prestes, e doutras que se compraram depois, Ioam da Nova se dispedio del Rei de Cochim, e dos Portugueses que ficavam na cidade, pera se ir a Cananor tomar o que lhe faltava pera comprimento de toda a carga. Estando ja prestes pera partir, aos xvj. dias do mes de Dezembro apareceram ala mar mais de oitenta paraos, os quaes el Rei de Cananor lhe mandou dizer que eram del Rei de Calecut, que o vinham cometer, que de seu conselho se devia chegar bem a terra, pera o elle (se necessario fosse) mandar socorrer, porque com quatro velas que tinha seria impossivel deffenderse de tantas, e a muita gente que nella vinha. Ioam da Nova lho teve em merce, e mandou dizer que sperava em o Senhor Deos haver delles victoria sem outra ajuda. Ao dia seguinte pela manham amanheceo a terra de Cananor cercada destes paraos, e doutras naos que per todas passavam de cem velas, Ioam da Nova vendo que o porto, e passo per onde avia de sair lhe era tomado, veosse poer no meo da baia em tal ordem, que assi elle como os outros capitaens se podiam ajudar da artelharia

mandando-lhes que jugassem com ella sem cessar, de modo que os inimigos os nam abalrroassem, porque nisto estava toda sua salvaçam, o que se fez com tanta ordem, que posto que as naos, e paraos de Calecut nisso trabalhassem muito, o nam ousaram fazer, no que se passou todo o dia ate quasi sol posto, a qual hora sendo ja dos Indios mortos quatrocentos, e dezasete, como se depois soube, e muitos feridos, e algumas das naos, e paraos metidos no fundo, allevantaram os inimigos huma bandeira de paz, o que parecendo manha mais que vontade nem desejo de paz, mandou Ioam da Nova alevantar o seu guiam, sem a artelharia cessar, com tudo os inimigos nam quiseram abater a bandeira, mas antes capeando davam a entender que queriam fallar ao capitam, pelo que mandou tambem arvorar outra bandeira, dandolhes sinal de paz, com o qual seguro veo logo á capitania hum Mouro pedir tregoas a Ioam da Nova ate o outro dia, que lhe concedeo a condiçam que se saissem logo da baia, e deixasse o passo livre pera elle sair quando quisesse, o que assi fezeram, e indo elles diante, e a nossa frota na sua reçaga se sairam todos da baia, sendo ja de noite, surgindo nam mui longo huns dos outros. Mas posto que a tregoa ainda durasse, nem por isso deixaram os inimigos de mandar a nado alguns dos seus, pera cortarem as amarras ás nossas naos, e tras estas almadias com gente pera tanto que as amarras fossem cortadas, lhes lançarem fogo dentro, o que fezeram se nam foram sentidos, e lhes logo nam responderam com tiros despingardas, e de bombardas, com que os fezeram afastar. Nisto se passou toda aquella noite, ate a alva do dia, na qual viram os nossos que toda a frota dos inimigos se hia recolhendo pera Calecut, do que deram muitas graças a Deos, polos livrar de hum

tamanho perigo. Dalli partio Ioão da Nova sem tornar a Cananor, por se ja ter despedido del Rei, e dos Portugueses que ficavão na cidade. Seguindo assi sua viajem tanto avante como o monte Delli, tomou huma nao de Calecut que depois de saqueada mandou queimar, dali veo ter a Melinde e de Melinde a Moçambique, donde passado o cabo de boa Speraça, veo ter a huma ilha a que pos nome de Sancta Helena, em que fez agoada, ilha de muito bons ares, posto que pequena, muito proveitosa a todallas nossas naos que a ella vam ter, pela boa agoa, fructas, e carnes que nella acham, da qual seguindo viajem chegou a Lisboa com sua frota junta aos xj. dias do mes de Setembro, de mil e quinhentos, e dous, onde foi recebido del Rei, e de todollos da Cidade com muito prazer pola boa viajem que fezera, e ilhas que descobrira.

CAPITULO LXIV

De como el Rei foi aforrado a Galliza visitar a casa do Apostolo Sanctiago.

Per caso das boas andanças, e sucesso destas viajens, fazia el Rei, allem de suas acostumadas esmollas, outras de dinheiro, e speciarias a muitas casas de religiam, assi nestes regnos, como fora delles, o mesmo a pessoas particulares, pera que per intercessam e oraçam destes prouvesse a Deos lhe prosperar seus negocios de bem em milhor, allem do que assi elle como a Rainha pessoalmente visitavam muitas casas de devaçam, entre as quaes presopos de ir a Galliza á do Apostolo Sanctiago, situada na cidade de Compostella. Nesta romajem levou consigo o Bispo da Guarda dom Pedro, que era tambem Prior de Sancta Cruz de Coimbra, e dom Diogo Lobo baram Dalvito, dom Martinho de Castel Branco, dom Nuno Emanuel seu guarda mór, dom Antonio de Noronha seu scrivam da puridade, e dom Fernando segundo Marques de villa Real, a quem el Rei mandou depois de ser em Galliza, por nam querer que se soubesse qual dos da companhia era, que todos acatassem como a sua pessoa. Partio el Rei de Lisboa aforrado no mes Doctubro deste anno de mil, e quinhentos, e dous, fazendo seu caminho per Coimbra, onde visitou o mosteiro de Sancta Cruz, e vendo que a sepultura del Rei dom Afonso Henriquez fundador daquella rica, e sumptuosa casa, requeria outra mais digna aos merecimentos de hum tam magnanimo Rei, logo presopos de a mandar fazer de novo, como depois fez, do modo que agora está. Dalli foi ter a Montemor o velho, e Aveiro, e ao Porto, onde orde-

nou que a sepultura de sam Pantaliam se acabasse pelo modo que o el Rei dom Ioam mandara em seu testamento. Do Porto foi a Valença de Minho, e em algumas villas destas mandou fazer justiça rigorosa de pessoas em que ate aquelle tempo se nam podera fazer execuçam, pela muita valia, e parentesco que tinham naquelles lugares. De Valença entrou em Galiza pela cidade de Tui, tomando dalli o caminho direito ate a casa do bemaventurado Apostolo, com muita devaçam, onde se deixou conhecer, e foi festejado, assi do cabido da Sé, como dos governadores da cidade, e fidalgos que nella moravam. Esteve el Rei tres dias continuos na cidade de Compostella, a cabo dos quaes, depois de ter feito, por sua devoçam, muitas esmolas á mesma casa, Sprital, e pessoas necessitadas, se tornou para o regno, fazendo merces a todolos hospedes das casas em que pousava, ate chegar a Lisboa, onde achou a Rainha nos paços de Sanctos o velho, de quem, e de toda a corte foi recebido com muita alegria. E logo depois da sua vinda mandou que se fezesse huma alampada de prata de feiçam de hum castello, que mandou poer na Sé de Sanctiago, diante do altar mór, que era a mais riqua de quantas se atéquelle tempo na quella casa offereceram, e assi ordenou que se comprassem rendas em Galliza, pera sesta alampada alumiar continuamente de noite, e de dia, quomo se sempre depois fez.

CAPITULO LXV

De quomo el Rei quisera passar em Africa, e a causa porque desistio de o fazer, e darmada que mandou á India, capitaens Afonso Dalbuquerque, e Francisco Dalbuquerque, e da ida de Gonçalo Coelho á terra de S. Cruz.

Em quanto el Rei viveo sempre seu desejo, e vontade foi passar em Africa, pera pessoalmente fazer guerra aos Mouros, mas o tempo, e sucesso delle nunca lhe quis a isso dar azo, o que no anno M. D. iij. quisera poer em obra, com a mesma companhia, com que o dantes tinha ordenado, quando per rogo do Papa mandou socorro aos Venezeanos contra o Turquo, quomó atras fiqua dito. Sabida esta sua determinaçam pelo regno, todolos questavam apontados pera a outra viajem se começaram daperceber no começo destanno de mil, e quinhentos, e tres, mas a primavera deu de sim tam mao sinal com chuvas, e tempestades que has sementeiras, que ja eram feitas, se perderam pola môr parte, e ás questavam pera se fazer nam deu lugar, pelo que logo no começo do anno o pão começou a ter valia, e pouco a pouco tanta, que nam tam sómente os pobres, mas os ricos sentiam a carestia e veo a tanto, que nem por dinheiro se achava trigo, nem nenhum outro pão, nem legumes, do que ha gente constrangida pola grande, e icomportavel fome que padecia, comiam muitas viandas desacostumadas, raizes dervas, e outras cousas de que se depois seguiram muitas doenças mortaes, pela qual causa el

Rei desistio desta empreza, e quomo virtuoso Rei mandou de sua fazenda comprar muito pão em Ostelanda, Holanda, Flandres, Inglaterra, e França, ao que foram criados seus de confiança pera com mór diligencia o averem, o qual pão depois de ser no regno per sua ordenança se deu pelo custo. Neste anno mandou el Rei á India por capitam de tres naos Afonso Dalbuquerque, e Francisco Dalbuquerque, seu primo por capitam doutras tres, dos quaes, e do que passaram em toda a viajem se dirá no anno de mil, e quinhentos, e quatro, em que Afonso Dalbuquerque tornou ao regno. No mesmo anno mandou Gonçalo Coelho com seis naos á terra de Sancta Cruz, com que partio do porto de Lisboa aos dez dias do mes de Iunho, das quaes por ainda terem pouca noticia da terra, perdeo quatro, e as outras duas trouxe ao regno, com mercadorias da terra, que entam nam erão outras, que páo vermelho, a que chamam Brazil, bogios, e papagaios.

CAPITULO LXVI

De quomo el Rei mandou duas naos em busca dos corte Reaes, que se perderam indo a descobrir perá banda do Norte.

GASPAR corte Real, filho de Ioam Vaz corte Real, foi homem aventureiro, esforçado, e desejoso de ganhar honrra, pelo que propos de ir descobrir terras pera banda do Norte, porque perá do Sul tinham ja outros descuberto muitas, e assi de sua fazenda, como de merces, que lhe el Rei fez, cujo criado já fora em sendo Duque de Beja, armou huma nao com a qual bem esquipada de gente, e de todo o mais necessario, partio do porto de Lisboa no começo do veram do anno de mil, e quinhentos. Nesta viajem descobrio, perá quella banda do Norte, huma terra que por ser muito fresca, e de grandes arvoredos, como o sam todas as que jazem perá quella banda, lhe pos nome terra verde. A gente da qual he muito barbara, e agreste quasi do modo dos da terra de Sancta Cruz, senam que sam alvos, e tam cortidos do frio, que a alvura se lhes perde com a idade, e ficam como baços. Sam de corpo meaons, muito legeiros, e grandes frecheiros, servemse de paos tostados em lugar de azagaias, com que ferem de arremeço como se fossem forrados de aço fino, vestemse de pelles de alimarias, de que na terra ha muitas. Vivem em cavernas de rochas, e choupanas, nam tem lei, crem muito em agouros: guardam matrimonio, e sam muito ciosos de suas molheres, nas quaes cousas se parecem com os Lapos que tambem vivem debaixo do Norte, de lxx

ate lxxxv graos sugeitos aos Reis de Noroega, e Suecia, aos quaes pagam tributo, ficando sempre em sua gentilidade, por falta de doctrina, da qual tirannia, no livro que compus da fé, costumes, é religiam dos Ethiopios, Abexis em lingoa latina, dedicado ao Papa Paulo terceiro, no fim delle fiz huma deploraçam, em que trato per extenso, donde este tamanho mal procede. E tornando a Gaspar corte Real, depois que descobrio esta terra, e costeou huma boa parte della se tornou ao regno, e logo no anno de M. D. i. desejoso de descobrir mais desta provincia, e conhecer milhor o modo o trato della, partio de Lisboa aos xv. dias do mes de Maio, mas o que nesta viajem passou se nam sabe, porque nunca mais apareceo, nem se soube delle nova, a tardança do qual, e má suspeita que se começava a ter de sua viajem causaram o mesmo infortunio a Miguel corte Real, porteiro mór del Rei, que pelo grande amor que tinha a seu irmam determinou de o ir buscar, e partio de Lisboa aos dez dias de Maio de M. D. ii. com duas naos sem nunca delle se mais haver nova. A perda destes dous irmãos sentio el Rei muito, pela criaçam que nelles fezera, pelo que movido de seu real, e piedoso moto, no anno seguinte de M. D. iii. mandou duas naos armadas a sua custa buscalos, mas nem de hum nem do outro se pode nunca saber onde nem como se perderam, pelo que se pos áquella provincia da terra verde, onde se crê que estes dous irmãos perderão, a terra dos corte Reaes. Tinham estes dous irmãos Gaspar, e Miguel corte Real outro irmão mais velho quelles, a que chamavam Vasqueanes corte Real, que era veador da casa del Rei, do seu conselho, capitam e governador das ilhas de sam George, e terceira, e alcaide mór da Cidade de Tavilla, muito bom cavalleiro, bom Christam, homem de sigular

exemplo de vida, e de muitas esmollas, publicas, e secretas, cujo filho herdeiro he Emanuel corte Real, tambem do conselho del Rei, e capitam das mesmas ilhas que ao presente vive. Este Vasqueanes corte Real, não se podendo persuadir que seus irmãos eram mortos, nestanno de M. D. iii. determinou de com naos a sua propria custa os ir buscar, mas tendo el Rei por excusada sua ida, lho nam quis consentir, nem se procedeo mais neste negocio, por se ter por desnecessaria toda a despesa que se nisso mais fezesse.

CAPITULO LXVII

De como el Rei fez cortes em Lisboa onde o Principe foi jurado, e do serviço que lhe os povos fezeram pera ajuda das repartiçoens dos lugares Dafrica, e outras despezas necessarias.

Depois da partida de Afonso, e Francisco Dalbuquerque perá India, determinou el Rei no veram deste anno de M. D. iii. fazer jurar o Principe dom Ioam seu filho, por seu legitimo herdeiro, pera o que mandou vir os procuradores das cidades, e villas a Lisboa, a que tambem vieram todolos Prelados, e senhores, os quaes juntos nos paços Dalcaçova, fezeram o juramento em mãos del Rei, que per sua propria pessoa o recebeo de todos em nome do Principe dom Joam seu filho. Acabado este acto, e cerimonias, os estados proposeram nos dias seguintes os artigos, que lhe pareceram serem necessarios pera bem do regno, aos quaes el Rei respondeo segundo o que cada hum delles requeria.

Nestas cortes concederam os procuradores das cidades, e villas a el Rei, pera ajuda dos gastos, e despesas, que fazia nos lugares Dafrica, cincoenta mil cruzados, excusando-se nam poderem mais, por respeito das fomes passadas, e carestia de todalas cousas, de que todo o regno estava tam pobre, e necessitado, que se nam atreviam fazer-lhe o serviço que desejavam, pera a arrecadaçam do qual dinheiro lhes deu el Rei termos largos, e sufficientes, pera se fazer sem avexarem aquelles a que a obrigaçam deste serviço tocava.

CAPITULO LXVIII

Do que o Almirante dom Vasquo da Gama passou a segunda vez que foi a India ate chegar a Cochim.

INFORMADO el Rei per Pedralvres Cabral do que passara com el Rei de Calecut, e das treiçoens que lhe os mouros da terra armaram, determinou de o mandar outra vez a India, mas por el Rei querer separar da sua bandeira cinco velas que tambem mandava a India, de que tinha dada a capitania a Vicente Sodre, pera ficar lá, e andar darmada contra os mouros: se excusou de o fazer, pelo que deu a capitania da mesma armada a dom Vasquo da Gama, em que entravam dez velas, de que eram capitaens dom Luis coutinho, Pedrafonso daguiar, Francisco da Cunha, Ioam Lopes perestrelo, Rui da Castanheda, Gil Matoso, Luis Fernandez, Antonio do campo, Diogo Pirez, e das cinco velas que hiam separadas em capitania per fim era capitam Vicente Sodre, tio

de dom Vasquo da Gama, os outros capitaens, eram Bras Sodre seu irmam, Pero Dataide, Pero Raphael, e Joam rois badarças. Alem destas xv. velas mandou el Rei madeira lavrada pera huma caravella que se avia darmar em Moçambique, pera guarda daquella costa ate Çofala. Estas duas armadas partiram do porto de Bethelem aos dez dias de Fevereiro de M. D. ii. tendo el Rei dado a dom Vasquo da Gama, pouco antes, que partisse titulo dalmirante do mar da India, por lhe gratificar os serviços, que lhe tinha feitos, e sperava, que lhe fizesse nesta viajem. Alem destas xv. velas mandou el Rei aparelhar mais outras cinco de que deu a capitania a Estevam da Gama primo com irmam de dom Vasquo da Gama que partio de Lisboa o primeiro Dabril do mesmo anno, os outros capitaens erão Lopo Mendez de vasquo goncellos, Thomas de carmona, Lopo diaz criado de dom Alvaro, e Joam de bonagracia Italiano. Dom Vasquo da Gama passou o cabo de boa Sperança com toda sua armada ate chegar ao cabo das correntes, sem lhe acontecer cousa que de contar seja, donde mandou Vicente Sodré seu tio com onze velas das da companhia, que o fossem sperar a Moçambique, porque com as quatro queria ir a Çofala ver o sitio do porto, e modo da gente da terra, do Xeque do qual lugar foi bem recebido, e ficando amigos se partio pera Moçambique, com ao sair do rio de Çofalla perder huma das naos, mas a gente, e fazenda se salvou toda. Em Moçambique se vio com o Xeque, que era outro, e nam o que alli achou da primeira vez, que foi á India, que lhe fez muita cortesia, e gasalhado, mandando dar todo o aviamento necessario perá frota: o que feito partio caminho de Quiloa, levando consigo a caravella, que se armou em Moçambique, de que deu a capitania a Joam Ser-

ram, porque sua tençam era fazer guerra ao Rei, que se chamava Habrahemo, e lhe destruir a cidade se nam fezesse emenda dos erros passados. Chegados a Quiloa logo tras elle chegou Estevam da Gama com as cinco naos de que era capitam, que todas faziam numero de xix. velas, porqne a nao de Antonio de Campo esgarrára da companhia. El Rei de Quiloa houve tamanho medo com a chegada destas naos, que de sua propria vontade mandou dizer a dom Vasquo da Gama, que se queria ver com elle, o que se assi fez, e nas vistas, que foram no mar, dom Vasquo o prendeo, e o desenganou, que se se nam fazia vassallo, e tributario del Rei seu Senhor, que preso o havia de levar á India, e dahi a Portugal, com medo das quaes ameaças prometeo dar cadanno dous mil meticaes douro de pareas, e as daquelle anno mandaria como fosse em terra, pera firmeza do que ficaria com elle Mafamede Enconij, que era a segunda pessoa do seu regno, a quem el Rei queria grande, e secreto mal, com medo que tinha de lhe tomar o regno, que elle tinha usurpado a outro, que fora Rei. Dom Vasquo crendo que era verdade o que lhe dezia o soltou : mas elle depois que se vio em liberdade, desejoso que tivesse dom Vasquo da Gama alguma auçam pera matar Mafamede Enconij, nam quis mandar as pareas, o que vendo o preso, entendendo a maldade dixe a dom Vasquo o que lhe parecia, e quam mao homem el Rei era, e que pois o assi enganara, que elle á sua custa queria pagar os dous mil meticaes douro, o que assi fez, e dom Vasquo o deixou ir livremente perá cidade, ficando ambos grandes amigos. De Quiloa foi dom Vasquo por caso das correntes ter a huma enseada, oito legoas abaixo de Melinde, e posto que muito desejasse de ver el Rei, pera lhe gratificar a boa companhia que

lhe fezera da outra vez, o nam pode fazer, comtudo el Rei o mandou visitar per hum degredado per nome Luis de Moura, que alli deixara Pedralvres Cabral. Feita agoada, e carnajem se partio perá India, e em chegando ao monte Delli, topou huma nao do Soldam de Babilonia chamada Merij, de que era capitam Ioarfaquim, nao grande, e bem armada, que partira de Calecut carregada despecearias, e outras mercadorias pera Meca em que avia muitos romeiros, que per sua devaçam hiam visitar o sepulcro do seu propheta Mafamede, a qual tomou com muito trabalho, por se os mouros defenderem mui bem todo aquelle dia, e a noite seguinte, mas ao outro dia, forão entrados, e mortos mais de trezentos, e alguns mininos que nella havia mandou dom Vasquo da Gama levar ha sua nao, com tenção de os fazer frades no mosteiro de nossa Senhora de Bethelem. Tomada esta nao dom Vasquo da Gama se foi a Cananor onde entregou a el Rei o seu embaixador, que mandara a Portugal, e lhe deu hum presente que lhe el Rei dom Emanuel mandava, do qual foi recebido com grande aparato, e muita cortesia: o que feito se foi lançar sobello porto de Calecut, onde em chegando tomou alguns paraos em que poderia aver ate cinquoenta Malabares da cidade. Estando alli surto sem fazer mostra de guerra chegou a sua nao hum mouro vestido em trajos de frade de sam Francisco, que os nossos cuidaram que fosse algum dos questavam com Aires correa quando o mataram, mas em chegando, e dizendo Deo gracias, dixe logo que era mouro, e que vinha assi por poder chegar ás naos, sem lhe fazerem mal, pera dar recado ao capitam, como el Rei queria com elle paz, e amizade, porque do que se ateli passara lhe pesava muito, a isto respondeo que elle queria o mesmo, e que a isso era

vindo, mas que em sinal do que dizia lhe mandasse entregar a fazenda que tomaram a Aires Correa, ou o procedido della, no que se passaram tantos reçados, que sentindo dom Vasquo que eram tudo enganos, mandou dizer a el Rei pelo mesmo Mouro que andava nestes negocios, que se nam fezesse o que lhe mandara dizer, que por vingança da morte Daires correa mandaria enforcar todos aquelles Malabares seus sugeitos que tinha presos, ao que el Rei nam respondeo, pelo que dom Vasquo mandou enforcar os Malabares, e depois de mortos lhes mandou cortar os pés, e mãos, e os corpos mandou lançar ao mar, pera com a maré irem ter a praia, e os pés, e mãos mandou meter em hum parao, e á toa levar a terra per dous bateis, e nelle huma carta pera el Rei de Calecut desafiando-o a guerra de fogo, e sangue, da parte del Rei dom Emanuel seu senhor assi a elle, como a todos seus amigos, e sugeitos, e vassallos, a qual carta, e espantoso presente foi para el Rei e todolos da cidade de muita tristeza. Aquella noite fez dom Vasquo chegar todalas naos o mais perto de terra que cada huma pode, e em amanhecendo mandou esbombardear a cidade, no que entre outros damnos que fez foi derribar o Cerame del Rei, que estava junto da praia, o que feito se partio pera Cochim, deixando Vicente sodre com seis velas, pera guarda da costa do Malabar.

CAPITULO LXIX

Do que o Almirante dom Vasquo da Gama fez em Cochim, e Calecut, e do mais que passou em sua viajem até tornar ao regno.

Na mesma hora que dom Vasquo da Gama lançou ancora no porto de Cochim o veo ver a nao o feitor Gonçalo Gil Barbosa, com os outros Portugueses que com elle estavam, de que soube a honrra, gasalhado, e boa amizade que tinham todos recebido del Rei de Cochim, do que foi mui ledo, e no mesmo dia o mandou el Rei visitar per hum Naire, dos principaes de sua casa, e logo assentou com dom Vasquo que se visse ao outro dia com el Rei, o que assi fez, e lhe deu hum presente de muitas peças douro, prata, brocado, e seda, entre as quaes avia huma coroa douro, dizendo-lhe que el Rei dom Emanuel seu senhor lhe mandava aquelle presente como a bom, e verdadeiro irmam, e amigo do que se el Rei de Cochim teve por muito honrrado, e em sinal dàmor mandou per dom Vasquo a el Rei outro presente em que entravam dous barceletes douro com muita, e mui rica pedraria, e huma pedra do tamanho de huma avellãa, que se acha na cabeça de huma alimaria, de que ha muito poucas, a que os Indios chamam Bulgoldalf, a qual pedra tem gram virtude contra todo genero de peçonha. Nestas vistas entregou el Rei de Cochim a dom Vasquo da Gama o feitor Gonçalo Gil Barbosa com todollos outros Portugueses que lhe ficaram a cargo, muito alegre pollos atelli guardar dos perigos, e treiçoens, que lhes os mouros de toda aquella provincia cada dia

armavão, e pelo mesmo modo entregou dom Vasquo a el Rei de Cochim Diogo Fernandez correa, que avia de ficar por feitor, e Lourenço Moreno, e Alvaro Vaz escrivaens do seu cargo, com todolos outros Portugueses que com elles ficaram. Poucos dias depois destas vistas vieram a dom Vasquo embaixadores de certa gente Christãa, que habita nas terras de Cranganor, pedir-lhe que os quizesse tomar em sua guarda, e em nome del Rei de Portugal os defender dalli por diante em cuja vassallagem se punham do que elle deu graças a Deos, e lhes prometeo em nome del Rei de o fazer assi elle como todolos os outros capitaens que a India viessem, dos costumes, e religiam dos quaes direi adiante em seu lugar. Andando dom Vasquo da Gama occupado nas cousas que compriam a sua torna viagem, mandou el Rei de Calecut dissimuladamente hum Bramana, sob specia de dizer que queria ir a Portugal, com hum seu filho, e hum seu sobrinho que trazia consigo, pera aprenderem letras, e verem o modo que os Christãos tinham de viver na Europa, mas alguns dias depois, de pratica em pratica, com muita prudencia veo descobrir a dom Vasquo, que elle era alli vindo da parte del Rei de Calecut a pedir-lhe que quizesse ser seu amigo, e ir com toda sua armada a Calecut, onde lhe daria carga para quantas naos quisesse, e allem disto lhe mandaria pagar tudo o que se aos Portugueses la tomara. Dom Vasquo determinou de o fazer, posto que fosse contra vontade de todolos outros capitaens, com tudo para sua segurança, mandou deter o Bramana na nao Destevam da Gama, a quem deixou cargo de toda a frota, e elle com a sua nao, e huma caravella se foi a Calecut, levando consigo o filho, e sobrinho do Bramana, onde depois de surto lhe mandou el Rei muitos recados de paz, e amizade,

no que andavam os mesmos filho e sobrinho do Bramana, mas como el Rei era mudavel, induzido pelos mouros, vendo como dom Vasquo estava alli com tam pouca companhia, o mandou cometer com xxxiiij. paraos, dos quaes se nam pode desfazer sem deixar a ancora, e calabre que mandou cortar em dando a vela, nem com isto podera escapar se lhe o vento terreno nam servira, com que se apartou da terra, seguindo-o com tudo os paraos ate que per dita appareceo Vicente Sodre, a quem elle mandara recado pela caravella que trouxera de Cochim, que viesse ter com elle a Calecut, com cuja vinda, os paraos foram destroçados, e morta muita da sua gente, o que feito, dom Vasquo se foi a Cochim, onde em chegando mandou enforcar o Bramana, per quem el Rei de Calecut mandara o recado, e o mesmo fezera ao filho, e sobrinho se lhe nam escaparam da nao, antes de se descobrir a treiçam. El Rei de Calecut foi mui triste pela morte deste Bramana, e vendo que nem per manha, nem per força se podia vingar a sua vontade dos nossos, determinou com cartas, e recados secretos cometer el Rei de Cochim, fazendo-lhe grandes offerecimentos, se lhe quisesse entregar os Portugueses que estavam em sua terra, e nam dar carga as naos, sobello que lhe escreveo tres vezes, mas elle lhe respondeo muito ao contrario, dizendo que nam era costume de bons Reis serem traidores, nem fé prejuros aos que se delles fiavam, e punham suas pessoas, bens, e vidas debaixo de sua guarda, e verdade, ha qual faltando se nam podiam chamar Reis. Destes recados deu el Rei de Cochim conta a dom Vasquo quando se delle despedio pera tornar ao regno, nem lho quis dizer antes, por o nam desenquietar, e dar trabalho com suspeita de poder cuidar que aceitaria os partidos que lhe el Rei de

Calecut tinha offerecido. Dom Vasquo da Gama lhe agradeceo muito esta boa vontade, e lealdade da parte del Rei seu seu senhor, dizendo-lhe perante muitos dos seus Panicaens, Caimaens, e Naires que deixaria na India tantas naos da sua armada com que se tivesse por seguro do poder del Rei de Calecut, do que el Rei de Cochim mostrou grande contentamento, principalmente por lho dizer diante daquelles, dos quaes sabia haver alguns que por respeito dos Mouros nam tinham boa vontade aos nossos. Partio dom Vasquo da Gama de Cochim pera Cananor com dez naos carregadas a buscar tres que lá estavam a carga, e sendo tres legoas de Pandarane sairam a elle vinta nove naos que el Rei de Calecut tinha prestes para o mandar cometer, com as quaes per conselho, e parecer dos outros capitaens determinou de pelejar, e ordenou que fossem diante Vicente Sodré, Pero Raphael, Diogo Pirez por irem boiantes, os quaes afferraram duas naos dos Mouros que vinham afastadas hum pouco das outras, Vicente Sodré com huma, e Pero Raphael, e Diogo Pirez com a outra, e as renderam antes que dom Vasquo, nem nenhuma das outras naos darmada chegassem a elles, a gente das quaes se lançou toda ao mar, de que os nossos mataram dos bateis mais de trezentos. As outras naos dos mouros, vendo o desbarate das duas, se acolheram a terra sem dom Vasquo os poder alcançar. Acharam-se nestas duas naos algumas cousas de preço, entre as quaes havia hum idolo douro que pesava trinta arrateis, de figura muito monstruosa que tinha por olhos duas ricas esmeraldas, cuberto de hum manteo douro de martello, bordado de pedraria, com hum robi nos peitos do tamanho da roda de hum cruzado. Despejadas as naos, dom Vasquo lhes mandou poer o fogo, que se ateou de modo que todas arderam a vista da

frota. Dalli se foi a Cananor buscar as tres naos que stavam a carga onde assentou pazes, e amizade com el Rei do que se fezeram contratos, assinados, e asselados por ambos, nas quaes entrava el Rei de Cochim, prometendo el Rei de Cananor, de nunca lhe fazer guerra, nem ajudar a el Rei de Calecut se lha fazer quisesse, nem outra pessoa nenhuma. Feitos, e confirmados estes contratos, dom Vasquo da Gama entregou a el Rei de Cananor Gonçallo Gil Barbosa que alli ficava por feitor, e Sebastiam Alvrez e Diogo Godinho por scrivaens, e outros Portugueses que com eiles ficarão, que seriam ate xx. os quaes el Rei tomou em sua fé, e guarda, o que feito se partio pera o regno aos xxviij. dias do mes de Dezembro, de M. D. ii. com treze naos carregadas despecearias, e doutras riquezas, deixando ordenado, que Vicente Sodré com sua armada ficasse na costa do Malabar, onde andaria ate o mes de Fevereiro, e se ate aquelle tempo el Rei de Calecut nam fezesse guerra a el Rei de Cochim, que entam se fosse ao estreito do mar Darabia fazer guerra aos Mouros, como trazia para regimento. Os capitaens que ficarão com Vicente Sodré forão Bras Sodre seu irmam, Pero Dataide, Pero Raphael, Fernam Rodriguez Badarças, e Diogo Pirez, o que assi ordenado partio o Almirante para o regno, sem tomar terra senam em Moçambique, onde fez augoada, e carnagem, e seguindo sua viajem lhe deu no cabo das correntes hum temporal, com que se perdeo da frota a nao Destevam da Gama, e dom Vasquo chegou com as outras a Lisboa ao primeiro dia do mes de Setembro do anno de M. D. iii, onde el Rei entam estava que o recebeo com tanto prazer, quanto sua boa andança requeria, o qual logo foram visitar a nao os mais dos senhores, e fidalgos que se entam acharam na corte, e o

acompanharam até o paço, indo diante delle hum seu paje, que levava em huma bacia dagoa as mãos os dous mil miticaes douro das pareas del Rei de Quiloa, e assi os contratos que fezera com elle, e com o de Cananor, e Cochim. Destes dous mil miticaes douro mandou el Rei fazer huma custodia para o Sacramento do altar, guarnecida de pedras preciosas que mandou offerecer no mosteiro de Bethelem: depois da vinda de dom Vasquo da Gama a seis dias chegou a Lisboa Estevam da Gama.

CAPITULO LXX

De como dom Joam de Meneses, e dom Joam de Meneses Conde de Tarouqua foram correr o campo Dalcacerquibir, e do que lhe aconteceo.

CASAR Elcabir a que nos chamamos Alcacerquibir esta situada junto do rio Luco, o qual crece tanto denxurro que entra muitas vezes polas portas da cidade, a qual dizem os mouros que edificou Mansor Rei, e Pontifice de Marrocos. Vivem nella muitos homens nobres, e mercadores, e assi letrados per caso de hum collegio, que ahi ha em que se lé philosophia, e outras artes, nam tem agoa senam a do rio, e de cisternas, porque carece de poços, e fontes. Ha tambem na Cidade hum Sprital em que se recolhem, e curam muitos pobres, e fora della ha muitos jardins de ortaliça, e boas fruitas, a terra he tam fertil que ordinariamente colhem de hum alqueire de pão que semeam trinta. Tinham os Reis de Féz nella depois que el Rei dom Afonso quinto ganhou Arzila, ate que lha em nosso tempo soltaram,

hum capitão com trezentos de cavallo, e outra gente de pé, com que, e com os outros mouros da comarca, e fronteiros corria muitas vezes Arzilla, do que el Rei dom Emanuel tinha desgosto, e por esse respeito screveo a dom Joam de Meneses que lhe teria em serviço fazer continua guerra á quella cidade, sobre o que screveo logo dom Ioam a dom Ioam de Meneses Conde de Tarouqua, que ja era tornado da viajem que fezera em favor dos Venezeanos, e estava entam na cidade de Tanger, de que era capitam, e governador, que se ajuntassem pera ambos irem correr Alcacerquibir, o qne asssi fez, e veo ter a Arzila com duzentas lanças, e dom João sahio com duzentas, e trinta em dia de Pascoela, do anno de M. D. iii. no mes Dabril, e chegaram á mea noite a huma ponte, sete legoas Darzilla, que se chama a ponte grande Dalcacer onde foram sentidos dos guardas, que vigiavam o passo, ao que o Alcaide logo sahio, mandando tocar o seu tambor, ao que em amanhecendo acodio o Xeque dos colotos com muita gente, e se vieram todos poer em hum outeiro apar Dalcacer, que se chama o outeiro dos prazeres, onde ordenaram suas hazes, quomo homens que determinavam peleijar, o que vendo o Conde mandou dizer a dom Joam, que era o que lhe parecia, ao que respondeo que mui bem, pois achavam o que hiam buscar, e no mesmo instante poseram toda sua gente em ordenança, o que feito começaram de caminhar pera os mouros, os quaes os vieram cometer com escaramuça, mas vendo que os Christãos nam sahiam da ordenança, em que com suas hazes feitas vinham demandar o corpo da sua gente, caminharam algum tanto mais a diante fazendo mostra de quererem peleijar, mas vendo que os nossos os hiam determinadamente cometer, voltaram, a quem os nossos seguiram o al-

cance até as portas da villa, e lhes mataram cento, e oitenta de pé, apertando-os tanto, que muitos delles nam poderam haver ha porta, pelo que por se de todo nam perderem, voltaram quomo homens desesperados, e deram com tanto esforço nos nossos, que dirribaram, e feriam muitos, entre os quaes o foi no rostro dom Duarte de Meneses, filho mais velho do Conde de Tarouqua, e Pero Leitam Adail, mas os que cairam foram socorridos, e assi se começaram de vir recolhendo até huma ponte pequena, que se chama Decelam, que está mea legoa Dalcacer, vindo já apegado com elles o Alcaide com novecentos de cavallo. Mas depois que os nossos passaram aponte, dom Ioam os pos em ordenança com determinação de peleijar com os mouros se ha passassem, o que elles nam fezeram, se nam depois que viram os Christãos bem a longados, e com o socorro q ıe lhes vinha o começaram de seguir de bem perto, ate chegarem a outra ponte que está seis legoas Darzilla, tendo ha já passado obra de cinquoenta de cavallo dos Christãos, mas tanto que a outra gente passou, dom Joam fez corpo sperando que passassem os Mouros, pera peleijar com ellés, que já nesta sazam seriam mais de mil, e trezentos de cavallo, o que elles nam fezeram, mas antes se tornaram dalli pera suas casas, e os Christãos se foram Arzilla, donde se o Conde tornou pera Tanger. As pessoas conhecidas que se acharam nesta entrada foram, dom Duarte de Meneses, filho do Conde de Tarouqua, dom Ioam Ladram filho do Conde de Cantanhede, dom Bernaldim Dalmeida, filho do Conde Dabrantes, dom Pedro seu irmam, Rui de Sousa, dom George de Crasto, Rui de Vasquo Goncelos, Sancho de Vasquo Goncelos, dom Afonso Dataide, Francisco Pereira Pestana, Gonçalo Mendez Çacoto, Estevam Coelho alcaide mór de Arzilla, Dio-

go Pereira, Francisco do Soveral, Antonio da Fonseca contador de Tanger, e Rui Gomez.

CAPITULO LXXI

Doutra entrada que o Conde Tarouqua, e dom Ioam de Meneses fezeram até huma legoa Dalcacerquibir.

Como dom Ioam de Meneses sabia o grande gosto, que el Rei levava delle guerrear os Mouros Dalcacerquibir, neste mesmo mes Dabril de M. D. iii. mandon espiar a terra, e soube dos escutas como os Mouros de duas aldeas, e dous aduares, que viviam de longo do rio, a huma legoa desta cidade, andavam mui descuidados, de os Christãos poderem la chegar, o que sabido mandou recado ao Conde de Tarouqua, o qual se veo logo Arzilla com duzentas, e vinte lanças, onde achou dom Ioão prestes com duzentas, e trinta, mas o dia que dahi partiram forão descubertos per hum bombardeiro flamengo que fugio da villa sem ser sentido, e foi dar aviso aos mouros, do que nam sabendo parte os capitaens seguiram seu caminho do modo que o tinham ordenado até chegarem as aldeas, onde ja nam acharam os aduares, porque na mesma hora, que souberam da vinda dos Christãos se foram, o que os das aldeas nam poderam fazer tam asinha, que os nossos nam cativassem nella obra de cincoenta almas, e matassem outras tantas, e tomassem muito gado. Roubadas as aldeas, os nossos se começaram de recolher, vindolhes já nas costas mouros de cavallo dos Dalcacer, com que ouverão muitas escaramuças, e fezeram

voltas, em que mataram alguns, e elles mataram quatro Christãos, e foi o negocio tam travado, que dom Pedro de Sousa, que era nesta companhia teve muito trabalho em recolher a gente da escaramuça, a qual recolhida caminhou a cavalgada com que entraram em Arzilla, sem acharem quem lhe mais saisse ao caminho. Neste negocio foram dom Duarte de Meneses filho do Conde de Tarouqua, Rui de Sousa, que matou hum mouro de cavallo dos que sahiram Dalcacer, Alvaro Barreto, Gonçalo Çacoto, Francisco daC osta, Estevam Barroso, Antam Martins, Bernaldim Velho. Chegados a villa, e partido o despojo, o Conde se tornou pera Tanger, achouse tambem neste feito Tristam vogado natural Dalanquer, que neste tempo era fronteiro em Arzilla, o qual depois acabou seus dias desastradamente, porque o matou huma lioa, a que elle com outros cavalleiros sahio a buscar a morte que lhe alli estava aparelhada, do que el Rei levou descontentamento, porque era Tristão vogado bom homem, e muito bom cavalleiro, de quem ficou hum filho per nome Ioam vogado que ainda vive.

CAPITULO LXXII

Doutra entrada que dom Ioam de Meneses fez no mesmo anno.

Na serra de Benagulfate estam humas aldeas sete legoas Darzilla, em huma destas aldeas tinha sabido dom Ioam de Meneses que estavam as mais fermosas Mouras que avia em toda a comarqua Darzilla, e Tanger, e que as guardavam muitos cavalleiros Mouros, avidos pelos mais valentes homens de toda a terra, seus parentes, e namorados, e por esta aldea estar entre outras que se tambem guardavam, tinha o caso por duvidoso, com tudo movido das novas que tinha da fermosura daquellas Mouras, com desejo de fazer dellas serviço á Rainha donna Maria, que lhe tinha mandado pedir algumas das que captivasse, pera se dellas servir, determinou de dar nesta aldea, posposto, o perigo que nisso havia, e receio, de o sentirem das outras, por serem muito visinhas, pera o que mandou fazer huma soma de tochas, com determinaçam de a cometer no sono da modorra, o que feito partio Darzilla com duzentas lanças, e passou per todalas outras aldeas sem ser sentido, porque a noite era escura, e de tormenta, e em chegando sobela aldea que seria hum pouco antes da mea noite mandou acender as tochas, e com ellas acesas deu nella o som de trombetas tam de subito, que os Mouros que a guardavam, posto que esforçados fossem, nam tiveram animo pera mais que pera como homens desacordados, e desatinados do somno, se defenderem o milhor que poderam, e foi tamanha a grita delles, e das molheres que se ouvio

pelas outras aldeas, donde nam tão sómente lhes nam acodio ninguem, mas antes as desempararam os mouros que nellas viviam acolhendosse pera dentro da serra com suas molheres, e filhos, pelo que dom Ioam teve tempo pera a sua vontade saquear esta, em que os Christãos mataram mais de oitenta mouros, e captivaram sessenta homens, e molheres, em que entraram algumas das fermosas, o que feito se começou de recolher, sendo ainda noite, mas em amanhecendo o vierão cometer muitos Mouros de cavallo de todas aquellas aldeas de que se desfez com muito trabalho, e perigo, porque lhe feriram muitos homens, e cavallos, com tudo elle chegou a Arzilla, sem lhe matarem nenhum. Nesta entrada se acharam dom Bernaldim, dom Pedro, dom Ioam Ladram, Francisco Pereira pestana, Pero Moniz da silva, Rodrigo de Vasquo Goncellos, Sancho de Vasquo Goncellos, Gonçalo Mendez Çacoto, e Ioam de Figueredo.

CAPITULO LXXIII

De como el Rei de Calecut começou de fazer guerra a Trimumpara Rei de Cochim, e porque causa.

DEPOIS da partida de dom Vasquo da Gama, determinou el Rei de Calecut poer em obra a má vontade que tinha a el Rei de Cochim, misturada ja com enveja de o ver prospero, e sua Cidade ir em crecimento com o proveito que recebia dos Portugueses, pera o que começou de fazer apercebimentos de guerra. Sabido isto em Cochim ouve muitos dos Mouros, e gentios dos principaes da terra que aconselhavam el Rei que por evitar tamanho perigo devia satisfazer a el Rei de Calecut, com a entrega dos Portugueses questavam em seu regno, o qual conselho elle nam quis seguir, mas antes dixe aos que lho davam, que se lhe mais fallassem nisso os mandaria castigar, que nam era elle o Rei que havia de quebrar sua fé, e verdade pela qual nam estimaria perder todo seu regno, e estado: assi que tendo por certa a vinda del Rei de Calecut, começou de se aperceber o milhor que pode. Neste tempo Vicente Sodre que ficara por Capitam do mar, veo ter com sua armada a Cochim, mas posto que esta guerra fosse ja divulgada, e lhe Diogo Fernandez Correa feitor requeresse que se nam fosse, e desembarcasse com a gente que as naos podessem excusar, pera ajuda, e favor del Rei de Cochim, e seu delles, elle o nam quis fazer, dando a isso suas razoens, as quaes parece que em tal tempo, e de tanta necessidade nam tinham lugar: finalmente sem ter conta com o que

lhe Diogo Fernandez Correa requeria, e compria a serviço del Rei, elle se fez á vela caminho do cabo de Guardafum, sperar as naos de Mouros pera fazer presas do que sperava mais proveito que da guerra del Rei de Calecut com o de Cochim. Fazendosse estes apercebimentos de guerra, ouve de parte dos Reis ambos muitos recados, mas o de Cochim per nenhum modo quis conceder ao de Calecut a entrega dos Portugueses, pelo que cada hum delles se determinou em fazer guerra ao outro: o de Cochim ajuntou toda sua valia na mesma cidade, e o de Calecut em Panane, pera o qual, allem de seus sugeitos, e vassallos, se vieram muitos senhores daquella provincia, desejando lançar os nossos, fora da India, por amor dos mouros que os a isso induzião com muitas dadivas, presentes, e antiga amizade. Chegou a tanto cuidarem todolos Malabares que não podia el Rei de Cochim deixar de perder seu estado daquella vez, que dos seus vassallos mesmos se lançaram os mais com o de Calecut, entre os quaes foram o Caimal de Chirabipil, o de Cambalão, e o da ilha grande questá defronte de Cochim, pessoas principaes de seu regno: mas esta guerra nunca pareceo bem a Nabeadarim sobrinho del Rei de Calecut seu unico herdeiro, que per muitas vezes lhe aconselhou que a não fezesse prophetizando-lhe que della haviam ainda de recrecer muitos males, e damnos: do que el Rei fazendo pouco caso, em hum dia certo que lhe seus feiticeiros assinaram, pera a começar, partio de Panane mui poderoso, tomando o caminho pellas terras de Repelim, que sam quatro legoas de Cochim, com que foi tamanho o medo em todollos da cidade, que Diogo Fernandez Correa parecendolhe fazer milhor o partido del Rei de Cochim, e que com isso se fariam as pazes entrelle, e o de Calecut, lhe pedio

embarcaçam pera se ir com todollos Portugueses pera Cananor, onde estariam ate vir a armada de Portugal, o que lhe el Rei estranhou muito, dizendo-lhe que ainda elle nam era morto, nem el Rei de Calecut senhor do regno de Cochim, o qual todo, e sua pessoa elle aventuraria por serviço del Rei de Portugal seu irmam, do que Diogo Fernandez, e todollos Portugueses, que em Cochim estavam, ficaram nam tam sómente satisfeitos, mas espantados, confirmando a opiniam que delle tinham, como de pessoa em quem nunca acharam engano, nem falta no que prometesse. Desta guerra fez el Rei de Cochim capitão hum seu sobrinho, e herdeiro, por nome Naramuhim, ao qual mandou com cinco mil, e quinhentos Naires, que fosse a hum passo que chamam do vao, por se passar de maré vazia pelo geolho, per onde el Rei de Calecut queria entrar na ilha de Cochim. Sabendo el Rei de Calecut, que Naramuhim estava no passo do vao, com receo delle, porque era hum dos milhores Cavalleiros de toda a terra do Malabar, e muito bem escançado nas cousas da guerra, screveo huma carta a el Rei de Cochim, na qual lhe pedia outra vez a entrega dos Portugueses, ao que el Rei de Cochim respondeo o mesmo que fizera das outras vezes, pelo que el Rei de Calecut moveo logo seu exercito, jurando de nam tornar a suas terras sem deixar destruidas as del Rei de Cochim, com tudo as por onde entrou, posto que o fossem, não empeceo, porque eram de vassallos desleaes del Rei de Cochim, que andavam com elle, o qual partio das terras de Repelim, ao derradeiro dia de Março deste anno de mil, e quinhentos, e tres, e aos dous dias Dabril chegou ao passo do vao, onde alguns dos seus Naires quiseram logo cometer Naramuhim, sobrinho del Rei de Cochim, que ja alli estava, que lho defendeo co-

mo bom cavalleiro, matando muitos delles, sem perder nenhum dos seus. Ao outro dia tendo ja el Rei de Calecut assentado seu arraial, mandou ao senhor de Repelim, que com da sua gente, e doutras capitanias fosse cometer o vao, e perá juda destes mandou muitos paraos armados, com a milhor gente de sua corte dos quaes Naramuhim se defendeo milhor do que o fezera o dia dantes nas quaes victorias elle usava o conselho e parecer de Lourenço Moreno, que o acompanhou neste negocio, com alguns dos portugueses que ficaram em Cochim. Assi que destas duas vezes, como doutras que os de Calecut cometeram o passo do vao, e sespalharam pella terra pera destruir alguns lugares de Cochim, sempre foram desbaratados, sucedendo-lhe tudo ao contrario do que speravam. Vendo el Rei de Calecut o estrago que o Principe Naramuhim fazia nos seus, teve inteligencia com hum Naire que pagava o soldo da gente del Rei de Cochim, o qual sobornado de dadivas, e promessas, deixou de vir fazer as pagas ao campo, como o dantes fazia, e contrafazendosse mal disposto, se foi pera Cochim, dizendo que quem quisesse soldo o fosse lá receber, o que fezerão per alguns dias. Crecendo assi este descuido, pediram muitos dos Naires huma noite ao Principe Naramuhim que os deixasse ir a Cochim receber o que lhes era devido, na qual noite tendo el Rei de Calecut aviso do que passava, fez cometer o vao por mar e por terra, com toda sua gente, paraos, e artelharia, ao que Naramuhim, nam podendo resistir, pella gente que faltava, e pouca que tinha em comparaçam da del Rei de Calecut, o passo foi entrado, e elle morto de frechadas, com dous sobrinhos seus, entre huns palmares, ate onde os imigos o seguirão defendosse sempre como esforçados cavalleiros. Esta batalha durou parte da-

quella noite em que foram cometidos, e todo o dia seguinte, ate ser tam tarde que se nam viam huns aos outros, pelo que el Rei de Calecut nam quis mais seguir a victorla, a qual nam foi sem perder muita da sua gente. Com a nova deste tamanho desastre foi el Rei de Cochim mui triste, com tudo posto que pera o fazer estivesse mui debilitado, determinou desperar el Rei de Calecut, e lhe dar batalha, naqual foi desbaratado, do que constrangido se passou a huma ilha que se chama Vaipim, situada defronte de Cochim, levando consigo todollos Portugueses com a fazenda que tinha na cidade, sem nunca os de sim querer apartar, nem entregar a el Rei de Calecut, posto que depois destas perdas lhos mandasse muitas vezes pedir, prometendo-lhe por isso pas, e amizade, o que nam querendo fazer lhe mandou queimar a cidade de Cochim, commeter per muitas vezes a ilha de Vaipim, na qual nam pode fazer damno, por ser o sitio della muito forte, e el Rei de Cochim ter consigo gente, que lhe abastava pera se defender naquelle lugar. Screvam os Gregos, screvam os Romanos tudo o que se pode dizer dos Emperadores, Reis, Principes, Respublicas, cidades, e pessoas particulares a que deram muitos louvores, por guardarem suas promessas a que a fé publica os obrigava: mas eu nam creo que a verdade, e fé com que el Rei de Cochim guardou, e defendeo os nossos seja inferior a nenhuma daquellas, de que elles em seus livros, sobreste caso fazem muitas, e espantosas admiraçoens. Vendo el Rei de Calecut, que aproveitava pouco em querer entrar a ilha de Vaipim, e por ser ja começo do inverno se foi a Cranganor, com proposito de no começo do veram tornar outra vez a esta guerra, e pera que lhe ficasse Cochim pacifico mandou fazer tranqueiras no mais seguro da

cidade, em que deixou pera guarda muita, e boa gente da sua. O dia em que mataram Naramuhim foi tamanho o medo em Cochim, que muitos se lançaram no arraial del Rei de Calecut, entre os quaes foram dous Lombardos Milaneses, lapidairos, hum per nome Joam Maria, e o outro Pedro Antonio, que estavam com Diogo Fernandes Correa, e foram a India com licença del Rei dom Emanuel na segunda armada de dom Vasquo da Gama, os quaes depois foram mui perjudiciaes, dando muitos ardis de guerra a el Rei de Calecut contra os nossos, como se ao diante dira.

CAPITULO LXXIV

De como se perderam nas ilhas de Curia Muria Vicente Sodre, e Bras Sodre seu irmam, e do que os outros capitaens depois passaram.

Vencido Vicente Sodre da sperança que tinha posta nas presas das naos dos mouros que hia buscar, mais que da razam que o obrigava aficar em Cochim, em ajuda del Rei, e favor dos nossos, se partio como no capitulo atras fica dito. Seguindo assi sua viajem tomou na costa de Cambaia, cinco naos de mouros, tam ricas, que só o dinheiro de contado que nellas achou, passava de duzentos mil pardaos, moeda que val da nossa trezentos, e sessenta reaes cada hum com a qual boa andança depois de mandar queimar estas naos, se foi a humas ilhas, questão allem do cabo de Guardafum, per nome Curia, Muria, pera repairar algumas das suas naos que faziam aguoa, onde chegou aos xx.

dias do mes Dabril deste anno de M. D. iii. Os moradores destas ilhas, posto que fossem Mouros, por serem todos lavradores, e pescadores, homens pacificos, mais intentos a seu proveito que sos perigos da guerra fezeram boa companhia a todolos darmada, servindoos, dandolhes mantimentos por seu dinheiro, pela qual segurança achada entre gente tão contraria a nossos costumes, e fé, mandou Vicente Sodre tirar a monte a caravella de Pero Dataide, e vendo os Mouros, que a armada estava de vagar, lhe dixeram que ordinariamente naquellas ilhas, no começo do mes de Maio, sobrevinha huma tormenta de vento norte daquella banda, onde elles estavam ancorados, que nenhuma nao que alli no tal tempo estivesse se salvava, pelo que lha conselhavam, que se fosse lançar da outra banda das ilhas, ate que o temporal passasse, porque alli estaria seguro. Vicente Sodre parecendolhe que era isto engano, não fazendo conta do que lhe diziam, lhes respondeo, que as naos que se perdiam com aquelle temporal eram feitas de canas, e tinham as ancoras de pao, que por mui forte que fosse as suas poderiam bem sperar, no lugar em questavam, nem com quantas replicas lhe os mouros sobre isto fezeram, se quis mudar: mas como os misterios de Deos sam grandes, e ocultos, logo alli quis executar o castigo que merecia, pela deshumanidade, e crueza que uzou em Cochim, deixando hum Rei, tanto nosso amigo, e seus proprios naturaes Portugueses em perigo tam evidente. Finalmente Pero Raphael, Fernam Rodriguez Badarças, e Diogo Pirez, posto que lhe mandasse que se nam apartassem delle, lhe nam quiseram obedecer, e se passarm pera á outra banda da ilha, já ao derradeiro dia do mes Dabril, ficando alli Vicente Sodre, e seu irmão Bras Sodre, e a gente da caravella que estava a monte de

que era capitam Pero Dataide. Ancoradas estas tres velas detras das ilhas sobreveo o temporal, que os Mouros diziam, com tanta furia que as duas naos deram a costa, e se fezeram em pedaços, em que morreo a mór parte da gente, e o mesmo Vicente Sodre, e seu irmam Bras Sodre, sem se salvar cousa nenhuma, senam o que o mar lançou na praia, que foram enxarceas, mastos, pipas, e cousas desta calidade, com muitos corpos mortos, porque nem do dinheiro, nem das mercadorias, que eram muitas, e de muito preço se pode cobrar nada, posto que se nisso trabalhasse muito. Passada esta tormenta, as tres naos questavam de tras das ilhas se vieram ao mesmo lugar, onde se os Sodres perderão donde, como a caravella de Pero Dataide foi concertada, se partiram elegendo-o a elle por seu capitam assentando todos de se irem rota abatida caminho de Cochim, socorrer a el Rei, e os Portugueses que lá deixaram por lhes parecer juizo de Deos, o que acontecera aquelles dous irmãos. Isto era ja meado de Maio em que he a força do inverno naquellas partes, pelo que com temporaes que lhes davam de rosto, nam poderam chegar a Cochim, como desejavam, e foam constrangidos tomar Anchediva, onde invernaram, ao qual porto, quatro dias depois de sua vinda, chegou Antonio do campo, hum dos capitaens darmada de dom Vasquo da Gama, que por morrer o Piloto navegou sempre ao longo da costa, com muito trabalho, e perda de gente que lhe morrera.

CAPITULO LXXV

Do nascimento da Infante donna Isabel, e do capitulo que el Rei fez no convento de Thomar da ordem de nosso Senhor JESU CHRISTO.

NESTE anno de M. D. iii. aos vinte quatro dias Douctubro, huma quarta feira antre as tres, e quatro horas depois da mea noite, nasceo em Lisboa, nos paços Dalcaçova a Infante donna Isabel, do parto da qual a Rainha donna Maria sua mãi ficou alguns dias mal disposta, no nascimento desta Princeza ouve os mesmos sinaes, e tormentas que no do Principe dom Ioam seu irmam. Foi molher muito fermosa, e muito isenta de sua condiçam, e de tam altos pensamentos, que presopos de nam casar senam com o mor senhor da Christandade, que era o Emperador dom Carlos quinto do nome, seu primo com irmam, senhor dos regnos de Castella, Aragam, Napoles, Sicilia, Archeduque Daustria, e de Ostroique, Duque de Milam, Conde de Tirol, senhor dos estados de Flandres, e das Indias Occidentaes, com o qual Emperador depois da morte del Rei seu pai, a casou el Rei dom Ioam terceiro, seu irmam, no anno de M. D. xxvj, com dote de novecentos mil cruzados em dinheiro de contado, cem mil em joias, enxoval, dote que nunca molher, que nam fosse herdeira, trouxe em casamento a seu marido. No fim destanno de M. D. iij. ordenou el Rei capitulo no convento de Tomar, pera entender em algumas desordens, que avia nos commendadores, e freires da ordem de nosso senhor Jesu Christo. No qual capitulo sendo junto todolos commendadores, que se

ahi poderam achar, se fezeram muitas, e boas constituiçoens, perque se ao presente rege e governa aquella ordem. Nestanno morreo em Roma o Papa Alexandre, e logo apos elle o Papa Pio, per cujo falecimento foi ellecto o Papa Iulio, natural da villa de Saona que agora he dos Genoeses.

CAPITULO LXXVI

De como el Rei mandou mestres a Congo, pera ensinarem os daquellas provincias as cousas da nossa fé, e Lopo Soarez a India por capitão de huma grossa armada.

El rei dom Emanuel era de sua natural condiçam religioso, e em todos seus negocios a primeira cousa, de que sempre tratava, era do serviço de Deos, e doctrina de sua Sancta fé, do qual zello movido determinou no começo do anno de M. D. iiij, mandar homens letrados na sacra Theologia ao regno de Congo, com os quaes mandou mestres de ler, e screver, e outros pera la ensinarem o canto cham da egreja, e musica do canto dorgão, e aos principaes a que encarregou destes negocios mandou entregar muitos livros de doctrina Christãa, vestimentas de brocado, e seda, cruzes de prata, calix turibullos, e outras cousas necessarias pera o serviço divino, e a todos elles deu ordenados e embarcaçam pera suas pessoas, e gasalhado, tudo a custa de sua fazenda. Os quaes depois de serem naquellas partes fezeram muito fructo, convertendo muitos dos habitadores della a fé de nosso Senhor Jesu Christo,

allem do que fez el Rei tanto per suas cartas, e rogos, que os Reis, e senhores daquella barbara provincia lhe mandaram seus filhos, e parentes moços pera em Portugal lhes ensinarem as cousas da fé, estudos de philosophia, boas artes, e costumes, o que tudo mandou fazer a sua custa, repartindo estes moços per mosteiros, e casas de pessoas doctas, e religiosas, que os ensinassem, dos quaes muitos sairam letrados, e delles taes que depois fezeram muito fructo em suas terras, pregando nellas a fé catholica, obra certo digna de muito louvor, pela qual, e per outras taes que em sua vida el Rei fez, Deos foi sempre guiador de suas cousas, prosperando-lhas, ate a hora de sua morte, de bem em milhór. Neste anno de M. D. iiij. mandou el Rei a India por capitam de huma grossa armada Lopo Soarez Dalvarenga, filho de Rui Gomes Dalvarenga chançaler mór que fora del Rei dom Afonso o quinto, da qual armada se tratara no anno seguinte de M. D. v. em que tornou ao regno.

CAPITULO LXXVII

Do que Afonso Dalbuquerque, e Francisco Dalbuquerque passaram em sua viagem, ate chegarem a Cochim.

HA armada que el Rei mandou no anno de M. D. ij. de que foi por capitam o Almirante dom Vasquo da Gama, hia tambem concertada, assi de muniçoens de guerra, como de gente que pareceo a el Rei excusado mandar no de Mil, e quinhentos, e tres, mais que seis Naos, confiado que antes que dom Vasquo partisse da India deixaria os negocios em termo que os nossos podessem tratar com os da terra, como com amigos, e que se guerra ouvesse, seria no mar contra os Mouros, que navegavam dos mares Darabia, e Roxo pera o Malabar. Destas seis naos, como atras fica dito, fez duas capitanias, das quaes deu huma a Afonso Dalbuquerque, os outros dous capitaens que hiam debaixo da sua bandeira eram Duarte Pacheco Pereira, de quem atras fallei, e fallarei ao diante, o terceiro era Fernam Martins Dalmada que morreo nesta viajem, a outra capitania deu el Rei a Francisco Dalbuquerque primo Dafonso Dalbuquerque, os outros dous capitaens eram Nicolao Coelho, que foi com dom Vasquo da Gama a primeira vez a India, e Pero Vaz da Veiga, em cuja companhia mandou hum Valenciano per nome Antam Lopez que viera da India com Ioam da Nova, o qual Antam Lopez el Rei mandava com embaixada ao Emperador da Ethiopia, e Reis dos Abexis. Partio Afonso Dalbuquerque do porto de Bethelem, a seis Dabril destanno de M. D. iii, e Francisco Dalbuquerque aos xiiij. do mesmo, dos quaes Francisco Dal-

buquerque fez o caminho primeiro, que Afonso Dalbuquerque, porque chegou no mes Dagosto a Anchediva com Nicolao Coelho, sem Pero Vaz da Veiga, que se perdeo sem se saber como. Alli achou Francisco Dalbuquerque Pero Dataide, e outros capitaens que escaparam da tormenta de Curiamuria, onde seperderam os Sodres, e com elle Antonio do Campo, de quem atras fallei, dos quaes soube o que se passava em Cochim, pelo que posto que ainda o inverno durasse, se foi caminho de Cananor, onde chegou com estas seis velas, e soube dos nossos que alli estavam particularmente tudo o que acontecera a el Rei de Cochim na guerra passada, e o mesmo lhe contou el Rei de Cananor, pelo que se fez logo a vela pera Cochim, onde chegou um sabbado dous dias de Setembro, do que el Rei que ainda estava em Vaipim, e todollos que se alli recolheram foram mui alegres, e sobre todos os nossos, que a olhos longos estavam sperando naos, e novas de Portugal. A gente de guerra que el Rei de Calecut deixara nas tranqueiras que mandara fazer em Cochim, no dia que a nossa armada chegou, se acolheo pera Cranganor, por lho assi ter mandado dizer el Rei de Calecut, como soube que a nossa frota era chegada a Cananor. Francisco Dalbuquerque depois que as naos surgirão se foi nos bateis a ilha de Vaipim, onde o el Rei de Cochim veo receber a praia, e sem nenhuma superstição das que vião em suas vistas os Reis do Malabar, o levou nos braços em saindo do batel dizendo a alta voz Portugal, Portugal, e assi todolos Naires que com elle estavão, ao que os nossos com a mesma alegria responderão Cochim, Cochim, com a qual festa a som de anafis, e outros instrumentos da terra, e das nossas trombetas se forão para dentro da ilha onde depois de Francisco

Dalbuquerque ter sabido as necessidades del Rei de Coehim, procedidas da amizade que tinha com os Portuguezes, allem do presente que lhe dava da parte del Rei dom Emanuel, lhe deu dez mil cruzados do dinheiro que trazia para despesa darmada, e carga das naos, aqual liberalidade não tão somente fez espanto aos del Rei de Cochim, mas muita enveja aos que o deixaram pelo serviço del Rei de Calecut, do que ao mesmo Rei coube boa parte, porque esta gente do Malabar he huma das mais dada a interesse, e a seu particular proveito, e de menos despesa de todallas que se no mundo sabe. Entregue pelo feitor darmada este dinheiro aos officiaes del Rei de Cochim, logo no mesmo dia o levou Francisco Dalbuquerque nos bateis a cidade, e lhe deu a posse della em nome del Rei dom Emanuel. E por não estar ocioso, no mesmo dia deu em huma ilha que está defronte de Cochim de que o Caimal se lançara com el Rei de Calecut, onde matou muitos dos da terra que estavão bem descuidados deste sobresalto, e queimadas algumas das povoações da ilha se tornou victorioso pera Cochim, donde logo ao outro dia deu em outra ilha del Rei de Cochim per nome Chirivaipim, de que tambem o caimal lhe fora tredor, lançandosse com el Rei de Calecut, o qual caimal matou com muitos dos seus naires, postoque consigo tivesse tres mil, e muitos paraos, com gente del Rei de Calecut, allem do que lhe queimou as casas em que morava, no qual negocio Duarte Pacheco Pereira, Nicolao Coelho, Antonio do Campo, e Pero Dataide fezerão o que a bons e esforçados cavalleiros convinha, porque Duarte Pacheco desbaratou a gente, e paraos del Rei de Calecut, e Nicolao Coelho, Antonio do Campo, e Pero Dataide ganharão as tranqueiras dos paços do Caimal, e o mataram, e

mandaram poer fogo ás casas. Avida esta victoria por ser de calidade pera isso, armou Francisco Dalbuquerque alguns cavalleiros no mesmo lugar em que a ouvera. O que feito se tornou pera Cochim, donde ao outro dia fez entrada na ilha de Repelim que he del Rei de Calecut, na qual achou resistencia de mais de dois mil Naires que desbaratou, e fez fugir ate o principal lugar da ilha, onde ouve com elles crua peleja, mas em fim depois de serem muitos mortos, os outros desempararão o lugar, do qual Francisco Dalbuquerque deu o despojo aos Naires del Rei de Cochim, do que lhe deram graças e roubarão tudo o que acharão, o que feito lhe mandou poer o fogo. Avidas estas victorias, com seiscentos Portugueses que Francisco Dalbuquerque levou consigo, e alguns naires del Rei de Cochim, elle se tornou perá Cidade, onde o el Rei recebeo com tanta festa, e alegria, como o soem fazer os vencidos, e desbaratados áquelles per cuja ajuda, e favor sam restituidos nos regnos, senhorios, e bens de que per tyrania de guerra, e outros desastres sam despossados, sem sperança de restituiçam.

CAPITULO LXXVIII

De como el Rei de Cochim deu licença a Francisco Dalbuquerque pera fazer huma fortaleza onde lhe bem parecesse, e da chegada Dafonso Dalbuquerque.

Vendo Francisco Dalbuquerque o tempo disposto, e quanta necessidade avia de se fazer huma fortaleza em Cochim, pera segurança dos nossos, e do mesmo Rei, lhe pedio pera isto licença, a qual lhe deu, mostrando levar disso muito contentamento, e dizendolhe que a queria fazer á sua custa, por serviço del Rei de Portugal seu irmão. Avida a licença Francisco Dalbuquerque, com parecer dos outros capitaens, e feitor assentou, que se fezesse acima de Cochim, na borda do rio, em hum lugar forte, e defensavel, de que se podia fazer muito damno aos del Rei de Calecut por acostumadamente entrarem por aquella banda quando faziam guerra ao de Cochim, e por nam terem entam pedra, nem cal prestes a fezeram de madeira de Palmeiras, e doutras arvores, que el Rei deu licença, que se cortassem nos seus bosques, e palmares. Esta obra se começou aos xxvij, dias de Setembro do anno de M. D. III. a qual el Rei hia ver muitas vezes, não querendo que trabalhassem os nossos nella, senão os da terra, e assi o pedio a Francisco Dalbuquerque: com tudo pelo desejo, que tinham de a acabar, assi Indios como Portugueses trabalhavão de mestura. Andando Francisco Dalbuquerque occupado nesta obra quatro dias depois de ser começada, chegou Afonso Dalbuquerque a Cochim, com as suas

tres naos, e a gente asaz bem disposta, posto que na viajem passassem muitas tormentas, e tempos contrairos, que lhe causaram chegar tão tarde, com cuja vinda se acabou a fortaleza com mor brevidade, o que feito ordenaram os capitaens huma procissam em que o vigario levava hum Crucifixo de baixo de hum paleo, indo diante trombetas, e foliães, e assi forão per toda a cidade com muito espanto dos Indios, de verem o nosso modo de religião, e prazer por caso da folia, cousa que aquelle tempo não virão, na qual ordem entrarão na fortaleza, que o vigario logo benzeo, e lhe pos nome Emanuel, por lembrança de nosso Senhor, cujo o proprio nome he, e por memoria del Rei dom Emanuel, em cujo tempo se fezera, e a Cruz pos na Egreja, que ja estava começada, e lhe deu nome da invocação de S. Bartholomeu. Acabada a fortaleza, Afonso Dalbuquerque, e Francisco Dalbuquerque começarão de novo continuar na guerra contra el Rei de Calecut, fazendo logo sua entrada com setecentos Portugueses, e alguns Naires del Rei de Cochim pera irem sobre humas povoaçoens do senhor de Repelim, cinco legoas de Cochim, de longo do rio, nas quaes deram de subito, e matarão muitos dos imigos, e os outros fezeram fugir, mas depois da terra ser apelidada, se ajuntaram mais de seis mil Naires, que os trataram mal, se não fora a boa ordem em que se recolherão aos bateis, no qual negocio por Duarte Pacheco não achar o seu no lugar em que o deixara, teve trabalho em se defender daquelles que o seguião, por o apertarem tanto, que se não fora o grande esforço com que pelejou, e acodirlhe Afonso Dalbuquerque, e Francisco Dalbuquerque nos bateis, dificilmente podera escapar das mãos dos imigos. Embarcado Duarte Pacheco se foram todos pera Cochim com oito homens feridos de frecha-

das, e nenhum morto, levando consigo sete paraos que tomaram, a fora quinze que queimaram, questavão varados em terra. Chegados a Cochim sem entrarem na fortaleza logo aquella mesma noite forão dar em outros lugares do mesmo senhor do Repelim, na qual entrada por Afonso Dalbuquerque se adiantar dos outros bateis, correo grande risco, porque os naires que guardavão a povoaçam que elle foi commeter, lhe matarão dous homens, e ferirão vinte, no que esteve ate o romper da alva, a qual hora chegou a elle Francisco Dalbuquerque, e os outros capitães, que se logo lançaram dos bateis, e paraos pera lhe acodir, com cuja vinda os imigos foram desbaratados, fugindo pelos palmares, matando os nossos muitos delles no alcance. Acabado este negocio, e queimada a povoaçam, foram dar no mesmo dia na ilha de Cambalam, onde queimaram duas grandes povoações, e mataram mais de setecentos dos imigos, com a qual victoria se tornaram a Cochim, dando conta a el Rei do que fezeram, do que levou muito contentamento. Com tudo porque de sua condiçam era muito bom homem, e piadoso, lhes rogou que nam fezessem mais mal do que ja tinham feito, que elle se dava por vingado de seus imigos, o que nam abastou pera os nossos deixarem de fazer outra entrada pelas terras del Rei de Calecut, e imigos del Rei de Cochim da qual Afonso Dalbuquerque, e Francisco Dalbuquerque, depois de terem feito assaz de mal nos lugares sobre que foram dar, se recolheram com muito trabalho, por virem sobrelle seis mil Naires, entre os quaes avia alguns espingardeiros. Nesta entrada desbaratou Duarte Pacheco, com a gente da sua capitania trinta, e quatro paraos del Rei de Calecut bem armados, que defendiam os passos aos mercadores que trazião pimenta a Cochim, pera carga das naos.

FIM DO SEGUNDO VOLUME

OBRAS PUBLICADAS

I — Historia do Cerco de Diu, por *Lopo de Sousa Coutinho*, 1 volume (esgotada).....

II — Historia do Cerco de Mazagão, por *Agostinho Gavy de Mendonça*, 1 volume (esgotada).....

III — Ethiopia Oriental, por *Fr. João dos Santos*, 2 grossos volumes (esgotada).....

IV — O Infante D. Pedro, chronica inédita por *Gaspar Dias de Landim*, 3 volumes.....

V — Chronica d'El-Rei D. Pedro I, (o Cru ou Justiceiro) por *Fernão Lopes*, 1 volume.....

VI — Chronica d'El-Rei D. Fernando, por *Fernão Lopes*, 3 volumes.....

VII — Chronica d'El-Rei D. João I, por *Fernão Lopes*, 7 volumes.....

VIII — Chronica d'El-Rei D. João I, por *Gomes Eannes d'Azurara*, vol. I, II e III (VIII, IX e X).

IX — Dois Capitães da India, por *Luciano Cordeiro*, 1 volume.....

X — Arte da Caça de Altenaria, por *Diogo Fernandes Ferreira*, 2 volumes.....

XI — Apologos Dialogaes, por *D. Francisco Manuel de Mello*, 3 volumes.....

XII — Chronica d'El-Rei D. Duarte, por *Ruy de Pina*, 1 volume.....

XIII — Chronica d'El-Rei D. Affonso V, por *Ruy de Pina*, 3 volumes.....

XIV — Chronica d'El-rei D. João II, por *Garcia de Resende*, 3 volumes.....

XV — Vida de D. Paulo de Lima Pereira, por *Diogo do Couto*, 1 volume.....

XVI — Chronica d'El-Rei D. Sebastião, por *Fr. Bernardo da Cruz*, 2 volumes.....

XVII — Jornada de Africa, por *Jeronymo de Mendoça*, 2 volumes.....

XVIII — Historia Tragico-Maritima, por *Bernardo Gomes de Brito*, vol I a XII.....

XIX — Jornada de Antonio d'Albuquerque Coelho, por *João Tavares de Vellez Guerreiro*, 1 volume..

XX — Chronica d'El-Rei D Affonso Henriques, por *Duarte Galvão*, 1 volume.....

XXI — Chronica D'el-Rei D Sancho I, por *Ruy de Pina*, 1 volume.....

XXII — Chronica d'El-Rei D. Affonso II e de El-Rei D. Sancho II, por *Ruy de Pina*, 1 volume. ..

XXIII — Chronica d'El-Rei D. Affonso III, por *Ruy de Pina*, 1 volume .....

XXIV — Chronica d'El-Rei D. Diniz, por *Ruy de Pina*, 2 volumes. .....

XXV — Chronica d'Elei D. Manuel, por *Damião de Goes*, vol. I e II. .....

EM PUBLICAÇÃO

Chronica d'El-Rei D. Manuel, por *Damião de Goes*, vol. II

cp 6.6.67

DP
604
G6
1909
v.2

Goes, Damião de
Chronica d'el-rei
D. Manuel

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 07 05 07 021 0